VIDA, E FEITOS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMES DA SILVEIRA MALHÃO,

Escrita por elle mesmo:

Com as Obras quantas compôz em prosa, e verso, até ao Anno de 1789: o solemne da sua Formatura, semeadas pelo corpo da Obra nos seus respectivos lugares, com as Rubricas mais competentes; e com as posthumas de seu Irmão, Antonio Gomes da Silveira Malhão.

TOMO III.

Sebastião Joze Lourenço

LISBOA: 1823.

NA TYP. DE J. F. M. DE CAMPOS.

Ruim seja o que por ruim se tem.

Bento Pereira no Thes. da Ling. Portug. P. II. p. 237.

AOS LEITORES.

AMigos, a razão da demora deste III. Tomo, eu vo-la faço saber nas Cartas que recebi, e na resposta que dei.

CARTA AO AUTHOR.

Amigo Malhão.

DE ha muito a esta parte, e não sem alvoroço, esperamos a sahida de teu III. Tomo: tu não deves enganar o Público, e os teus Amigos desejão anciosos ver-te já formado, e acabadas tuas Aventuras até esse instante, na fórma que o annunciaste: eu sei que tem tido extracção grande: e assim não sei que motivo possa haver, para que tu te descuides tanto: ora não nos trates de modo que não correspondas á nossa amisade, malogrando os nossos desejos.

Teu Amigo.

J. J. B. L.

RESPOSTA DO AUTHOR.

Amigo.

RECebi a tua Carta, e a fallar-te com o coração nas mãos, assentei fixamente que nem tu, nem os outros terião já lembrança deste Condiscipulo; mas ainda bem, que morrendo para alguns, ainda vivo para muitos: Vamos ao caso.

Eu já levava em boas alturas o meu III. Tombo, ou boleo: li porém o Jornal de Maio, e tomei tedio a ser Escritor, reconhecendo haver-me enganado, pois a frase de que me sirvo, e de que me pagava, como propria da Obra, he o que ahi principalmente se ataca: não nego que por outra parte este Critico me prodigalisa louvores, mas sempre são suspeitos á vista do menoscabo, com que os entrelaça por entre a censura magistral com que me falla: nestes termos, assento ser pezado ao Público, e devo em consequencia alliviá-

lo deste dispendio, bem que voluntario: em Agosto nos veremos, e mais largamente trataremos desta materia.

Amigo, e verdadeiro Amigo.

Francisco Malhão.

Resposta desta Carta pelo mesmo Amigo.

Meu rico Malhão.

NÃo te suppunha ainda tão restricto a opiniões vagas, nem tão amante da tua reputação scientifica, que chegues ao ponto de não querer que haja quem te censure: enganas-te, e pelo contrario observarás que não ha livro com geito, de que se não ralhe. Tu a estas horas imaginas, que os Authores do Jornal tem em si o pensar do mundo inteiro, ou que são como huns Almotacés deste genero? não he assim, pensão como querem, e dos seus dis-

cur-

cursos tambem cada hum pensa como lhe parece: elles tem alguma razão na hypothese, de que tu imaginaste huma Novella, e não sabem que tu contas factos, bem que da vida commum, com tudo, acontecidos, e presenciados por nós outros que lhes achamos a graça, que elles não podem achar-lhes; e com effeito o ser a tua vida huma producção da fantasia, então era certamente huma fantasía pobre. Não deve a meu ver ser este o motivo de nos privares de ver completa a Obra, muito principalmente, quando tu a tomaste de empreitada, e os teus censores trabalhão de jornal: de maneira, que tu trabalhas para te utilisar, e elles com o mesmo fim fórmão os seus juizos sobre as Obras dos outros. Lembra-te que quem entende não precisa da lição do Jornal, e quem por ella se guia, então faz pouco vulto o negar-te o teu voto, pois que hum conto que do Jornal aprendêo, não tem mais pezo do que o mesmo Jornal;

nal; e quando á frase, sou de voto que sigas a mesma em que começaste, salvando sempre a opinião dos Criticos; e o Diccionario que elles appetecem para a sua intelligencia, cá se lhes fará. Regala-te, e continua, e para Agosto te espero com elle.

Teu Amigo.

J. J. B. L.

EPOCA VII.

CAPITULO I.

§ I.

REalisada por Ordem Regia aquella mesma ordem, e arranjamento, em que me havia illegitimamente constituido no terceiro anno de Leis da maneira, e modo, que hia historiando no Tomo II. Epoca VI. Cap. III. §. XVIII. com o qual aterôa quanto agora se segue, dada assim a razão de ordem, e carencia de fugitivos; cuidei seriamente em fazerme digno do favor, e em sustentar o posto que havia tomado, temperando os frios das manhãs com as boas esperanças de vir huma, em que acordasse vanglorioso conductor

de minhas Cartas: não fiando isto sómente de minha tenção, mas tambem do zelo, com que o Senhor Monteiro; meu Mestre daquelle anno, sollicitava o adiantamento de seus discipulos, certo por huma traição constante, de que elle se não abalava, nem a rogos, nem a caramunhas: pelo que posso affoitamente jurar, que neste anno estudei mais, do que nos outros dois antecedentes, tomados ambos pelo grosso.

§. II.

Nunca se me fez violento, que me pedissem lição: era-me suave huma Dissertação até por Semana; e sem espanto ouvia o meu nome, resmungado pelos Bedeis, em occasiões de Sabatina: consistia o meu incómmodo, em me levantar tão cedo, com o frio com que o clima de Inverno presentêa a quem alli vive: e por isso não escapei a ser apontado em aquelles dias, nos quaes cheirava a impiedade por hum homem o corpo de porta a fóra, embrulhado em huma bae

batina, cujos fios andavão em divorcio huns com outros, e debaixo de hum chapeo de Sol, e chuva, que á boca de cada rua, era desenfado do vento, riso de quem passava, e consumição de quem o conduzia.

§. III.

Em fim com huma no cravo, outra na ferradura, hia eu levando o meu anno direitinho, sem que jà se escrupulisasse àcerca de minha Doutorice; se bem que não houvesse de todo apostado de funções caseiras, furias de campo, e rio, e das mais farofias, em que o meu estabelecimento tinha as pedras fundamentaes, e sem que eu não podia firmar passo, sem que me arriscasse a deixar rasto.

§. IV.

Além dos amigos que sempre me ajudàrão, e de que tenho tratado, contei de novo a Antonio Roiz: Caldas, José Pereira Caldas, Antonio de Sousa Caldas, Filippe de Sousa

Canavarro, D. Diogo, e D. Luiz de Sousa, que todos me recebêrão em protecção, aggregado pelo meu estimavel amigo José Calheiros, Mathematico-Fysico, homem digno de maior fortuna, e que ao presente não sei como della lhe vai, e nas mesmas circumstancias o considero a respeito da minha: mas vamos andando.

§ V.

Ainda que eu de todo não tinha arrumado a guitarra, sempre me eximia quanto era possivel de funções, por me haverem avisado, de que meu Mestre não olhava bem para Poetas, não obstante serem citados no corpo do Direito, e haverem com a sua melodia arrebanhado os primeiros homens, levando-os dos desertos, para se arrancharem nas Cidades: por isso me lembro de fugir a estes ataques, e muito bem me recordo, que o primeiro gazeo, que fiz no 3.° anno, foi por ir assistir ao Noivado de certa menina, hum tan-

to bella, por nome Joaquina; aonde foi muita gente, e aonde eu depois de improvisos, encaixei, como feito alli de repente hum Soneto, o qual a hum igual assumpto tinha sido Obra dos meus dias da Torre d'Aguilha: foi elle muito applaudido, e copiado, e he o que se segue:

SONETO.

No regaço de Venus reclinando
Amor o lindo rosto, suspirava,
A mãi no amargo pranto, que espalhava,
O candido sendal hia ensopando.

Da frente as loiras tranças arredando,
Nas faces rubicundas o beijava;
A causa de seu pranto perguntava,
Ao que Amor respondia soluçando.

Choro, querida Mãi, meu proprio damno,
Pois o rosto perdi mais delicado,
Com que dos corações me fiz tyranno:

Liguei Josina em Hymeneo sagrado,
E por fazer feliz hum só humano,
Fiz o resto dos homens desgraçado!

§. VI.

Neste anno houve Abbedeçado em Seadelgas, em que se não dispensou a minha assistencia, e ahi, além da função ordinaria, houve máquina aerostatica, ordenada por huns curiosos, e a mais feliz do que todas daquelle anno, sendo então este o frenesi, que produzio infinidade destes papagaios, a que huns davão o nome de balões, outros de manicas e os rapazes de monicas: prégou de arraial, com o seu costumado espirito, José Pedro da Silva Nolasco, e glosou com geral applauso Joaquim Baiana, Poeta, que então appareceo naquelle outeiro, assim como os trabalhos, que facilmente surgem debaixo dos pés; e a final houve joguinho em que pela vez primeira sahi de lucro.

§. VII.

Tornado a Coimbra, e no meio de minha fervorosa applicação appareceo Henrique José de Castro com a sua primeira Tragedia intitulada

Pria-

Priamo; e como gostei della atanazei-o, para que melhor a gostassemos posta em Scena: apparecêrão difficuldades, como v. g., vestidos, casa còmmoda, e personagens: a tudo se derão sahidas; e como elle se não pouvava a gastos, nem o Pai se lhe dava delles, mettemos mãos à obra, tirárão-se, e repartirão-se as partes, e muito em segredo se começou a agenciar a representação: fiquemos aqui porque o resto pertence a outro lugar.

§. VIII

Tinha meu irmão ficado em mais descanço das Musas, em consequencia de molestia que lhe sobreveio; e se bem que o estro lhe não tinha affracado, com tudo, os mais apaixonados dos seus versos lhe quartavão os improvisos, e affastavão de excessos; e por isso tambem eu me escapolia de andar tanto na maromba: ás vezes porém era precizo comparecer nas funçanatas, e tanto, que estando elle não pouco doente, assim

sim mesmo nos não podémos dispensar do obsequio a certo Fidalgo aportado a Coimbra, e foi então, que elle parece ou advinhava que pouco témpo lhe rastava para versos, ou a sua Musa tomou especial partido no festejo daquelle dia; por que apparecendo depois de outros assumptos o Verso: *O teu rost encantador*, depois de hum extenso, e assisado improviso, rematou com a Decima seguinte:

Quiz hum dia a Natureza
Fazer huma cousa rara,
E consta que meditàra
Mais d'huma vez nes'ta empreza:
Da branca neve á belleza
Juntou do carmim a cor;
Poz-lhe fogo abrazador;
Tudo o que he bello lhe unio,
E desta massa sahio
O teu rosto encantador.

§. IX.

Indo as cousas como tenho dito,

e

e chamando-me Anarda com choradeiras amorosas, chegado o tempo do Natal, com anticipação de alguns dias, marchei para Obidos, levando no primeiro a marcha a Pombal, e no segundo a Leiria, aonde fiz a minha entrada ás quatro para as cinco horas da tarde.

§. X.

Como eu quando alli representei vim ao theatro no fim da peça armado de guitarra, e entre alguns versos sobre que fiz quadras, foi hum delles: *O Malhão faz a folia*, apenas os rapazes me vírão entrar, ao som dos estallos da minha retumbante manobla, começárão de seguir-me, postando-se huns pela frente, e outros á estribeira arremedando o meu tom de improviso, e invertendo o verso, pois que na confusa vozaria, sómente lhes escutava: *O Malhão vai na folhinha*. Assim me acompanhárão até ao Terreiro, sitio da casa do meu bom amigo Miguel Luiz da Silva e Ataide,

de, aonde fui recebido, com alvoroço, e ahi se fizerão versos à roda de hum excellente brazeiro, com que se resiste ao frio de similhante estação.

§. XI

Nessa noite ourinárão as nuvens diabeticamente, e se eu de madrugada não abalasse sem dar palavra, certamente ficaria de morada, e tarde me chegaria a hora de fazer o meu rompante de estalo, dando assim aviso a Anarda, de que era aportado aos Paizes natalicios, a fim de gozar os saborosos, posto que acanhados prazeres de a ver ao largo, e tratar de longe pela frase subsidiaria dos acenos, na vaga de escrever, e ler escriptos, saudavel pasto dos namorados.

§. XII.

Vencendo hia eu os lamaçaes que se alojão todos os Invernos, no plano que se extende entre a Galpilheira, e a Batalha, aqui esbarro, alli me atolo, influindo ao cavalinho o

ani-

animo possivel, quando, ò Santa Virgem, entrou a zunir-me pelas orelhas a chuva mais fria, e grossa, que o meu capote agasalhou nos muitos annos em que me servio, em jornadas desta categoría, dei de picar o potro sem alma, nem consciencia; mas quando cheguei á Batalha, não levava enxuto, se não a parte do corpo, e do fato, que assentava em cima da sella, e por felicidade a mala, por ser nova, e cahir-lhe o capote por coberta, sem fazer dobra, e não ter buracos por aquella parte.

§. XIII.

Pertendi mudar de vestimenta, mas achei a estalagem tão desprovîda de lume, e de cousa que a elle se pozesse, que tomei por melhor partido, ir atirando comigo para S. Jorge, a cuidar da humanidade com mais commodo: e depois de outra igual fadiga, pela ladeira que se segue aquella Villa, dei finalmente fundo na appetecida estalagem, aon-

aonde até achei para almoçar hum porco morto de fresco: dei as ordens necessarias, e fui cuidar da alimaria, que estava como sahida de hum banho.

§. XIV.

Mudei de roupa, e feito isto me assentei á meza, cara a cara com huma frigideira de carne de porco, recem-falecido, namorando ao mesmo tempo hum azado pichel de vinho branco; e engolindo estava eu, quando de repente appareceo á porta huma patrulha de Soldados, e no meio delles hum Mocetão bem fornido, sentado em huma egoa de albarda, porém com os pés adereçados com robustos grilhões; apeárão-no, e conduzírão para dentro, e elle me saudou com hum ar muito desenfastiado, e com bastante pachorra se assentou, mas sempre com dois camaradas á vista.

§. XV.

Offereci-lhe do que tasquinhava, e por signal que elle nenhuma duvida

da pôz em aceitar, do que nada se me deo, não só porque nunca offereço por comprimento, mas tambem porque o almoço era grande, e me achava hum tanto nauseado, pois ás duas por tres fui descobrindo mais gorduragem do que carne magra, cousa que nunca arranjou bem no meu estomago: e pelo contrario o meu hospede de meza, levava-se por ella com todo o desenfastio, quer fosse que lho pedisse o seu paladar, quer lho rogasse a fome daquelle dia.

§. XVI.

Lá vai, cá corre; e entre mais a mim, e mais a ti, pedio-me elle licença para dar hum copo de vinho a hum Soldado, ao qual sómente tratou pelo nome de Lopes: e me disse que daquella patrulha era o unico a quem devia obrigações, pois só elle o tratava com caridade no seu infortunio.

§. XVII.

Isto deo azos a que eu lhe perguntasse

guntasse a causa de ir a ferros, e debaixo de huma tão escrupulosa segurança: ao que elle me satisfez com huma energia, e desenfastio, que nas palavras reluzia a verdade de quem as articulava: e ao passo que eu me entristecia com a narração, se surria elle, fazendo-me reflectir, que quem está no mundo, ainda póde passar por cousas maiores, e que outros conhecêra em peior estado, do que elle se via; e o caso he o seguinte, segundo elle contou, e os guardas não contradisserão; o qual escrevo *parum, ve minus ve*, para instrucção do que póde hum inimigo.

§. XVIII.

Nasci de Pais honrados, me disse elle, e nunca fui de fazer cortezias, nem bajulações, acompanhadas de caretas, e torcicólos, nem de peccar contra a Lei em prodigalizar tratamentos que exigem certos fantasmas, que amanhão Fidalgos com mais facilidade do que hum olleiro

faz

faz huma pucara na sua roda. Por morte de meus Pais fiquei Adminisrrador de huma pequena Capella, proveniente da parte de minha Mãi: ha perto da minha habitação, hum Cavalheiro, que he realmente o dizimo do que pertende, e como a minha lingua não lhe atinava com o postiço tratamento os aduladores lhe dão, tomou-me que em odio tão mortal, que manejando que o seu dinheiro, e valimentos fez apparecer hum filho de meu Avô materno, maior em nascimento do que minha Mãi, ao qual posto que natural fez julgar Administrador da Capella de que eu me mantinha em fartura, e independencia, porque não excluia bastardia; gastando para isso tanto, quanto poderia tirar-me, com o unico fim de cevar a raiva que me professava: clamavão que se guisse o pleito, porque a prova da naturalidade nos era concludente: eu porém que vivia desgostoso; e me chamava hum Tio paterno, que tinha no Serro do frio, dei-

deixei tudo, e fui para elle, a gozar da tranquillidade que sempre amei: dispúz a minha jornada, e fiz a despedida ás poucas pessoas, com quem convivia, e chegado ao Porto, embarquei-me logo, e fiz a minha passagem para a America, com vento favoravel.

§. XIX.

No dia seguinte á noite da minha retirada aconteceo achar-se morto hum rapaz, que havia sido creado do Cavalheiro: e este ainda não contente de me privar da fazenda, aproveitou o indicio de minha partida, comprou testemunhas, e me fez pronunciar author daquelle delicto, deixando-se assim ficar, com aquelle punhal, que a todo o tempo podésse desembainhar contra o meu socego.

§. XX.

Passados dezoitos annos, e morto meu Tio, herdeiro de seu cabedal, e saudoso da Patria, embarquei-me para o Reino; e quando cuidei que vinha ter em frugal descanço o resto

de meus dias, e achei pela proa a Sua Senhoria, o qual apenas soube de minha chegada, mecheo o crime que me havia engendrado, e deo comigo prezo, na mesma noite em que tornei a recolher-me no meu albergue.

§. XXI.

Entrei a querer patentéar a minha innocencia, mas ví que a empreza era difficultosa á testa de hum tal inimigo, cheio de valimentos por o ser de dinheiro, e para obstar a tantas difficuldades, eu mesmo implorei ser removido para Lisboa, a fim de que em huma terra, aonde aquelle gigante fica sendo hum Pigmêo, melhor, e mais azadamente faça concludente a minha defeza, não só pelo que respeita á liberdade, mas tambem para remover a suspeita, de que fora capaz de perpetrar hum homicidio, pois que a honra, e boa reputação se fazem tão estimaveis ao homem de bem, como a propria vida.

§. XXII.

Veja vosse, me dizia elle, brandindo o garfo; veja vosse o que póde, e a quanto obriga a negação de huma Senhoria! Tenho com tudo a optima quartada, de que na noite da minha jornada, e a da morte que se me attribue, entrei para huma casa ás Ave-Marias, aonde estive effectivamente na companhia de doze pessoas, e della, por felicidade sòmente sahi, para montar a cavallo, a tempo que rompia o dia, sendo até meia legua acompanhado de quatro dellas, accrescendo de mais a mais, que ao morto não se acharão, nem feridas, nem contusão de qualidade alguma.

§. XXIII.

Com esta historia nos entretivemos, até que o Guardião da comitiva, disse que era tempo de partir, e nisso foi elle cuidando, e eu; e ouvido *o faça-lhe bom proveito* da estalajadeira o fui acompanhando, até onde o caminho se divide para Lis-

boa,

boà, e Alcobaça; ahi lhe disse ó vale, e vim picando para Aljobarrota, cuja ladeirola desci com o Credo na boca, chapinhando barro, e por entre nuvens de agua.

§. XXIV.

Foi esta segunda molha de tal naturesa, que precisei novamente de mudar de fateota; mas porque nunca fui de trastes superfluos, em attenção a alguns delles por alagados, foi preciso socorro da cama, entrementes, que os dei a enxugar á fogueira; e por isso foi tambem consequencia forçosa, amalhar alli o dia, e a noite, ouvindo os effeitos da chuva que apanhei, no embate do rio com a ponte visinha, e no espalhafato do telhado por muito mistico: e como me achava com tanto vagar, lembrando-me destes fracassos, e de outros, e tambem do miseravel prezo, cuja historia tinha filada nos ouvidos; roguei hum tinteiro, e produzi o seguinte que não pude rimar, segundo o meu costu-

me, pois creio que a Musa se me desâ
encrespou com a chuva, assim como
os caracoes de meu cabello,

Ao dito.

Discordes lutão na nublada esfera
Os rijos ventos, e rodando as Pleidas
Do alto envião o choveiro espesso
Que o monte alaga.

Rajadas frias, encanadas correm
Por entre os valles, e soberbo o rio
Montando as moutas, derribando os troncos
A terra escava.

Fadigas perde, os suores frusta,
E tu, Colono, do portal espreitas,
Pàllido o rosto, malogrado o fructo
De teus trabalhos.

Assim se afflije pela noite escura
Pastor que escuta o oivar tremendo
Da féra brava que ciladas urde
A's rezes mansas.

Nin-

Ninguem respira sem temor na terra
Debalde busco hum seguro asylo
São tudo tramas, e no mundo todos
Tem seus contrarios.

Por enrre as flores de mimoso cheiro
Nevados dedos descuidados achão
O dente agúdo de letal serpente,
Que astuta morde.

Onde mais doce verde relva paste
Tenro cordeiro, que ao pastor se alonga,
Ahi nas garras de faminto lobo
A vida perde.

No porto amado que ancioso busca
Depois d'as Circes, e os escolhos duros
Vencer possante, marigavo lenho
Ao fundo desce.

Assim me encontro alguns outros acho,
E sempre o tempo nos descobre a todos
Que he monstro enorme, he desgraça horrivel
Hum inimigo.

§. XXV.

No dia seguinte appareceo a Aurora com aspecto mais favoravel, e feito o bico ao sacho, por meio de mastigar, trepei a mizela, e desenrolando quatro estalos, virei proa á vestiaria, cavalguei a sélla, e por ascapar ás areias cégas do rio Xarnais, descambei sobre Alfazirão, passei Tornada, palrei nas Caldas, e finalmente entrei na minha Patria, quando o Sol começava a descahir para a parte de sua tumba.

CAPITULO II.

§. I.

AO passar pela porta de Anarda, appareceo ella, mas no encontrão das nossas vistas, não descobri aquelle prazer, com que o seu rosto costumava apparecer-me; entrou logo a doer-me o cabello, e escancarou-se a porta á justa desconfiança, de que a minha retirada tinha feito abrigar em seu coração algum objecto mais

fi-

fixo na terra, e não sujeito aos vais, e vens, em que eu sempre andava: assim o pensei, mas não me quiz dar por achado; e me propuz a huma observação manhosa, a fim de que com acerto lhe fizesse o que já tinha feito a outras pelas mesmas culpas.

§. II.

Ainda sem eu chegar á ultima prova, já hesitava muito pouco ao cabo de tres dias, que a Senhora Anarda me havia feito gambernia, e pregado mono; até que para tirar o saibo a qualquer duvida, me deparou a fortuna huma sahida da terra, da qual lhe dei parte: e como esta se frustrou, e ella me suppunha ausente, teve a embatucação de acharme por testemunha do galenteio, e expressões de aceno, com que entretinha aquelle mesmo sujeito, para quem minhas suspeitas se inclinárão sempre: isto me sobejou, e logo segundo o meu costume, lhe mandei a despedida em verso; pois como

mo por versos começava os meus namoros, em verso os devia finalisar, em contemplação do axioma juridico *per quascumque res nascitur*, e constava a remessa da seguinte

CANÇÃO.

Aquelle dia, ha tantos agoirado
Pelo meu coração, que hé bem desprezes,
Chegou; peito fingido, e retalfado!
Depois da fé jurada tantas vezes!
E mal suppunha,
Que do engano, e da affronta, Anarda injusta
Por mal maior eu fosse testemunha!

Oh como differente me avistaste
D'aquelles dias que por mim choravas!
Debalde regozijo me affectaste,
Que eu vi logo os enganos, que occultavas;
Em vão pertende
Sentimentos traçar hum falço gesto,
A quem do rosto humano a frase entende.

O riso verdadeiro não se espalha,
Sem outras formas, que o sentir-lhe empresta;
Se a pallidez a grande susto falha,
A falsidade he logo manifesta:
Trabalha em vão,
Quem quer pintar na face industriosa
Aquillo que não sente o coração!

Pois não pódes negar-me a justa queixa,
E offensas não supporta hum peito honrado,
Na posse desse bem, por que me deixas,
Em paz respira, peito a enganos dado!
Eu qualquer dia
Ouvirei os queixumes que elle fórma,
Que apoz huma vem outra aleivosia.

Canção, dize-me a amor, que ao mesmo passo,
Que minha alma fez branda ás settas suas,
Me torna o desengano o peito d'aço
No castigo devido a offensas duas,
E nem me custa
Huma lagrima só, hum só desgosto,
Para sempre deixar huma alma injusta.

§, III.

Impinjido assim o recado, e morta a paixão de tanto tempo, logo ao terceiro dia de minha chegada,

veio-

veio-me á cabeça ir concluir em Lisboa, o que me restava de ferias, e de lá mesmo fazer a couducção para Coimbra: isto foi assentado no dia da Carta, e dado á execução no que se lhe seguio: e eis-aqui, como eu me desapegava destas bandoleiras, que amão por moda; gente de que no meu tempo havia muita, e creio que hoje será o mesmo, porque o tempo não muda de todo as condições

§. IV

Chegado a Lisboa, visitei os meus conhecidos, e camaradas, e cuidei em arranjamento para Coimbra; e foi então que eu recebi de hum favoravel amigo o producto de huma papeleta impressa em 1783, a qual me suggerio o frenesi de Satyras, contra os peraltas, e que não foi no seu lugar competente, por a haver perdido; e só me vir á mão depois de alinhavado o segundo Tomo, mas como mais vale tarde do que nunca, aqui a tendes, e novamente vos repito as súpplicas de seu Prologo.

SA-

SATYRA
EM LOUVOR DAS MODAS,
OU
ESCUDO DE PERALTICE:
OBRA UTIL
A Velhos, e Velhas, Meninos, e Meninas,
COMPOSTA, E OFFERECIDA
AOS SENHORES PERALTAS,
E CASQUILHOS DE LISBOA.
POR SEU AFFEIÇOADO SERVO
F. M. G. S. M.

Multa renascentur, quæ jam cecidere cadentque
Quæ nunc sunt in honere ... si volet usus
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.
Horat. in Arte.

FLORENTISSIMOS SENHORES
Peraltas, Xibantões, e Casquilhos de Lisboa.

AQuella honra e valor, que sómente herdei de meus Avós, cujas façanhas ou o tempo as não respeitou, ou elles nunca as fizerão, forão

rão quem me animou a declarar-me da vossa parte, no meio de tão frequentes batalhas, que as Musas freneticas vos tem dado nos vastissimos campos de huma Satyra descarada. Bem vejo que o meu auxilio he muito diminuto; porém como hum pão com huma fatia accommoda mais, esta a razão, por que alinhavei este papelinho, a que levantei o falso testemunho de Satyra, e reverente vo-lo offereço. Se assentardes que nisto vos fiz algum beneficio, ou ao menos obsequio, recompensai com as vossas moedas de dez réis, a fim de que possa ser hum decente defensor do vosso partido, não só escrevendo, mas imitando o vosso asseio.

Valete.

SE entre nós de bigode á Fernandina,
Golilha por gravata, e pequenina
Capa dos altos hombros pendurada,
A trança pelas costas desatada,
Hum chapéo mui pequeno, e desabado
Calças grandes, çapato desbicado,
Hum varão circunspecto apparecêra,
Que pasmo aos nossos tempos não trou-
xera!
A elle a petulante rapázia
Em tropel das esquinas correria,
Como ao calvo Eliseu, ou *Man'el coco*:
Que sétio se não rira do descoco
Do tenaz Antiquario? qu' importára,
Qu' elle co's braços grande voz alçára,
E dissesse gritando: „ Desta sorte
„ Arremedo esses filhos de Mavorte,
„ Au'o Rei, e á Patria tant' authorisárão;
„ Estes são os enfeites, que s' usárão
„ Naquelles bellos tempos já passados
„ Em

„ Em que por terra, e mares não tri-
„ lhados
„ Os Lusos ajuntando gloria a gloria,
„ Ao Templo s'elevárão da Memoria.
„ Os Albuquerques, Castros, e Sampaios
„ Terror dos Maratás, dos Malayos,
„ Trajavão deste modo; assim vestidos
„ Se fizerão no mundo conhecidos! „
Mas quem lhe não tornára: he bem verdade,
Que em tão antiga, e respeitosa idade
Dessa maneira os homens s'arreavão,
Que sahião a campo, e triunfavão:
E devemos dizer, que aos seus vestidos
Tão famosos combates são devidos,
Quando c'os mesmos com que triunfa-
rão,
Desejadas victorias lhe escapárão?
Somos loucos, s'esforço attribuimos
Ao modo de trajar; que tempo ha vimos
Os nossos Portuguezes valorosos,
Sem jaquete, e sem calças bellicosos
Das ribeiras partir, que o Téjo banha,
E assustar os Leões d'altiva Hespanha!
Nada augmenta o valor de taes guer-
reiros

O pezo de huns canhões, e d'huns pe-
neiros,
Huma vestia com abas desmarcadas,
Hum chapéo ordenado ás tres pancadas
Cantos iguaes, o forro de carneira,
De rabicho enroscado, a cabelleira
Com seus anneis de arame ou ruça, ou
loira,
Attestada por dentro da salmoira;
A roda do pescoço mui justinho,
Seguro c'om huma chapa o pescocinho;
Huns punhos té aos dedos alastrados,
Com muita roda, e todos recortados;
Calções sem alçapão de tripe seda,
Que andavão limpos a poder de greda;
Suas ligas de atar, meias riscadas,
Fivelinhas de prata pespegadas,
Em cima de huns çapatos desbicados,
Mui largos, e co's saltos esbeiçados.
Não consiste o valor no atavío,
O desejo da gloria, a honra, o brio
Forão quem produzio tantos Athletas,
Pasmo do mundo, assumpto dos Poetas.
Alguns me arguiráõ, que á nossa idade
'Stá muito corrompida da vaidade,
E se o traje valor não lhe infundia,

A carencia do luxo então seria;
Mas oxalá que o luxo, e vaidade
Não reinassem no mundo em toda a
idade.
Depois que os homens esquecer deixárão
Os tempos venturosos, que chamárão
Seculos d'ouro, des que a branca lá
A sua cor trocou na Assyria grã;
O luxo, e vaidade engatinhando,
Pouco a pouco se forão levantando,
E seguidos de povos numerosos,
Se fizerão no mundo poderosos:
Os saleiros nas mezas rutilárão,
Porcelanas, e prata as adornárão;
Com ouro fino as sedas se tecêrão,
Bernes, veludos, telas se fizerão;
E a tal ponto chegou entre os Romanos
Que em luxo forão pasmo dos humanos
Porém volvendo a nós; que tem de
mais
O ver em uso postos os metaes,
Sedas, e bernes, chitas com fartura,
Hum fraque com mais esta cortadura,
Arrecuado a traz, ou por direito,
Gola mais larga, bandas sobre o peito,
Fi-

Fivelas ou redondas, ou compridas?
Hum laço no chapéo, borlas cahidas?
Isto he luxo, assim he; porém seguido
Foi de nossos maiores: hum vestido
Com casas d'alto a baixo, estas fechadas;
Botões aos centos, pregas escusadas,
Vesteas de mais da marca, e guarnecidas;
Não são cousas por luxo procuzidas?
Se hum roupão para o frio he mui bastante,
Usar outro vestido he ser fartante.
Nossas avós não tinhão seus toucados
Com papelão ao alto levantados?
Não tinhão botões d'ouro na camiza,
Fivelas de ouro aberto, ou prata liza,
Brincos de preço, laços ao pescoço?
Meus Senhores, confesso que não posso
Ouvir tanto ralhar: ha tal abuso!
Em sahindo huma cousa fóra d'uso,
Satyras logo! hum velho não consente,
Senão o que elle usou; impertinente
Mofa de quantos vê; e blasfemando
Contra nós, o seu tempo idolatrando,
Faz com sécas suar-nos o topete,
Louvando o velho, e sério minuete,
Chamando ás contradanças, dançarolas,

Proprias de loucas, e de mariolas.
Mas não perde funcção; e pouco a pouco
A'quelle que chamava d'antes louco,
Imita sem rebuço; sahe a campo,
Nas assembleas faz seu pè de banco,
E tenho muitas vezes reparado,
Que nunca hum jarra podre, e desdentado,
Que ralha dos enfeites, por seu par,
A mais rara velha, e modesta vá tirar!
Todo Adonis os braços requebrando,
Os pés hum pelo outro embaraçando,
Sua, e não larga! quantos deste lote
Cantão sua modinha, dão seu mote
Com allusão frecheira, e titubando
Da boca enregelada a voz saltando,
Finezas dizem, chorão anciados,
O não ter menos trinta nos costados;
E ha tal ralhador da nossa falta,
Que o cabello criou por ser Peralta!
Que parece melhor? vêr em Lisboa
Onde o rodar dos coches tudo atroa,
Onde tudo he magnifico, e invejavel,
Dos Cidadãos a turba innumeravel
Em pardas saragoças embrulhada,
Ou

Ou o garbo, e figura bem tirada
De hum Peralta? a mais pobre Senhorita,
Sem outro ornato algum mais que huma
fita,
A sua capuchinha, e dous volantes,
Excede as Senhoras mais chibantes
Desses tempos, que os tempos já leváraõ
Sempre as cousas, Senhores, se mudárão
Do tempo á proporção, o que algum dia
Os olhos recreava, hoje enfastia;
E se nausea nos faz sempre hum comer;
O trajar sempre o mesmo ha de a fazer.
Se observamos do bruto a natureza,
Nós vemos, que rolando entre a aspereza
De soltas pedras, ou de agreste mato,
A cobra sibilando larga o fato;
Muda o passaro as pennas, muda o pelo
O dourado novilho, a ovelha, o velo,
E muda a folha o bosque de anno em
anno:
E ter por cousa rara que hum humano
Mude o seu traje, á proporção da idade,
Que tenha no vestir-se variedade,
Quando o mundo he taõ cheio de mudança!
Querer que exista agora a antiga usança,

E não possa qualquer, mudar de asseio?
Sem que sirva de tranca ao olho alheio!
Qu'rer que em cousas do tempo haja
firmeza,
He dar novo instituto á Natureza.
Que importa o homem traje ao mo-
do antigo,
Se elle for do seu Proximo inimigo,
Soberbo, matador, e de impiedade
Armado, for damnoso á sociedade?
Que importa que o vestir uze de agora,
Que a rabuje dos velhos desadora?
Vista assim, ou assado; mas com tanto,
Que respeite eo Rei o Nome Santo,
A Pátria estime, cuide em ser honrado,
Siga a Religião, sirva o Estado:
Que tem o ext'rior co'as intenções?
Nunca pendeo a gloria das Nações
Do vestir dos seus povos; a virtude,
Ou dentro do veludo, ou borel rude,
Tem o mesmo esplendor, o mesmo
preço;
Mas quem toma estas cousas do aveço,
Ralha, e torna a ralhar dos seus nascidos
Embirrando no talhe dos vestidos!
Acaso porque tem a casca dura

O

O miolo da amendoa he sem doçura?
O veneno lançado em crystal fino,
Acaso perde a essencia de malino?
Tambem sabe a comida bem temperada,
Em prata, como em barro ministrada.
Observem cada huns desabusados,
Que fizerão louvavel os passados;
Os defeitos lhes notem, maiormente
No que ao Público, e a Deos he pertencente;
Sigão o bem, desviem-se do mal,
Que o trazer chapéo grande pouco val.
Mas, *Porsino*, me dizes: já 'estou certo
Não ser a moda tanto desacerto,
Como té'qui julgava, mas tambem
Por outra parte vejo muito bem,
Terem razão aquelles, que mofando
Da sofice do tempo, vão notando,
Que a filha do sebento remendão
Faz hoje em dia quasi o figurão,
Que a daquelle que tem bastantes rendas;
Ao fidalgo de granjas, e commendas,
Imita o Escrevente, o Rabulista,
E o Caixeiro do pobre Capellista.

Res-

Respondo, *Filo*, eu sou desabusado;
E posto que da moda enamorado,
Não volto o rosto ao lume da verdade:
Isso que dizes faz-me novidade,
Mas não são como aquelles mal dizentes,
Que apenas esses vem, já dentre os dentes
Lhe escorrega sem ter moderação,
Não he rico, e campea, *Ergo* ladrão.
De sorte que eu, meu *Filo*, bem diviso
A grande differença, mas juizo
Não posso formar certo, quando vejo,
Que o pobre çapateiro o seu desejo
He que a filha chibante, de tal sorte,
Que á fome será gostosa a morte,
Com tanto que ella em sécia nunca ceda,
A' do outro, que arroja fina seda,
Elle na loja, e ella pospontando
Vem o Sol d'entre as nuvens espirrando
E banhar-se nas ondas sem largar;
Ora naõ podem juntos grangear
Par' hum vestido, capa, e outras drogas,
Que vem tudo espremido a dar em sogas!
Vestido, que lhe serve para tudo,

E

E não veste com medo pelo entrudo!
Isto he máo? não respondes? *seja ou não*;
Porém pódeo-o fazer sem ser ladrão.
Aquelle que tu vês sem ter real,
Trajando d'alto a baixo por igual,
Quem te diz lho não dá ou seu padrinho,
Ou a prodiga mão d'algum visinho?
O Caixeiro assim he que lucra pouco,
Porem por campear bebedo, e louco,
Quanto prezo na loja ganha hum anno;
Gasta num' hora por sahir ufano.
O Escrevente linhas estendendo,
A' luz da véla feitos revolvendo,
Quando acolhe, de si duro inimigo,
Qual outro caracol leva comsigo.
Eu mesmo, a quem ventura não concede,
No lar paterno nem matar a sede,
Não ando gordo, nedio; e reparado
Do calor, e do Inverno congelado?
Deos sabe que o não furto; os meus amigos,
Que me escudaõ em taõ cruéis perigos;
Os papelitos mal alinhavados
Vencem a maõ de meus tyrannos fados.
En-

Entra em casa de hum destes, olha
attento,
Se placas, e se espelhos de espavento
As paredes lhe adornão, se cortinas
De damasco, se fofas bambolinas,
Lhe rematão as portas, e janellas,
Se bordado veludo, ricas télas,
Os bôfetes lhe cobrem marchetados,
Se finos canapes, entrelaçados
Com ouro, se alcatifas, cobertores
De exquisitos franjões, bellos lavores,
Ornão seu aposento, se a gaveta
De moeda, ou penhores 'stá repleta,
Nada disto acharás, porque o coitado
Estende sobre taboas o costado,
Por sahir todo sécio, e presumido,
E quanto havê estraga n'um vestido.
Isto he máo, assim he, quem diz que não?
Porem póde-o fazer, sem ser ladrão.
De sorte que hum escravo dos her-
deiros,
Tem em mais do que a moda os seus di-
nheiros;
E antes quer andar esfarrapado,
Que largar hum real: não vai do enredo
Em que as caixas estão, vai dos [illegible];
Hum

Hum quer antes ter sacos de dobrões
Inda que morra á fome, e viva porco:
O outro, vendo a casa vai de borco,
Não deixa de nutrio a vaidade,
E não lhe dá de passar pela anciedade
De viver empenhado, muito embora,
Se elle o seu mal constante nunca chora;
Hei de eu chorar-lho? *Filo*, fora bello,
Que dos humanos fosse outro o desvelo;
Que cada hum a proporção dos teres;
Vestisse os seus filhinhos, e mulheres;
Que, segundo as pessoas, fosse o estado;
Mas se o mundo de acordo esta mudado,
Que lhe havemos fazer? deixa-o campar.
Verdade seja a morte vem segar
A todos pela pé, sem differença
Do que he pobre, ao que tem riqueza immensa:
Bate a porta do sordido avarento,
E banhado em suores, macilento
Não quer largar as chaves do thesouro,
Lembrando-lhe Deos menos, que o seu ouro!
E a vida passada em porcaria,
Em sordidezes, e á fome, d'hum só dia
Lhe

Lhe arranca para sempre: revolvendo
Os jà vidrados olhos está vendo
O roto herdeiro abrir-lhe a sepultura,
Aonde ha tempo, em noite escura
Tinha immenso dinheiro afferrolhado;
Naõ vé seu rosto de águas inundado,
Que para a casa, hum destes ver de bórço,
Naõ he menos que a morte de hum bom porco.

Eu a morte defendo: que o dinheiro
Assim corre; desfruta o çapateiro,
O alfaiate, lucra o mercador,
O sirigueiro, o sujo penteador,
Os generos se extrahem, e na verdade
Nisso consiste hũm bem da sociedade.

Gaste; e torne a gastar no meio
O flammante Peralta, mas no seu asseio
Da sua peraltice naõ se esqueça,
Que a vida acaba, apenas que começa:
Desvelado o Rei sirva, ame a Naçaõ;
E traga seda a montes de Veraõ,
Precioso veludo pelo Inverno,
Mas lembre-se da morte, adore o Eterno:
Porque pôr sobre si novo atavîo,

Naõ

Naõ he contra a virtude a honra, e brio
Cousas só, que hum mortal deve buscar;
Assim se observe, e ralhe quem ralhar.

§. V.

Depois de andar em Lisboa, como de Herodes para Pilatos, em contarolas, e festansas, gualdio-se o tempo, e naõ houve outro remedio, senaõ levantar ancora: mas como as minhas cousas facilmente se viraõ do aveço, depois de grangear huma boa companhia, vim a fazer a jornada só, e a gastar parte dos vintens, que suppunha poupados; e foi o caso:

§. VI.

Como Lisboa he taõ vasta, como sabem os seus conhecidos, e nós moravamos disparatados, convencionámos os arranchados em sahir cada hum de sua casa, em dia certo, e que o primeiro que chegasse a Sacavem esperasse pelo segundo, o segundo pelo terceiro, e todos pelo ultimo: este foi hnm excellente arbitrio; porém ou eu, ou elles admittiraõ

hum

hum engano, que frustrou o projecto; e consistio no erro do dia, porque ou elles disserão que quinta feira, e eu entendi sexta, ou eu entendi sexta, e elles disserão quarta, que tudo vem a dar no mesmo: o caso he que eu tomei pelo ultimo, e elles estiverão pelo primeiro, e consequentemente quando cheguei ao sitio do ajuste no primeiro dia da minha jornada, ja elles hião de certo continuando a jornada do segundo.

§. VII.

Com grande magoa do interior, e da bolsa, depois de estar meio dia á espera, divertido com os que hiáo, e voltavaõ a reboque do sarilho, aconteceo vir em huma daquellas barcadas hum sugeito de Coimbra meu conhecido, e de muitos dos camaradas por quem a guardava, o qual me encarou em ponto admirativo, dizendo-me: vossê por mais hum dia deixou a companhia do seu amigo, de morão, e beltrão? pensem que tal eu ficaria! contei-lhe a ratada, mandei enfrear, e com

a só companhia do meu arrieiro, entrei na barca, e comecei de picar em hum excellente macho, e com hum moço, por alcunha o Tirabaccho, que andando muito, bebia pouco.

§. VIII.

Feitas as admirações da legua da Póvoa, demandando portelas, *tandem* finalmente chegámos á Alhandra, pela meia tarde, e visitando os meus conhecidos, trepei o machinho, e fomos pernoitar á Castanheira, onde chegámos já não muito sedo; mas esse não he o caso; o caso he que nesta jornada não houve cousa consideravel, á excepção da fortuna que tive, em não ir com os outros; pois na passagem por Payalvo, tive a noticia de que por destempero de hum, hião levando todos huma destemperada cossa de páo: pelo que com licença de meus Leitores, dou comigo outra vez em Coimbra, e entro no meu trabalho de terceiro

anno, em que me chamava; antes desta pequena jornada.

§. IX.

Chegando eu vierão logo os adiantados; muita festa, e todos me dizião sentimos muito não virmos todos; ao que eu respondia, e eu estimei muito não vir com vossês, por conta de Payalvo, aonde hião sendo moidos: não ha tal, tornárão elles, porque nós fizemos, e acontecemos, mortos, feridos, cotillados . . . em fim patranhas do costume; mas vamos sempre dando graças a Deos de ficar a traz, e continuemos para diante.

§. X.

Posto eu em Coimbra, solto de Anarda pelo que fica ponderado, e como a fixa tenção de não tornar-me a apaixonar por esta casta de animais, entrei no frenesi de namoricar a todo o panno, e a todo o mundo, e nisto andei de envolta com o terceiro anno, e com a Tragedia de que já fallei cá para traz, e de

que

que logo darei parte, e de sua funestas consequencias, lá para diante.

§. XI.

Como porem fazia este namoro muito ás janellas abertas, vim a ouvir queixas de humas, ciumes de outras, malquerenças desta, e remoques daquella, constituido em hum verdadeiro jogo de empurra, e por desfechar, compuz os seguintes desenganos, que copiei em tantos papeis, quantas as arrufadas, e na mesma tarde dei a cada huma o seu: e ei-los aqui os tendes, que talvez vos sirvão.

Desenganos a Felinta.

Felinta, não sou d'aquelles
Que amando a todas que vem,
Com juramentos affirmão
Não amar a mais alguem.

Esses mesmos juramentos,
Que tu sincera lhe ouviste,
Faz á primeira, que o attende,
Mal que da casa sahiste.

He

He muito raro hum amante,
Que sans verdades profira!
Podes crer que nos seus lábios,
Poz o seu throno a mentira.

Talvez me digas, Felinta,
Que se todo o amante mente,
Como amante, nesta conta
Devo eu entrar igualmente.

Verdade he que o mesmo faço,
Mas com esta differença,
Que amando a quantas avisto,
A nenhuma faço offensa.

Amo-te a ti, porque tens
Nesse teus olhos galantes,
Certo geito de attrahir
A teu culto mil amantes.

Amo Anarda, porque traz
Sobre as faces delicadas,
As bellas rosas de Paphos,
Entre os jasmins misturadas.

Amo Althea, porque vejo
Em seus cabellos dourados,
Sem aljavas, arco, e settas
Os Amores maneatados.

Amo Anarda pois descubro
Em sua boca mimosa,
Indio marfim branquejando,
Entre dois vivos de rosa.

Nerina posto não tenha
No seu rosto formosura,
Faz-se a meus olhos amavel
Pela delgada cintura.

Mirtilla, que sem offensa
Podemos chamar-lhe feia,
He bem feita, e me namora
O garbo, com que passeia.

E tenho, Felinta bella,
Hum amor tão refinado,
Que amo a Nize, que não tem
Mais do que hum pé delicado.

Em fim podéra fazer-te
De Pastoras conta summa,
A quem amo; sem que amando-as,
Offensa faça a nenhuma.

Porque se tu me disseras,
Que dando-lhe adoração,
A ti te excluia della,
Tinhas bastante razão.

Mas eu que posso adorá-las;
E adorar-te a ti tambem,
Nasci livre, gosto disto,
Quero, e faço muito bem.

Queres tu, minha Felinta;
Que te ame só nesta Aldêa?
Ajunta as faces de Filiz,
As tranças que tem Althea.

Ajunta mais de Nerina
A cintura delicada,
De Mirtilla o corpo airoso,
De Nize a planta engraçada.

Bem o verás, e eu to juro
Que não amo a mais alguem!
Se queres o amor de todas,
Busca tudo, o que ellas tem.

§. XII.

Na casa de huma das ditas, se lêrão os versos, estando eu presente, mas sem se dizer o motivo, nem que alli tinhão pertence; e achando-se hum Cadete, entrou comigo em argumentos de que nem assim mesmo eu devia ter amor, porque era huma paixão só para fracos: defendia-me eu com a epidemia geral, e que esta fraqueza vinha do coração: instava elle que era cousa que nunca sentira, principalmente depois que entrára na vida de vestir hum peito de aço, e cingir huma espada, e etc. ao mesmo tempo que elle na dita casa entrava, levado da mesma raiva mansa de que se dizia isento: em fim chegou-me para huma banca aonde estava tinteiro, e

 pa-

papel, e fiz a Ode seguinte que lhe entreguei, e sahi pela porta fóra.

ODE.

Ao dito Valentaõ.

POrque te forras
De bronze duro,
Se contra Amor
Nada ha seguro!

Achilles féro;
Alcides fórte,
Que aos pés calcárão
A fouce á morte,

Não lhes servio
Tanto valor;
Elles provárão
Golpes de Amor!

Se esta paixão
A alma devora,
De que aproveitão
Armas por fóra.

§. XIII.

De volta em volta, e de lição em lição chegou o Entrudo, e foi quando se representou a Tragedia *Priamo*, que deo geral, e serio desenfadamento com assistencia dos Lentes os mais serios (mas desabusados) das pessoas principaes da terra, e dos nossos camaradas amigos, mas heróes mansos: por signal que no tempo da briga dos Estudantes, e lacaios, a som de toque de fogo no largo da Feira, que isso foi huma Feira de murros, encontrões, e paoletadas, a fóra espadalhos, e outros armamentos que trabalhando muito, e com muita algazarra, não fizerão sangue que enchesse dois chouriços.

§. XIV.

Saltando daqui ao fim do anno, foi então que vi quanto a Tragedia me foi tragica: porque assentando o meu Lente, que quem entra em Tragedias, não póde fazer mais cousa alguma, tirou por consequencia, que eu

eu não podia estar instruido nas materias daquelle anno; e quando quiz que me assignasse a petição, tendo tudo corrente, assentou tambem em não querer, e não houve quem disso o tirasse.

§. XV.

Esperançado de alguma compaixão, por ser consideravel a perda de hum anno, ainda me demorei por alli, mas vendo que era malhar em ferro frio, e como quem para lá me tinha mandado se não havia escandalisar, dei as deligencias por feitas, e metti pernas ao potro para Torres Novas, ao seguro asylo de D. Rodrigo de Lencastre, e da sua mulher, a quem já a este tempo chamava Madrinha, sendo mais velho do que ella.

§. XVI.

Alli me demorei alguns dias, em bom, e socegado divertimento com a companhia, e sociedade de amigos militares, como Rodrigo Barba, Silverio da Silva, Miguel Luiz

Pam-

Pamplona, Coita, e etc. Sendo a partida em casa dos meus bemfeitores, e o presidente inalteravel do jogo, quando se fazia, o Reverendo Padre Nicoláo, ajuntando ao meu divertimento, e bona vita, mais a colheita de duas prendas: a primeira de tomar sólidas lições de picaria, a segunda de fazer bem sorvete, ou neve, como outros dizem: os quaes me viera a ser inuteis por falta de cavallo, e de neve quatal.

§. XVII.

Nisto, e em hidas, e venidas a Alcorouchel, se me entrárão a levantar os humores, e a crescer o desejo de ir vêr caras novas; e com effeito desenterrei pretextos, e facilitou-se-me o ir dar volta ao mundo do meu conhecimento com o protesto de tornar por alli, na outra revoada para Coimbra.

§. XVIII.

Asseptado nisto, como D. Rodrigo estava para ir á sua Quinta do Goyo, e quiz que eu o acompanhas-

 nhas-

nhasse, e não foi possivel achar-se besta de aluguer, lembrado de minhas picarias, me deo hum cavallo, que estava reformado na sua companhia, por nome Azeviche, que além de se lhe ignorar a éra, tinha de seu o ser topinho, e hum principio de ratinho algum tanto adiantado: pôz-se-lhe seu jaez á Hungara, e montado nesta faca sahi de Torres Novas, como em hum Dormidario pelo aveço, e fomos dormir a Santarém.

§. XIX.

Ao outro dia, depois de nos apartarmos, e de me cahir o dito animal em huma valla, e outras patuscadas, e de soffrer huma horrorosissima calma, deitar á Alhandra, e no outro a Lisboa, a casa do meu José Alberto.

§. XX.

Com alguma tenção de demora cheguei eu a Lisboa, mas as despezas do cavallo, e huma sova que me quizerão dar em hum outeiro, a que sapei por ser de noite, e temer

que

que de dia se informasse da minha figura, fez-me levar ancora, e partir para Obidos, sem me gozar da Corte, se quer por quinze dias.

§. XXI.

Alli observei o novo systema, fazendo cortejo a toda, e qualquer saia; atirando ás codornizes; e passeando no meu cavallo por aquelles contornos, dando entradas nas Caldas, e sahidas no Arelho; e ultimamente desauthorisando a censura dos que não só me esperavão a pé, mas de pé descalso: até que antevendo o futuro damno, como consequencia do primeiro. Cuidei em transportar-me a Coimbra; a fim de que me não arrumassem a razão de ir tarde, fazendo-me ficar com a boca aberta, olhando para o gráo de meu pertendido Bacharelato.

§. XXII.

Despedi-me dos amigos, e de meu irmão Antonio, a quem deixei em huma molestia, que bem grave, com tudo nos seus annos pro-

met-

mettia esperanças de remedio, ainda que a sua imaginação o fazia desconfiar dos bons annuncios que lhe davão: e trepando o meu Azeviche, fui dormir a Porto de Móz, entretendo gostosamente essa noite com Antonio Neto, em cuja casa dormi, depois de fazermos o nosso descanto.

§ XXIII.

Passado outro dia de descanso, puz-me a peitos com a pedregosa Serra, que por Minde dirige o caminho a Torres Novas, aonde depois de muita esbarradella, cheguei como feito em postas, entrando em casa dos meus bemfeitores, montado na faca, que elles já suppunhão sepultada no convez dos cães da minha pátria, quando succedeo tanto pelo contrario, que sahindo do quartel com mormo, entrou sem elle; donde infiro que esta molestia tem a sua cura na pouca comida, e muito trabalho, porque eu lhe não fiz outra cousa, para sua melhora.

§. XXIV.

Convalecido destas andadas, e recebida a ajuda de custo do costume, com o arranjamento de amigos, e dia certo, parti na vespera para o Alfeijoal, Quinta do Almotacel Mór, aonde elle então se achava, e D. Joanna Isabel, de saudosa memoria, aonde dormi, e o meu Azeviche; fazendo eu versos, e elle a sua obrigação de dente, até que no outro dia ás quatro da tarde, appareceo a canzoada dos Estudantes, que entulhárão o pateo; até que sellado o meu negro Bucefalo, sahimos pela porta fóra dando muitos estalos, e fazendo huma algazarra horrivel, mas da pauta.

§. XXV.

Tandem, picando os potros, praguejando os arrieiros, e consumindo estalajadeiras de palavra, e sendo por ellas consumidos por obra, avistámos a Mãi commum, e entrámos pela portagem na maior satisfação, que pódem ter rapazes daquella idade, e vida!

§.

§. XVI.

Bem vindos, bem chegados, vossê está gordo, vossê magro, e as mais prelengas do costume; cuidou cada hum em matricular-se no seu anno competente, e eu fui dar comigo segunda vez no meu terceiro pelos motivos que já disse, e diria agora, se não fosse abusar das vossas paciencias.

CAPITULO III.

§. I.

POsto eu á barba segunda vez com o meu dito anno terceiro, de que vou tratar neste Capitulo tambem terceiro, mas com a chaga aberta, tocante á entrincada Geometria, tomei por particular estudo, fazer poucos versos cantados, e os resados rarissimos, e por entre os dentes, a fim de moldar-me ao systema de meu Mestre, por conta da Formatura, em que já então havia embirrado, e tumado em pontos de

hon-

honra, estimulo capaz de fazer hum Cezar de hum Jan-Fenandes.

§. II.

Mas como sempre tinha meus ataques para glozas de enamorados, as quaes se me davão em papelinhos, forão neste anno tão frequentes, que costumando arrecadá-las em humas botas velhas á falta de gavetas, se enchêrão de alto cogulo; e foi pena que lhes não coubesse já a que me deo hum Oppositor em Canones que dizia assim:

Teu féro desabrimento
Merece huma paulina;
Pois inquietas as almas
Desapiedada Aulina.

§. III.

He para sentir que se perdesse esta gloza, pois que sendo igual ao mote, não ha cores com que se pinte energicamente a satisfação com que aquella alma graduada a recebeo. O certo he, que as cousas tem estima

pro-

proporcionada á carta dos individuos estimantes: mas vamos ao meu cavallo.

§. IV.

Já eu não fallo no desembaraço com que nelle passeava de tarde; nem tão pouco em huma palme que lhe foi fóra, nem em huma prisão que tive por conta delle, porque isto he nada, depois de haver outro Oppositor que mo comprou por 13500 réis com arreios e tudo, e tão infelizmente que passados pouco mais de oito dias, hindo passear pedestremente por de traz do Seminario, o encontrei rodeado de cães, que começarão a fazer-lhe o mesmo que eu já receava quando lho vendi.

§. V.

Eu colligindo, que a causa de seu fim seria pouco trato, e muita fome, não deixar de fazer alguma honra a seus ossos; e pondo-lhe os olhos lhe recitei a seguinte

C

De-

Decima deploratoria.

Fostes ás armas obrigado,
Na idade mais vigorosa:
Alcançaste baixa honrosa
Servindo valente, e ousado:
Depois ás Letras puxado
Serviste hum pobre baeta:
Mas he mágoa, he dura peta,
He digno objecto ao rancor
Que te fizesse hum Doutor
O que não fez hum Poeta.

§. VI.

Continuava esta minha vida no estudo lento de Geometria, remettendo-me sempre de dia em dia, por mais que me gritavão os amigos, porque todo enfronhado em agradár a hum Mestre que já me havia negado piedade, não me receava tanto de outro em quem suppunha ma não guardaria tanto no fundo da canastra; e por isso, chegando-se o Natal, em vez de occupar nisso as

fé-

férias, vim de escaramuça a Obidos, porque tambem desejava haver noticias verdadeiras do estado em que se achava meu irmão, a quem já havião feito morto, por duas vezes.

§. VII.

Sendo meu companheiro nesta jornada, Antonio Joaquim da França de Torres Vedras, o qual nesse tempo ainda não tinha apostatado do Direito Civíl, fomos no dia primeiro a Pombal a casa do Marquez do Couto, e no segundo a Alcobaça a casa de Antonio Baptista: mas minto, no segundo a Leiria, e no terceiro a jantar em Alcobaça na casa do dito; porque eu não quero senão o que he verdade.

§. VIII.

Como elle (o dono da casa) tambem nessa tarde hia para Obidos; mas tinha de não ir tão cedo como nós, esperámos hum pouco, e partimos muito contentes da bella sociedade picando as bestas em direi-

tura á Vestiaria, fazendo caminho para a Villa da Sela, com effeito hiamos pernoitar a Obidos, o que não succedeo, (cousa que muito estimei) e o porque ahi vai em poucas palavras.

§. IX.

He costume de tempo que excede a memoria dos vivos, e de que nem dão noticia os mortos, fazer-se logo passada a Vestiaria hum grande lameirão, com suas semelhanças de golfo, ou sorvedouro: aqui vai ella: meu companheiro como francamente fazia tudo, francamente a pezar de advertido se metteo a elle, por sempre gostar muito de caminhar pelo trilhado; e não reparou que o que se figurava lama cortada, era falta de cortadura, e humidade do olheiro, que alli dormia muito solapado.

§. X.

Em fim apenas entrou foi a inversão dos dentes de Cadmo, e se me não lanço ao lameiro por parte

mais sólida, de donde o agarrei pelo que restava de seu pequeno corpo, teria de ser procurado á fatêxa! trouxe-o de arrojo, fazendo huma grande esteira pelo lameiro, e como eu nunca atei botas, lá me ficou huma, que primeiro que a achasse se descalsou a outra, e sahi segunda vez com huma em cada mão, e tão cheias de barro, que sem encarecimento me custárão mais do que elle: primeira parte do trabalho: entra a segunda.

§. XI.

Postos nós a olhar huns para os outros, e naquelle desamparo, sem apparecer viva alma, e com o cavallo atolado, de modo que só se lhe via o pescoço, o arção da sella, e a mala, *ficamos amarellos, mudos, quedos, e juntos de hum penedo, dois penedos.*

§. XII.

Como estavamos daquelle feitio, e quaes dois porcos, que se levantão do chiqueiro, fomos cá de largo-

gò, soltando a mala, e conseguimos tirar-lhe a sella: e postos de atalaia, descobrimos dois homens, que andavão cavando, dos quaes o Baptista foi em demanda, e os trouxe comsigo, pois a Providencia não falta, e quando dà o trabalho, tambem acode com o remedio.

§. XIII.

Lançados a dois athletas, por mais diligencias, que fizerão, apenas só conseguirão pôllo em melhor carregadouro; e só com huma corda, que se foi buscar á Vestiaria, e outro camarada, he que lançando-lha, atada por baixo das mãos, e puxando todos, veio vindo, como barco á sirga, e deo com os ilhaes em terra dura, donde custou a levantar.

§. XIV.

Era cousa galante vêr seis figuras, e o cavallo sete, barradas como huns fogareiros, sacudindo as mãos, e tirando de si lama ás postas; levando hum a sella, outro as botas, outro a mala, e outro o freio! eu

mesmo por quem isto passava não pude deixar de rir!

§. XV.

Vendo nós as horas em que estavamos, consequencia de toda esta lastimosa, e enlameada tragedia, resolvemo-nos a ir pernoitar a Alfazirão, que nos ficava mais perto, e proporcionado com o resto do dia, para cuja continuação de viagem tirei çapatos da mala, e fui com as botas em ar de coldrê, até à boca atacados de lama.

§. XVI.

Chegados á Sela bebemos agua-ardente, como huns desesperados; e dando ás gambeas descemos, já de noite, a ladeira de Alfazirão, aonde aportamos, fazendo riso a quanta gente estava na casa, que escolhemos para pousada.

§. XVII.

Era vespera de Natal; e eu levava fome horrendissima: quizemos consoar, mas não havia mais que pão, e vinho, e carne de porco

crua;

crua : torrei fatias, aboboreias no vinho, assim chamado, pois para vinagre faltavalhe muito pouco ; e dando providencia á frigedeirada para depois da meia noite, nos amezendamos á fogueira, esperando pela Missa do gallo, a que fomos, e voltamos a dar com a prateirada nas tripas, a beber quatro trangulas, e a descansar alguma cousa, em cima de huma cama, que sendo má, levámos nella hum somno muito bom.

XVIII.

Ao outro dia, calsadas as botas ; na limpeza das quaes levou toda a noite hum rapaz da casa, me guindei ao meu rocim, e patinhando ora lamas, ora poças d'agua, entramos pela Villa das Caldas, dando muitos estálos de manopla, e fazendo toda a patacuada de Estudante de Coimbra : mas quão diversas, quão mudaveis, e instantanias são as cousas do mundo ! e principalmente as glorias !

§.

§. XIX.

No meio deste contentamento chegou á janella Caetano José de Proença, Correio-Mór da dita Villa das Caldas, e gritou por mim; suspendendo-me a jornada, com o pretexto de huma Carta, que pertendia eu lhe levasse para Obidos: retrocedi, e chegando-se elle a mim muito sério, me pegou na manapola, e disse: que parecia muito mal ir eu dando estalos: tornei então, que aquella estalada não era novo, antes o contrario seria de espantar: assim he, replicou elle; porém os tempos não são todos huns; sabido o caso, na noite antecedente, havia-se dado á sepultura o corpo daquelle irmão, cujas melhoras eu hia a presenciar.

§. XX.

Fiquei, como podem suppôr os irmãos, que o são: mas o seu pranto, e a minha voz, hum seccou-se, a outra emmudeceo; e vacilando se havia retroceder, ou continuar, não me animei a faltar com a companhia,

nhia; aos que restárão, e que suppuz na mesma desconsolação: parti para Obidos, e quando me achei fóra da povoação, hum mar de lagrimas banhou as minhas faces, as quaes nem pude enxugar entrando em Obidos, nem mitigar por todo aquelle dia; antes se redobravão nos meus olhos, quando as via pender dos diversos, que pouco a pouco se encontravão comigo, a fim de me consolarem, e consolar-se comigo.

§. XXI.

Passei a abraçar-me com minhas irmãs, e irmãos; e ahi foi então dobrada a minha mágoa; pois além de as achar consternadas, via que lhe fazião companhia, humas amigas, ainda de luto por hum Pai (perda mais sensivel) que as havia deixado no maior desamparo! eu não perturbo o descanso dos seus ossos, quando vejo anteposta a consciencia, e aos interesses destes dias ligeiros, e a honra, ao depravado systema da peita, e da lisonja.

§. XXII.

Suave, e unica consolação (tornando a meu irmão) me forão as noticias de sua resignação, e conformidade, com que se desapegou de hum mundo, aonde achou estimação, e regalos; podendo dizer-se delle, que viveo como quiz, e morreo como devia, a pezar de trabalhos nascidos da emulação.

§. XXIII.

Deixando reflexões, vamos continuando na vida, que não nos faltará huma hora de morrer; e Deos permitta que bem; porque nesta posse estamos, sem excepção na Lei, que impôz esta necessidade a todo o folgo vivo.

§. XXIV.

Eu na minha pobreza fiz-lhe suffragios pios, e obsequios; porque lhe mandei dizer Missas por sua alma, e lhe compuz os dois seguintes

SONETO I.

Amigos do Malhão, o tenue fio,
Que em dias màos Lachesis lhe fiàra,
A crua irmã cortou co' a mão avara,
E na terra descansa o corpo frio.

Os louros, que do Pindo o claro rio
Para a frente cingir-lhe, em vão regàra,
Murchárão todos; e na patria cara,
Para a minha enramar cyprestes crio.

De Jove as filhas, cheias d'amargura,
As crespas tranças d'ouro desgrenhando,
Chorão tristes ao pé da sepultura!

Lamentemos o caso miserando,
Em quanto, dentre as mãos da Parca dura,
Hum dia igual a nós não vem vôando!

SONETO II.

Caminhante, esta pedra lisa encobre
Hum Vate, em tenra idade a nós roubado;
Na pátria perseguido, ao longe amado,
Por fóra rico, mas na patria pobre:

Guardou sempre comsigo guma alma nobre,
A pezar de inconstancias do seu fado:
Ah Pastor perseguido, mas honrado
Seja-te leve a terra, que te cobre!

Quiz-te mal, quem a traz de ti vôava,
Amou-te quem teus dons pezar sabia;
E tua Musa as bocas vis calava!

Levou-te em fim daqui a morte fria;
Pois hum Cantor, que os Cisnes imitava,
Em Obidos viver jà mais devia!

§. XXV.

Passemos agora a fiel conta da ultima de minhas inclinações, e a mais ajustada de todas ellas; e já disse que quando fui abraçar minhas irmãs, lá se achavão as suas amigas, tam-

tambem de luto por seu Pai: tambem disse já, ahi para traz algures, o systema de namoro que havia tomado; *nempe*. farfalhar, e rir, sem dar azos á mais pequena dóse de paixão: isto posto vereis agora, e sirva-vos de exemplos, para não vos fiar no coração; porque ninguem sabe para o que está talhado, antes, quando menos o pensa, vê desvanecidos os seus projectos, por terra as torres que levantára; e em huma palavra ninguem diga quero isto, não quero aquillo; porque o determinado (por quem póde) determinado está; e casamento, e mortalha, no Ceo se talha.

§. XXIV.

Quando puz os olhos nas ditas tres meninas, e pela vez primeira; logo o meu coração sentio hum movimento indizivel, que eu attribui ao dó, e compaixão; e talvez que o fosse; mas desconfiei ser outra cousa, porque este sentimento pertencendo a todas tres, huma dellas levava na

sua

sua partida hum quinhão muito desigual: de maneira, que eu tinha dó das outras, mas daquella vinha a ser hum dó, e mais alguma cousa.

§. XXVII.

Finalmente, fosse dó, ou fosse compaixão, com isso já eu me não metto: o certo he, que como a compaixão, e o dó, são paixões ternas e a do Amor nada tem de rispida, ou elle se foi roçando por entre estes dòs, e compaixões, ou ellas por elle; porque a final eu achei-me namorado, e foi-se co' a breca o meu trabalhado systema, e suas ruminadas utilidades.

§. XXVIII.

Eis-me logo em huma incrivel mudança do sentimentos! eis-me de novo brunindo todos os dias os çapatos; limpando as fivelas; pusando as meias, embarrelando os crespos, e pondo de novo na Lyra aquella corda inventada por Amor, e temperada por Anàcreonte.

§. XXIX.

A nossa conversação era facil, pela estreita amisade das familias; e como por ella se prendem as almas; pouco a pouco tive a decisão da minha felicidade, passei a misturar o verso com a prosa, e tive a ventura de acha-la apaixonada de versos, o que estimei muito; não só por a poder lisonjear com elles; mas tambem, por ser evidente signal de que não era tola.

§. XXX.

Ommitindo os que aqui não vão por serem de improviso, vai a seguinte primeira Ode que lhe fiz, e levei, entregando-lhe com ella huma fresca rosa, que trouxe o acaso á minha mão quasi aberta, o que se fez raro pela estação em que estavamos.

ODE.

GAlante rosa, nutrida
Co' o terno pranto da Aurora,
A quem o Zefyro beija
Entre o regaço de Flora.

Pois deves ter mais estima
Por ser a melhor das flores,
Eu te livro d'entre espinhos,
E levo a sitios melhores.

Sobre o peito de Josina
Vai as folhas estender,
Sobre o peito, que na terra
Só aspiro a merecer.

Amor dirá de que lado
Cobrarás mais lindo modo,
Abre-te nelle, mas olha
Não mo encubras de todo.

Vai

Vai da tua duração
Ter alli teu curto fim;
E quando ella der suspiros,
Uê se suspira por mim,

Talvez, que vendo murchar
Tão breve a tua belleza,
Das muitas que Amor lhe deo
Não tenha tanta avareza.

§. XXXI.

Tratavamos de indagar qual seria a razão de logo á primeira vista ter ella gostado de mim, e eu della: e que Amor era este, a que ninguem escapa, e porque tanto nos inquieta: huma semelhante prática mereceo a seguinte Ode.

Ode ao proposito.

QUem hè, mortaes,
Este menino,
Que faz amargo
Tanto destino?

Que

Que armas o cercão?
Que signáes tem?
Não poderá
Fugir-lhe alguem?

Dizem que Marte
D'elle se esconde?
Aonde habita,
Dizei-me, aonde?

Assim fallava
Aos meus Pastores,
Em quanto nada
Sube de amores.

Mal que, Josina,
Teu rosto vi,
Sem vêr Cupido
O conheci.

Quanto elle pode
No coração,
Senti-lo sei,
Dizê-lo não.

§. XXXII.

Assim o bem acaba-se; o tempo corre, e foi preciso ausentar-me della, o que me custou infinito: e com a lagrima no olho, a pezar de querer escondê-la, sahi da pátria com esta paixão de mais, e hum irmão de menos: e como meu companheiro Francez, alli aportado para este fim, lhe não fugio da lembrança o seu banho de lodo; nem a mim o receio das botas, em vez de irmos por Alcobaça, fomos pela Pederneira onde pernoitámos, e no outro dia, entrando a *afraçar* o dito cavallinho, a muito custo o levámos ás chicotadas, até huma Venda, que chamão dos Negros.

§. XXXIII.

Ahi depois de não haver já remedio, que se lhe fizesse, o deixamos muito bem recommendado, e alugando-se hum burrinho, (com perdão dos meus Leitores) deitamos a Leiria; aonde se alugou besta mais decente, e fomos de terra em terra

até dar entrada á Portagem na Cidade de Coimbra: e porque findou a jornada, finde tambem este Capitulo.

CAPITULO IV.

§. I.

AO quinto dia de nossa chegada, chegou a noticia de que o cavallo se tinha descuidado dos queixos, e que a morte lhe entrára por onde nós lhe haviamos deitado hum sem número de mezinhas de agua de azeitonas com alhos esmagados, e quanto lembrou ao dono da Venda, por allegar que assim medicava, ou alveitava o seu jumento quando lhe sobrevinha alguma dôr, asseverando-nos que elle não tinha senão huma dôr fria, procedida de desconhecer o caminho, e não poder por isso estravar.

§. II.

Continuando a nossa vida Escolastica: como eu voltei namorado do

do modo, e fórma que dito he, bem claro está, que a minha applicação havia ser mais frôxa: pois só o excogitar de que modo havia escrever á minha Josina com o segredo, e recato preciso, me levou muitos dias; não digo que seguidos, mas ora hum ora outro: até que amor, como industrioso, fez a habilidade que se lhe pedia. Por tanto Direito Civíl, estudava-se para a aula, e a Geometria *nem xique, nem mique*: cujo exemplo não desejo que os outros tomem: *pois bem que o mao se presuma sempre mào, no mesmo genero de maldade*, não se segue por isso, que todo o máo deseje que os outros o sejão.

§. III.

Entre outras funções annuaes, e natalicias a que eu sempre era chamado; veio o dia de annos de Sebastião José de Sampayo, e como então me achava de cama, por conta de hum couce; que apanhei em huma vrilha, dado na rua das azei-

teiras, lhe mandei a seguinte em vez dos versos, que então lhe faria: vamos a ella.

ODE.

EU quiz, Sampayo;
Dar-te louvor,
Fugindo aos versos
Que inspira Amor.

Já sobre as margens
Que leva os Ganges,
Via partidos
Curvos alfanges.

Em fuga vil,
Pondo os Malayos,
Cantava alegre
Outros Sampayos.

Mas quando o estrondo
Do bronze ouvia,
Ao dar nas cordas
A mão tremia.

Ven-

Vendo-me cheio
Deste temor,
A mim contente
Chegou Amor.

Disse-me rindo:
Ah desgraçado!
Cantar Heróes
Não te foi dado.

Os golpes conta
De meus farpões,
E o doce estrago
Dos corações.

Se he teu Amigo,
Se tem virtudes,
Seus annos brinda
Com tres saudes.

§. IV.

Não só as raparigas dão motivo aos versos; se bem que os meus quasi todos se lhes encaminhassem: porém havendo-me certa Senhora pagar huns,

que lhe fiz; e de que me não lembro; me mandou de presente huma boa caixa de rapé, de vidro largo, e dentro huma pintura de Venus, açoitando Cupido, com hum feixinho de rosas: louvei a invenção do Poeta dos olhos, e fiz-lhe esta pintura em verso, para chegar a seus ouvidos.

ODE.

Por ter offendido Althea,
Castigou Venus Amor,
E por castigar hum crime,
Foi fazer hum mal maior.

Althea amava Fileno;
Amor com zelo fingido
Fez que do seu coração
A posse tivesse Alcido.

Vendo a Mãi, que usar hum Deos
De tão feia falsidade
Posto fosse hum Deos menino
Deslustrava a Divindade;

N'uma

N'uma cadêa dourada
Ao filhinho as mãos prendeo;
Depois co' hum molho de rosas
Nas alvas costas lhe deo.

Alguns agudos espinhos
Pelas carnes se mettêrão,
Correo sangue, e deste sangue
Novos Cupidos nascêrão!

Que fizeste, ó Deosa terna
Dos mortaes compadecida!
Oh quanto melhor nos fora
Ficar a culpa impunida.

Se elle sósinho fazia
Nossas magoas, nossos prantos,
Que ha de ser de nós agora,
Se de hum cruel nascem tantos?

§. V.

Entre outras Cartas, que fui tendo de Josina, continha huma dellas, a expressão da grande magoa de não poder ver-me: lamentava esta im-

impossibilidade, e rogava-me, que visto estar chegada a Pascoa, lhe désse o prazer de là ir passar as férias: respondi, que essa já era a minha tençáo, (e não lhe menti) e ao assumpto foi resposta a que vai escrita

ODE.

DIstante de ti, nem sombras
Tenho da antiga alegria!
Em fatal desassocego
Levo a noite, e passo o dia.

Se de Triptolémo o carro
Desvanecido montasse,
Ou se os dragões de Medea
No ar vasio enfreasse;

Deste soccorro ajudado,
Que em vão minha alma imagina;
Tres vezes ao dia fora
As mãos beijar-te, Josina.

§. VI.

Os meus trabalhos, se por hum la-

lado se delgaçavão, por outra parte se me erguião debaixo dos pés: porém Deos que tudo faz, e ordena com Sabedoria eterna, me preservou de tudo para o que não posso comprehender de mim terá disposto; adoro a sua Providencia, e lhe agradeço o livrar-me do que vou contar agora.

§. VII.

Eu assistia na entrada da rua por alcunha a da Mathematica, quando vamos de nascente para poente: huma noite ás duas horas, me recolhia eu para casa, muito embuçado na minha capa: no largo do Hospital topei tres vultos, que nem conheci, nem pertendi conhecer, porque nunca me importárão as vidas alheias: pareceo-me, quando estava tirando a chave debaixo da porta, aonde os companheiros ma deixavão, que ouvi como disparar huma pistola, que errou fogo, e fez *xepe* (como se costuma dizer) não fiz caso porque julguei ser brincadeira, e que me havião

vião conhecido, e me querião met-
ter medo: metti a chave na porta;
mas ao tempo de entrar, senti hum
formidavel estouro de bacamarte, que
estrugio aquellas ruas, e me fez dar
hum salto involuntario, que nem o
Ferce na sua corda; o sangue me fu-
gio para as aljibeiras, e eu certa-
mente me custou a atinar com a fe-
chadura, para mudar a chave: va-
mos adiante.

§. VIII.

Como eu tinha ouvido dizer que
ás vezes a bala, assim como a faca-
da, se não sentem senão depois de
esfriar, corrí pela escada a cima,
abrí à porta do meu quarto; aonde
ainda o candieiro durava acceso: e
como pela vez primeira tinha capa
nova, lembrou-me que a entrar-me
ou bala, ou quarto para o corpo ha-
via primeiro ter furado a dita capa;
tirei-a então, e passando-lhe revista
á luz, me desenganei de que ou o
bacamarte só tinha polvora, ou me
tinhão errado o corpanzil.

§.

§. IX.

A humanidade sempre he grande cousa! apenas me reconheci livre do incommodo, entrou logo a fazer-se-me penoso o incommodo dos outros; e imaginado, que elles na fé de terem feito emprego, se ausentarião da terra, corri á janella a abrir meio postigo, e gritei: vão descansados, não se desterrem que não me matárão: e logo fechei o postigo, dispi-me, deitei-me na cama, e dormi, como se tal não tivesse acontecido: e talvez me esquecêra de todo; se no outro dia não visse os quartos esmagados na hombreira da porta, e estendidos pela parede adiante; de sorte, que foi como hum milagre, não me terem, com este trabalho, tirado dos outros, em que sempre tenho andado.

§. X.

Tirou-se devaça, a que eu tambem fui chamado, e não se deo em quem fosse: o que foi segunda raridade porque jámais se tira deva-

ça em que ao menos não fique hum pronunciado; quando não seja para o seu castigo, se quer para que págue as custas: sube depois por carta innominada, que vivesse descansado, que tinha sido engano: e sem dúvida, porque o meu manso comportamento não merecia huma desattenção tão decisiva: e a este facto se refere a segunda quadra a pag. 131. do Tom. II.

§. XI.

Segunda prova he o seguinte de què os trabalhos, e desgraças me buscavão, e que em meu favor havia braço mais poderoso do que ellas: tinha eu hum colete de malha, de que nunca usava para brigas, e apenas por conta do frio, pois se compunha de quatorze tafetás, e quatorze pannos de linho, acolchoados, e passados com pontos de huma especie de guita, por toda sua extensão, de sorte que pela sua largura dobrava a parada na frente, reservando o peito, e a barri-

riga com vinte e oito coletes : cujo colete foi de hum meu Tio valente como huma serpe, por mar, e terra, e a quem eu em nada sahi : vamos ao caso.

§. XII.

Huma noite de frio, e por signal que pela Quaresma, hia eu muito embrulhado nelle, e no meu capote, quando ao desembocar da rua de quebra costas, para o arco da Almedina, sinto hum grande empurrão de hum lado : vou a olhar, e quando nada, era huma espera feita a outro, que hia dando comigo em vaza barriz, porque o impulso que eu senti era de huma espada, que sem falta me attravessaria de banda a banda, a não levar vestido o dito recommendavel colete : o certo he que elle livrou-me da espada, e a espada não livrou o outro de ir em braços para casa, por conta de huma morretada, que entre mentes lhe assentei no alto da bola : e talvez, que só saiba quem lha deo, se inda

for

fer vivo, e ler este paragrafo: e eis-aqui a verdade da proposição de que não ha traste inutil, e os que mais se desprezão, são os que mais aproveitão, como succedeo ao viado da fabula, que se achou com as pernas, que tinha em menos cabo, do que a sua ramosa cornadura.

§. XIII.

Chegou-se entre tanto a Pascoa, e eu lembrado dos rogos de Josina, e não esquecido de minha promessa, a pezar de prognosticos sobre a Geometria, e das reprehensões dos verdadeiros amigos, que me querião formado a todo o panno, e olhavão para mim, como para a obra das suas mãos, montei-me a cavallo no sabbado, e apregoando ramos, e vesitando ferrolhos, dei comigo em casa de minha Tia, de donde amiudadas vezes hia a consolar-me com a vista da minha bella, e adorada Josinha.

§. XIV.

Pelo espaço destas ferias me di-

verti muito, e lhe fiz versos com hum contentamento indizivel: ella sempre me pareceo melhor do que nenhuma: muito airosa, mui bem feita, e delicada, e sobre tudo huma candura de genio bem raro de encontrar-se: eu a admirava, ella só me esquecia de meus infortunios: para eu lhe dizer isto que por mim passava, lhe fiz a seguinte

ODE.

HUma fonte, que entre pedras
Sua corrente adelgaça,
Me acalantou, murmurando
N'hum bosque junto ao Regaça.

Mil sonoros passarinhos
C'os gorgeos me acordárão,
E os meus espiritos frôxos
Ao perdido tom chamárão.

Então a Aurora, sahindo
Das estrellas rodeada,
Foi signalando nos Ceos
De vermelha luz a estrada.

Por ella o Zefyro, e Flora
Hum morno bafo espalhando,
Hião das flores mimosas
Fresco orvalho despegando.

Neste enleio, em que me tinhão
A fonte, as aves, e Flora,
Vi de repente a meu lado,
O bem que a minha alma adora.

Não tornei a ouvir das aguas
O murmurio suave,
Nem dos alados Cantores
O Coro mimoso, e grave;

Nem o Zefyro, nem Flora
Vi voltejar na Campina;
Desde tão feliz momento,
Não vi mais, do que Josina!

§ XV.

Perguntou-me ella em certa occasião, em que fallava-mos da inconstancia de algumas Marcias, e curiosas de enganos, se viria tempo tambem, em que ella fosse por mim deixada? ou até que tempo duraria a minha paixão; isto foi tão energico, que lhe divisei nos olhos escapadas algumas lagrimas; e nessa noite levei a minha guitarra, e a ella cantei a seguinte, a que de tarde havia feito musica competente.

O D E.

Co' a face lavada em pranto,
Que meiga a meu rosto ajunta,
Com que ternura Josina,
Soluçando me pergunta!

Até que dia por ella
Arderei no fogo amante,
Ou se inda de abandoná-la,
Virá hum penoso instante?

Mas que posso eu a Josina
Neste ponto responder,
Sendo o instante da morte
Tão difficil de saber!

§. XVI.

He costume pelos dias Santos da Pascoa, darem-se ramalhetes em certa Confraria, e os brindados os levão muito contentes ás pessoas da sua veneração: vi eu dar hum a certa visinha, o qual a minha Josina gabou: e correndo eu tudo por flores, para tambem a brindar, não achei cousa em termos, e por tanto recorri aos versos, dando-lhe esta

ODE.

PElas Campinas de Idalia,
Discorrendo hum dia Amor,
Quiz d'aquelles ferteis campos
Ser primeiro lavrador.

Dep

Despe as azas, larga o arco;
E n'huma avareça d'ouro
Ajuntou a Vara d' Jó,
E da bella Europa o Touro:

Em vez de setta na mão;
Vai longa vara regendo,
Ao som d'hum canto divino
A fresca terra rompendo.

A mãi o segue risonha,
Hum cabazinho embraçando,
De que tira humas sementes;
Que vai no rego lançando.

Rirão-se os Faunos, e as Nymfas
Ao longo daquelle prado,
E no Olympo os Deoses rirão,
De ver o seu desenfado!

Chega a noite; as mansas rezes;
Logo põe em Liberdade:
E huma Venus, e outra Amor
Deixão com pouca vontade.

Nas janellas do Oriente
A rubra Aurora assomou,
E na seara dos Deoses
Gostosamente orvalhou.

Passárão-se nove dias,
E mais huma noite inteira,
Começou de produzir
A divina sementeira.

Forão as Nynfas a ver
De seu trabalho os effeitos,
E achárão que só nascião
Rosas; e amores perfeitos!

Ah! colhei-me, Nynfas bellas,
Dessa ceara divina
Hum ramalhete, que eu possa
Levar á minha Josina!

§. XVII.

Huma das cousas de que sempre gostei, foi de fingir zelos, ainda que não tivesse para elles motivo, porque este jogo toca n'alma, e por

el-

elle se conhece a que auge he hum homem estimado : a minha Josina desesperava com isto, reforçando-me provas da minha pouca razão, e já me exprobava, como de hum defeito : eu então lhe fiz ver que os ciumes são inseparaveis do amor, ou que poucas vezes anda hum sem outro, virando-lhe a ponta do recado, para fazer a gostosa affinação de huns arrufinhos; que dispárão em nada : he o contheùdo, e declarado na que se segue

ODE.

LAnças-me em rosto,
Ver por costume
No peito arder-me
Voraz ciume.

Olha, Josina,
Que neste excesso;
Quando te aggrave;
Mais te mereço!

Vejo-te bella
Vejo-me indi'no,
E meu rival
Tudo imagino.

Se não ter zelos
Sèria m'intimas,
Pouco, Jozina,
Pouco me estimas!

Esse que chamas
Monstro cruel,
He de Cupido
Socio fiel.

Quando de Venus
Amor nasceo
No mundo o zelo
Appareceo.

E tão unidos
A gente os vê,
Que amor sem zelos
Amor não he!

§. XVIII.

Chegárão os Prazeres, e mais sentido do que nunca, me despedi de Josina, que tudo era perguntar-me quando acabaria eu destas hidas de Coimbra: e pensando nisto, e na Geometria, e no anno que tinha perdido, fui fazendo pelo caminho o Soneto, que se segue, o qual lhe remetti, logo que cheguei a Coimbra: aqui o tendes.

SONETO.

Ai Josina gentil, que os duros fados
Contra nós se declarão! vem voando
Huns annos apoz outros, e tardando
Do nosso amor os dias desejados!

Já cuidei, que dois annos acabados,
Acabasse o desterro duro em que ando!
Mas inda no Mondego hei de ir levando
Tres Invernos compridos, e pezados!

E talvez; que esta conta me desfação;
Da ventura cruel as mãos mesquinhas,
E que d'hum mal immensos males nação!

Não esfries porém na fé que tinhas,
Que inda espero ditoso os Ceos me fação,
Por teres parte nas venturas minhas.

§. XIX.

Appareci eu na minha aula, quando menos o esperavão os companheiros, e nella fui continuando, aturando o chasco de todos me perguntarem em que alturas hia a Geometria: sopapo este, a que eu não tinha que responder! mas encolhia-me, e hia continuando.

§. XX.

Veio o Espirito Santo, e convidou-me o Doutor Troia para ir a Miranda do Corvo, e de lá acompanhar o Sirio que vai á Senhora do Pranto, venerada em Villa d'Ornes: Fui eu a pezar da Geometria, e por lá me diverti: he porém forçoso, que dê aos meus benevolos Leito-

res

res huma succinta idéa desta devoção, e das circunstancias de que se reveste a marcha deste Cirio.

§. XXI.

Sahe do lugar, onde a Bandeira pára, huma infinidade de homens, e mulheres, montados em bestas muito e feitadas, os quaes em duas alas seguem a Bandeira nos caminhos que o permittem: de legua em legua se achão duas bancas, huma de hum lado, outra do outro, e dois serventes a cada parte, hum ministra amendoas, outro copos de vinho; vou passando as alas, e cada pessoa leva as suas amendoas, e escorropicha a dóse, de sorte, que o maior desdoiro he passar dalli, sem beber ao menos hum copo, e se lhes dá por isso huma grande vaia. No meio da jornada ha huma casa rustica em ar de armazem, e que fórma huma especie de refeitorio, aonde se anticipa o jantar para toda a comitiva; alli se faz alto, e muita frugalidade se come a desancar, e se be-

bebe como ao desafio: acabado este se continua com as mesmas estações de legua em legua até se chegar ao Templo da Senhora, que fica em hum sitio agradavel, pela visinhança do Zezere, que correndo precipitadamente, se espraia alli em huma especie de lago, de donde caminha a confundir-se no Téjo. Lembro-me de ver alli pescar sáveis monstruosos, dos quaes comi, e os achei sobremaneira saborosos, talvez proceda do batido das aguas. Acabada a romagem que dura hum dia de estada, se torna a voltar do mesmo modo, quanto ás referidas paragens, e jantar sobredito; e eis-aqui a festa do Pranto.

§. XXII.

Voltei daqui a Coimbra, e tratei de me apromptar para o meu Acto de 3. anno, que com effeito não fiz; restando-me a mágoa de não me achar capaz em Geometria, e consequentemente inhabilitado para entrar no quarto, e com profe-

cias formidaveis de não passar dalli para diante, se bem que quanto á parte Juridica, deixei tudo corrente, e dada conta da Geometria, nenhuma duvida restava ao progresso de minha doutorice.

§. XXIII.

Póstas as cousas nesta figura, caminhei para Obidos, com a fixa tenção de nestas férias me dar todo á Senhora Geometria, para no principio de Outubro ir desempenhar o meu barranco, e continuar com o quarto anno, pois já me envergonhava de andar em Coimbra: e nesta situação acaba a materia, tocante á Epoca VII.

EPO-

EPOCA VIII.

CAPITULO I.

§. I.

NA gostosa companhia da minha Josina passava eu serenos dias, mettendo de permeio algumas horas inteiramente empregadas na Geometria: mas a falta de Mentor, isto he, de quem me explicasse humas cousas, e tirasse a dúvida em outras, era hum obstaculo que me tornava inuteis todas as minhas diligencias: eis se não quando vou ás Caldas, e tópo lá com João Manoel de Abreu, de que muito folguei, e a quem convidei para me dar as precisas lições, do que elle gostou, porque tambem me desejava Doutor: e não só isto, mas tambem, para melhor commodidade me quiz seu hospede nas Caldas, onde com effeito o fui.

§.

§. II.

Tratava-se de Geometria a todo o panno; mas o tempo tambem se gastava em visitas a Josina, em passeios de burrinhos, e na estimavel sociedade da familia amavel de Leibisselter, Inviado de Alemanha, que ahi se achava, em razão da molestia de sua galantissima filha.

§. III.

Nós eramos alli fixos ao jantar, de tarde ao passeio, e á noite ao jogo, baile, e uso da minha guitarra; pelo que foi suavemente escorregando o tempo, e com a mesma suavidade escorregou a applicação da Geometria, a qual só tornou a lembrar com a volta de Septembro, por ser visinho de Outubro, mas isto inutilmente, e sem sombra de remedio, o que me magoava, por ver que mais se me hia affastando o tempo de concluir as minhas convènções com Josina.

§. IV.

A reflexão sobre este ponto fez

ap-

apparecer no meu rosto huma tristeza, que se fez reparavel a todos, e por mais que me perguntassem a causa, já mais a disse: até que hum dia a Inviada me instou para que lhe descobrisse a causa da minha repentina melancolia: contei-lhe o que me succedia, e os inconvenientes que da perda de hum anno me resultavão: e entre remedio, e não remedio, me perguntou se isto poderia sanar-se com hum Aviso: tornei-lhe eu que sim, e até lho juraria, se ella quizesse.

§. V.

Está feito, me disse ella então: eu tenho pessoa de minha amisade, com quem me posso interessar, para que vossê o consiga: porei todo o esforço, porque gostando de fazer bem a todos que posso, muito em particular lho desejo fazer a vossê: á manhã venha pela Carta: parti eu saltando de contente, e cheguei a Obidos, sem a tromba com que andava, encaixando de novo em mim

o pertendido nome de Doutor da Aldea.

§. VI.

Sim, Senhores, mal que no outro dia mastiguei a sopa, vacca, e arroz do costume, subi-me a hum burrinho, e fui caminho das Caldas, e em direitura a casa da minha Protectora: apenas me vio, disse-me, já está feita: brincou-se, etc, e lá perto da noite me entregou huma Carta para D. Marianna Arriaga; e quando eu vi o sobrescripto, logo eu disse: a minha Protectora quer servir-me.

§. VII.

Achava-se S. Magestade então em Cintra; e como o meu interesse o pedia, ainda que o tempo estava invernoso, lancei-me aos mares, aluguei huma mula a hum barbeiro da minha terra, por nome Jose Leal Jorge, que dava muito couce, mas pouco temiveis; e pedindo emprestado hum gabão a José Garcia Botelho, marido da filha de minha

Tia,

Tia, com toda a animosidade, cavalguei a Serpe, e por Torres Vedras, e Mafra, visitando amigos velhos, entrei na Villa de Cintra; aonde nunca tinha hido em dias da minha vida, e de que gostei summamente, e se acaso me não déra tanto no cuidado, eu lhe faria algum verso; mas então tratava-se de escapar á Geometria, e nada de Poesia.

§. VIII.

Fui dar a huma estalagem, aonde logo me tomárão a rol; e accommodando a bestinha, sahi para fazer a entrega da Carta; eu não sabia nem porta, nem nada, nem me lembrava o modo de ir ao Paço pela primeira vez, e não queria fazer alguma canhola: neste tempo, que eu me havia postado no meio da rua, vejo vir Domingo Caldas Barbosa, que eu conhecia muito bem, assim como succede a muita gente boa, ao qual me cheguei, e feito o meu comprimento lhe dei parte de

minha pertenção, o que elle escutou com todo o modo, que eu esperava: disse-me que vinha da casa da dita Senhora, e que era má occasião de eu lhe fallar: que elle se encarregava da entrega da Carta, e da resposta; cuja resposta poderia delle haver, procurando-o em casa de João Chrysostomo de Sousa. Isto estimei eu muito, porque com effeito hia mais em traje de marchante, do que de homem com pertenções na Corte.

§. IX.

Tornado á estalagem, cuidei em cear, e depois em querer dormir; porém somno tinha eu, mas cama nada de novo: subi para hum quarto, aonde estava huma especie de enfermaria ladrilhada de camas, mas todas occupadas, e huma que restava vasia, disserão-me logo ser de hum sujeito, por appelido o *Assa*. Com o pretexto de ser seu parente, consegui, que os outros me deixassem deitar na dita cama.

§. X.

No melhor do somno, em que logo peguei, estava eu, quando me senti interrogado pelo dito *Assa* da razão, porque me havia servido da cama, sém sua authoridade? respondi-lhe, esfregando os olhos: que eu o não fizera antes de ouvir o seu nome; mas que ouvindo-o julguei por elle meu parente, por o ser tambem do *Assa*, que fora Coronel dos Voluntarios; e que quando o não fosse, os homens de bem tinhão humanidade, e que não havendo outra cama, e cabendo nós ambos naquella, não me persuadia de que elle me não accommodasse comsigo, vindo eu tão molhado, e moido, e não tendo, pela graça de Deos, molestias que lhe communicasse: que este fora o meu juizo, e caso que S. m. não concordasse, que promptamente me levantaria, com o pezar do meu engano.

§. XI.

Isto foi dito com toda a energia, e

rindo-se os outros, acodio hum Sargento-Mór de Villa Viçosa, que lá se achava, e cujo nome me não lembra, dizendo: que as minhas razões erão racionaveis, e que a minha cara não inculcava molestias: está bom, disse então o *Assa*, accrescentando, ou vossê he muito maroto, ou muito simples; ao que respondi = Senhor, pela manhã fallaremos, que ao presente nada mais quero do que continuar no meu somno: deitei-me para baixo, e continuei na fórma que lho disse.

§. XII.

Ao outro dia procurei Domingos Caldas Barbosa, e com effeito me entregou o meu requerimento com despacho para que sobre elle informasse o Reformador Reitor: achava-se este em Lisboa, e sem appellação nem aggravo marchei nesse dia para Lisboa, e fui aportar á casa de minha Madrinha, a Excellentissima D. Maria do Carmo que já então se achava de assistencia na Cidade; e

H ii lo-

logo cuidei de levar o Requerimento ao meu Reitor; a quem roguei muito mo quizesse dar na mão, para saber manejá-lo, segundo o pedia o caso: mas o caso he que isto não quiz elle, e só me fez a mercê, de dizer-me o dia em que lá o podia procurar: e com esta resposta tornei para casa, não muito contente, pois lhe vi signaes de que a minha pertenção era contraria ao seu systema.

§. XIII.

Chegado o dia que elle me deo, emprestou-me a Fidalga hum cavallo, em que mais decente fui buscar a resposta, da qual desconfiei, pois que o meu Prelado não gostava destas indulgencias, as quaes por muito frequentes hião produzindo huma especie de relaxação: com tudo, depois do negocio estar vacillante, sempre me entregárão hum Aviso, pelo qual S. Magestade foi servida que eu fizesse o meu acto de terceiro anno, podendo matricular-me no quarto, não obstante a Geometria, da qual

se-

seria obrigado a dar conta no fim do dito quarto anno: que viva!

§. XIV.

Parti torto de alegria para a estalagem; e como não tinha tempo de deitar nesse dia a Lisboa, fui visitar o meu amigo Antonio Joaquim Bruxado, em huma quinta aonde assiste perto de Cintra: e no outro dia, montei a cavallo, e fui calcorreando pára a Cidade

§. XV.

Caminhava eu nas alturas de Queluz, a passo largo, quando succedeo passar hum Correio: o cavallo, que creio já o havia sido de posta, deo de correr tambem: deixei-o ir, até que por dó delle (que praza ao Ceo, nunca tivera) o quiz segurar: não esteve por isto o bruto, e entre pára não pára, toma o freio nos dentes, parte comigo por huma terra margeada, e cégo na carreira vai esbarrar com hum monte de pedra secca, onde cahio de narizes, deitando-me pelas orelhas fóra em cima de ou-

outro, de sorte que dei com huma sobrancelha aonde fiz hum rasgão, que a dar na fonte, que perto lhe ficava, tambem alli ficaria.

§. XVI.

Ergui-me como pude, e como nunca larguei a rédea, fui de mui vagar para huma taverna que estava no caminho, escorrendo em sangue: lavei a ferida com agua-ardente, puz-lhe huma sopa de vinho, montei-me a cavallo, feito mascarado, e dahi até Lisboa dei-lhe a corrida que elle merecia, e desejava.

§. XVII.

No dia seguinte, fui a casa do meu Reitor, a pôr-lhe o cumpra-se: dei-o para dentro, e quando elle sahio para a Patriarchal, já mo trazia aviado no barrete: entregando-mo, ao beijar-lhe a mão me disse; porque não tirava logo outro para o anno: respondi-lhe, que não havia ser preciso: e lembro-me que elle me ornou: inda assim sempre he bom ver prata quebrada. Foi-se andando,

do, e eu parti logo a cuidar na minha jornada para Obidos, para de Obidos me transportar para Coimbra.

§. XVIII.

A minha Josina, a quem eu tinha communicado a difficuldade em que me achava, e o fim de minha jornada, se alegrou muito com o bom exito della: e entre este prazer, e o desgosto de nos apartarmos, veio o dia da minha partida, e eu, á falta de bestas me conduzi em hum jumento, e a mala em outro até á Cidade de Leiria, aonde achei hum macho, que me levou até á Rainha do Mondego.

§. XIX.

Mal que cheguei apresentei o meu Aviso, fiz o meu acto de terceiro anno, e matriculei-me no quarto, com segunda admiração dos que havião presenciado o primeiro milagre: e muito empanturrado, e senhor de mim tomei o meu lugar, e continuei com o olho aberto no Ba-

Che-

charelato, para dahi descambar na Formatura.

§. XX.

Este foi o anno em que vivi mais manso, e com effeito me appliquei á Geometria; ainda que lentamente; não deixando nunca as tafularias, e brinquedos, por serem indispensaveis do meu estabelecimento, a pezar de tantos amigos quantos me ajudárão; e a quem não sei dar as devidas graças.

§. XXI.

Se eu até aqui olhava para a minha Formatura, como huma cousa já de capricho, agora a encarava, como hum meio para possuir a minha Josina; e este estimulo foi hum zaguncho, que a toda a hora me despertava nas minhas obrigações; e portanto todos os dias tomava huma hora para Geometria, debaixo das inspecções de José Barbosa Nogueira, e Pedro Joaquim, heróes de igual mansidão á minha, e de hum temperamento da mesma qualidade.

§.

§. XXII.

Não houve por tanto neste anno heroicidade palpavel, nem estropolia de recommendação: mas sempre o Natal nos trouxe á pátria, e o mais he, que até pelo Entrudo fiz a mesma viagem, com notorio escandalo do mundo escolastico, e grande prazer, e satisfação da minha Josina, que assim mo havia rogado, e a quem eu não quiz faltar.

§. XXIII.

Nessa occasião lhe fiz a seguinte Ode, na qual em vez de Josina puz Nize, do que se não satisfez muito, em quanto lhe não dei disso as razões; e isto porque entendeo, que eu tinha mais, com quem repartisse dos meus versos, no que se enganou de meio a meio, e a dita he esta

ODE

ODE

NAs margens do Regaça,
Qual bando de pombinhos,
Aqui, e alli voavão
Seis bellos amorinhos.

Hum delles mais traveço,
A' bella companhia
Severo disse: he justo
Passar-se aqui o dia?

Pois onde voaremos?
Os sinco lhe tornárão:
A Nize disse: alegres
Os mais se levantárão.

Cortando os mansos ares,
O terno bando adeja,
Mais cedo, do que os outros
Qualquer chegar deseja.

Aquelle, que primeiro
Chegou ao rosto seu,
Em seus galantes olhos
Ligeiro se escondeo.

O outro que apos elle
Hum nada se atrazou,
A seus rosados lábios
Contente se apegou.

E dois que ao mesmo tempo
O vôo aquietárão
De suas faces lindas
Co' as Graças se abraçárão.

O quinto pelas tranças
Ligeiro foi trepando,
E candidas boninas
Foi nellas concertando

O sexto que não póde
Pousar onde queria
As azas sacudindo
Pegado aos mais carpia.

§. XXVII.

Neste tempo entrou pela porta, fazendo passagem para o bilhar, hum Beneficiado, chamado o Marques, o qual segundo seu costume me tratou pelo titulo de D. Francisco, hum dos ponchantes levantou-se logo de chapeo na mão, o que imitou o outro companheiro chegando-se aquelle a mim a abraçar-me quasi pelos pés, e o segundo posto como de atalaia, observando a razão de sua humildade, e alvoroço! elle me fez immensas festas prodigalisando o tratamento ora de Senhoria, ora de Excellencia: logo eu vi que o erro estava entre a minha pessoa, e a de D. Francisco d'Almeida: porque lá não havia outro Francisco com Dom.

§. XXVIII.

Mais me desenganei, quando me fallou no que D. Violante de Mello era sua amiga, e nas travessuras que narrou da minha primeira idade. Ora como eu me vi Fidalgo do pé para a mão, tambem da mão para

ra

lhos vem inopinadamente, como tambem, que ás vezes de hum trabalho se tirão avultadas consequencias: a razão do meu dito, carece de prova, e tendo outras muitas que produzisse, tirada da vida de Heróes de outra categoria, não quero mendigar exemplos estranhos quando nos meus acontecimentos, e ordinarias aventura, entre outros apparece o seguinte que fez o meu Reitor, que até então me tinha por hum espirito inquieto me ficasse julgando tal, qual eu era, e da mansidão de que ainda me conservo.

§. XXVI.

Achava-me eu hum dia no botequim do Alves, tomando o meu copo, que elles vendem a titulo de café, a tempo que na meza que me ficava defronte, fazião o papo com ponche fumegante dois sujeitos para mim inteiramente desconhecidos, e com quem eu me interessava cousa nenhuma.

NA
n.
dias,
horas
Geom
isto l
mas c
outras
tornav
ligenci
Caldas
de Abr
a que
cisas liç
que ta
não só
lhor c
pede n
o fui.

passear pelo botequim, entrou hum delles de supito pela porta dentro, e se lançou ao meu braço com tanta violencia, que me vi obrigado a sahir para a rua, aonde me esperavão mais dois, e eu na mão de hum vi luzir huma faca com que me accommettia medrosamente: o outro descarregava pedras para a porta, evitando assim, que os de dentro podessem soccorrer-me: eu com presença de espirito, enrodilhei a capa no braço, e afforsuradamente procurava na rua que a providencia me deparasse alguma pedra: cahio-me em fim huma fivela do çapato, destas de aço, e muito grande, a qual não quiz perder, e me servio de muito, pois vendo-ma luzir na mão, receou o investidor, e foi-me largando o campo, que venci te perto da porta; e como se tinhão acabado as pedras, e eu o bispei pela luz da casa, agarrei huma boa mão cheia de lama, e felizmente lha encaixei pelos olhos, e sobrando á

porta, acudio o outro, a quem levei comigo pela casa dentro: deparou-me a sorte hum taco, e com elle lhe sotei na cabeça, varando-o em terra, e sendo soccorrido do companheiro, aconteceo-lhe o mesmo, ficando eu victorioso, e soberbo de minha contenda.

§. XXXIII.

Appareceo o dono da casa gritando muito contra mim, com o pretexto de eu alli fazer desordens, ao que os mais responderão com a minha rasão, quando estava para lhe responder com o mesmo taco, com que déra o lugar a seus intempestivos ralhos: alfim perguntados os derribados, veio a saber-se por sua confissão, que erão criados do nosso Reitor: isto agoniou ainda mais ao dono da casa, e a mim não me fez muito boa cara: partirão elles para casa de seu amo, e eu parti a ter com D. Joaquim de Lima, a quem quiz dar parte, mas não o achei então em casa.

§. XXXIV.

Como os meus contendores tinhão hido buscar cartas ao correio, e voltárão ensanguentados, tambem as cartas participárão disso, e fazendo especie ao Prelado, quando assim as vio, por não o agoniarem, pois se achava molesto lhe temperárão o espanto, dizendo-lhe, que por descuido as havião posto na cosinha em cima de huma banca, onde se tinha matado o quer que fosse: e deste modo se cerzio o remendo, e talvez passasse a cousa em claro.

§. XXXV.

Fosse porém, que os familiares quizessem vindicar a verdade, ou que o dono do botequim, receoso de alguma suspensão buscasse nisto o remedio, he certo que o Prelado soube no outro dia a tratada tintin por tintin: aconselhavão-me que eu fosse tambem dar parte: respondia eu; *de que?.. de lhe rachar a cabeça aos criados? isso não: elle ha de informar-se, e ouvir-me;*

e nisto fiquei fixo como huma rocha.

§. XXXVI.

Meu dito meu feito: e passados dois dias, entrou-me pela porta dentro hum Continuo, não me lembro se o Bento, se outro que tal, e me intimou, que o Senhor Principal ordenava, que eu lhe fallasse ao meio dia: e isto então sendo onze horas, e achando-me eu casa por falta de çapatos.

XXXVII.

Mandei pedir huns emprestados, e á hora que se me deo, me apresentei na sala dando conta da minha obediencia: veio elle, e depois de fallar-me em outras cousas, tocou no ponto, e me encarregou de contar o que tinha havido: fiz eu fielmente a narração, sem faltar a circunstancia alguma, e quando delle esperava algum varejo, foi pelo contrario, pois me achou tanta razão, que no outro dia poz os criados na rua.

S

§. XXXVIII.

Eu que nada mais queria, do que ficar bem, sem que elles de mais a mais ficassem com outro mal novo, vim por isso a sentir-me bastante do incommodo dos pobres moços, pelos quaes tendo rogado varios, nada conseguírão. Eu então, levado de hum impulso, de que sem lisonja sou susceptivel, deitei-me a casa do Prelado, e com a energia que pude, lhe pedi que elle se dignasse a acceitá-los: disse-me elle depois de eu lhe instar muito, que o faria se eu lhe respondesse cabalmente a duas cousas: offereci-me para tanto, quanto podésse, e sempre com verdade.

§. XXXIX.

Foi a primeira pergunta: *Porque razão me achára eu no botequim a semelhantes horas, sendo mais proprias de estar tratando com os meus Livros?* Respondi-lhe eu = Senhor, se a fortuna de mão com a natureza, assim como me derão hum estomago sugeito

aos

aos pezos, e indigestões, a que tambem o está o de V. Excellencia, me derão a segunda parte de ter criados como V. Excellencia, e bom café como V. Excellencia, eu lhe dou a certeza de não ir a semelhantes casas: mas como as nossas amas não fazem, nem sabem fazer café, e o estomago ás vezes precisa delle, eis-aqui porque lá estava a essa hora, por ser essa a hora em que precisei de café, e não por outra cousa, que eu para passar o tempo, não preciso botequins, inda desprezando o estudo.

XL.

Como a minha resposta recahia sobre pontos de verdade não me instou elle, mas quiz em segundo lugar, que eu lhe dissesse quem erão certos sugeitos, que por estas casas estavão todo o dia, e que até passavão muitas noites, até ao ponto de dormirem o resto dellas em cima do taboleiro do jogo: bem sabia eu quem elles erão, e até de hum que

lá

lá deixou em huma dellas o compendio, que não procurou, senão passados quinze dias, mas com a mira no amor do proximo, e proprio, lhe satisfiz, dizendo: = Que mal podia informá-lo no que S. Excellencia queria, porque se passavão semanas, que lá não entrava de dia, e de noite mezes: está bom, me disse elle, póde ir-se embora: tornei a instar pela acceitação dos criados, e ficou em satisfazer a meus rogos do modo possivel.

§. XLI.

Com effeito elle averiguando quem fora delles o author ácerca de misturar a hida ao botequim, com a hida ao Correio, fazendo justiça a esta curiosidade, e annuindo ao meu honrado petitorio, acceitou o convidado, e novato na terra, deixando sempre o veterano, e convidante no andar da rua.

§. XLII.

Esta tramoia que alguns pensárão ser-me funesta, deo lugar a que elle me visse, e ouvisse de perto, e

que

que notasse que em todas grandes heroicidades que lhe precederão, nunca eu figurei, sendo hum heróe attendivel; e daqui veio mudar-se o systema concebido, e principiar a olhar-me com olhos de compaixão, e a favorecer-me lá pelo tempo adiante no que tocava á sua inteireza de officio, como veremos lá para diante ácerca da Geometria: e eis-aqui provado o que eu dizia, que ás vezes dos trabalhos se colhem bons fructos.

§. XLIII.

Cantando o triunfo deste acaso, fui hindo com a minha vida por diante, e até com a fama de valente, de que nunca me quiz servir sendo aliás a maior tentação de rapazes, pois desde pequeno, sempre tive grande amor ao meu corpo, *ac per consequens*, natural aversão a levar pancadas: com tudo sempre entrei em huma briga no campo de lava rabos, por baixo de S. Silvestre, aonde corri de espada na mão; mais

mais arrogante que Oliveiros, e de onde fugi, mais leve do que hum passaro, mettendo esporas à mula em que hia, adiante de duas fouces rossadoras, a que escapei atraz de todos os companhiros, que se acordárão de o fazer mais cedo: e por tanto o meu voto he ter antes fama de fraco, e de pobre, do que de rico, e valente, já por conta de roubos, e emprestimos, e já por escapar a acontecimentos funestos.

§. XLIV.

Lembro-me que isto foi pelo tempo da Quaresma; e tanto assim que pouco depois aconteceo o que se segue, e que deo lugar ao que vai depois, e he o caso.

Ha neste tempo, pelos arredores varias Procissões, e principalmente de Passos, a que de ordinario não faltão os Estudantes; e o mais he ser a curiosidade quem os conduz, e não a devoção! Estas Procissões quasi sempre acabão em destemperos; porque se ajuntão os valentões

das

das visinhanças, e assentão; que não ha dia mais proprio para se baterem, e quebrarem as cabeças, por antigas rixas, do que aquelle, e naquelle acto em que se devião perdoar; e por isso eu não gostava demasiadamente de ser companheiro em occasiões destas; pois já em Condexa hia sendo victima da bebedeira de hum, que só por ser Estudante, a pezar de quieto, e manso, me hia derribando com hum calhão, que por felicidade me passou á vista, assobiando como huma cobra.

§. XLV.

Com tudo não pude resistir a não me comprometter de ir a Condexa, e com effeito aluguei o meu cavallinho: isto foi na vespera: Deos porém permittio, que nessa noite chovesse toda a agua que foi bastante, para deixar a nado a Cidade baixa: montar por cima da ponte, e arruinála: desmanchar os morros da Portela; arrancar estacadas, e finalmente por toda a gente huns em

aper-

aperto, outros em pasmo, e admiração. Esta cheia a maior de que ninguem se lembra, mereceo-me o seguinte Poema, que aqui vos offereço; lede-o com attenção, que delle vereis qual ella foi.

MONDEGUEIDA.

POEMA.

ESTRAMBOTICO.

CANTO I.

I.

NEm sempre os heróes valentes
A's offensas dão castigos;
Hum' dia esperão prudentes,
Em que de seus inimigos
Punem acções insolentes.

II.

II.

Rafeiro, que ao dono segue,
Quando de cães de regalo
Traveço bando o persegue,
Que só com o fim de avisá-lo
Mostra o dente, sem que pegue.

III.

Mas que vendo-se enjoado
De aturar a gritaria,
Co' hum na boca atravessado
Vê a chusma que o seguia
Fugir co' o rabo enroscado.

IV.

Desta maneira o Mondego
De vinte annos pelo espaço,
Vio com mágoa, e com socego
Acanhar-lhe o antigo paço,
Das riquezas o amor cego!

V.

Vio, que força de estacadas
De muros, e marachões
Lhe punhão freio as passadas;
E cheio d'outras rasões,
Quiz ás injurias vingadas.

VI.

Encostando-se ao Tridente
Sahio pela vasta furna,
E anciado, e impaciente
Disse (erguendo-se na Urna)
Mais raivoso, que eloquente:

VII.

„ Ao Rei das aguas da Beira
„ Tanta injuria... a mim que posso
„ Dar ordens ao Alva, e Ceira,
„ E semear o destroço
„ A' minha falla primeira!

VIII.

„ A mim, que tenho por Mãi
„ A' grande Serra da Estrella,
„ Que não precisa d'alguem
„ Para ajudar-me, pois ella
„ Basta co' as neves que tem!

IX.

„ Tanta injúria... aqui batendo
„ Co' pé no chão de raivoso,
„ Se foi na cova mettendo,
„ E deste golpe horroroso
„ A terra ficou tremendo.

X.

E buscando a Mãi formosa,
Que no cume da montanha,
Sua frente graciosa
Orna das neves, que apanha,
E de que se veste airosa;

XI.

Foi achá-la conversando
Com Vulcano, que irritado,
Pelo delicto nefando
De Venus, tinha jurado,
Viver tambem tal quejando:

XII.

E por não ser suspeitoso,
De seu monte aqui vem ter,
Por caminho tenebroso,
Que aos Brontes mandou fazer,
Em todo o modo engenhoso.

XIII.

Não sómente alli destina
Os passos do Amor guiados
Mas co' a neve crystallina,
Consola o corpo escaldado,
Da abrazadora officina.

XIV.

XIV.

Tendo o rio por costume
Ver disto nas margens suas,
Sem se abrazar de ciume;
Conta a Mãi as mágoas cruas,
Dos olhos deitando lume.

XV.

A Mãi lhe ordena que desça,
E que disponha a vingança,
Sem que mais soccorros peça:
Ouvindo-a o filho descança,
E parte-se a toda a pressa.

XVI.

Do coixo Deos se despede
Da vingança com desejo;
E a vasta distancia mede,
Que vai à Foz, onde ao Téjo
O mar a corrente impede.

XVII.

Sobre huma rocha empinada,
Que o mar irado carcome,
A Lua teve morada,
Deo-lhe isto de Cynthia o nome;
De donde Cinthia he chamada.

XVIII.

Alli rogou tempestades
A'quella, que o tempo altera;
E às maritimas Deidades,
E á Aquario a chuva mais fera:
Que tinhão visto as idades.

XIX.

Ao alto de Mont'achique,
Inclina as azas ligeiras;
E por ver prompto o despique,
Passando serras inteiras
Se eleva da Estrella ao pique.

XX.

Ou fosse a supplica sua,
Ou acaso; a poucos passos
Escondeo-se o irmão da Lua;
E vio-se nos ares baços
Formar trovoada crua.

XXI.

Por entre o feio negrume,
Que de longe apparecia,
De huma montanha no cume;
Amiudado se via
Fuzilar subito lume.

XXII.

O trovão medonho, e rouco,
Inda distante estava,
E chegando pouco a pouco,
O terrivel som dobrava
No valle concavo, e ouco.

XXIII.

XXIII.

Grossas chuvas se lançárão
Pelos cabeços dos montes,
Donde aos campos caminhárão;
E de roda os horizontes
Co' hum diluvio ameaçárão.

XXIV.

A Serra, que o filho estima,
E co' despique se mette,
Quantas neves tem por cima,
Em hum momento derrete,
E a dura guerra as anima.

XXV.

Na frente deste esquadrão
Sahe o Mondego arrogante,
Com seu Tridente na mão;
Jurando, d'a mais possante
Muralha igualar ao chão.

XXVI.

Começa rouco estampido
A sentir-se pelos valles;
E das aguas o zunido
Vem servindo de timbales
A'quelle esquadrão luzido.

XXVII.

O Alvá que a Mãi mandava
A soccorrer o irmão,
Já no caminho aguardava,
Com merce de Capitão,
E a soldadesca ordenava.

XXVIII.

Na reta-guarda o seguião
Os regatos, e os ribeiros,
Que aproveitar-se querião
Nesta guerra aventureiros,
E hum regimento fazião.

XXIX.

Como a guerra se sustenta
De roubos, e crueldade;
E quanto ve, quanto attenta,
E briosa herocidade,
Chama á furia sanguinenta.

XXX.

Os rios postos em guerra,
Nas suas forças seguros,
Juntos co' as aguas da Serra;
Lagares, azenhas, muros,
Tudo vão pondo por terra.

XXXI.

Houve tal, que ao longe ouvio
O rumor do tropa horrenda;
Mas tão tarde lhe fugio,
Que lezado na fazenda,
Quasi nadando sahio!

XXXII.

XXXII.

Não ha pipa, que não saia
A' tona d'agua boiando;
Não ha muro que não caia;
E a amarra os bateis quebrando
Encalhão de praia em praia.

XXXIII.

O lavrador que da Aldea
Se retira acautelado,
De desgosto co' alma cheia,
Chora a grade, e curvo arado;
Que lhe vai levando a cheia.

XXXIV.

Chegando a hum vasto terreno,
Fez alto o Chéfe das aguas,
E disse raivozo: ordeno,
Que sem attender a mágoas,
Rompão tudo a hum meu aceno.

XXXV.

Caminha a esquadra primeira,
Que quanto encontra atropela,
E vai cortejar o Ceira,
Que defronte da Portela
Desenrolava bandeira.

XXXVI.

Trazia grossos soccorros,
E estimava occasião
De ver seus direitos forros,
Pela muita vexação,
De hum muro, e de certos morros.

XXXVII.

Como co' Mondego tinha
Amizade muito estreita,
E serví-lo lhe convinha,
Desfilou pela direita,
Buscando 'a praia visinha.

XXXVIII.

XXXVIII.

Hum dos morros, que arrogante
Soffreo o primeiro embáte,
Cedendo á furia constante,
Em terra comsigo bate,
Com ribombo mal soante.

XXXIX.

Vendo a Deos Marte jucundo,
Cobra brio a leve tropa:
Com impeto furibundo
Mette de espora, galopa,
E pōe por terra o segundo.

XL.

No calor desta peleja,
E co' favor da victoria,
Diz, que quanto erguido esteja
Por sua completa gloria,
Nunca mais em pé se veja.

XLI.

Mas o rancho aventureiro,
Que hia mais a saquear,
Do que a mostrar-se guerreiro,
Correo, e foi rodear
Hum visinho Taberneiro.

XLII.

Desenfreados quizerão
Provar do licor, que achárão;
Aos toneis assalto derão,
Mas foi o mais o que entornarão,
Do que o vinho que beberão.

XLIII.

Ainda co' os beiços tintos,
E cambaleando em terra,
De mais estragos famintos,
Tornárão de novo á guerra,
Porque o vinho os fez distinctos.

XLIV.

XLIV.

E cerrando hum esquadrão
Ao lado do rio Ceira,
Caminhárão de empurrão,
E na avançada terceira
Rachàrão o paredão.

XLV.

A raiva não lhe soffreo
Estar no campo hum só dia:
Mas pôz-se alli hum troféo,
E esta letra, que dizia:
Mondego, chegou, venceo.

CAN-

CANTO II.

I.

PAssando o gosto a chacota
Caminhão desenfreados
Na projectada derrota,
Destruindo encarniçados
Por huma, e por outra mota.

II.

A faia mais destemida,
Que dos ventos furiosos
Nunca ate'lli foi vencida,
Co' os olhos nos Ceos piedosos,
Fica na cheia estendida.

III.

Ás vinhas, que o çumo dão,
Que a zombar do frio ensina,
Alastrão-se pelo chão;
E sendo aos mais medicina,
Dão a si remedio vão.

IV.

Risonho o Mondego corre;
Mas como do tempo antigo
Por huma das fontes morre,
Que neste terreno amigo
A' vista grata discorre;

V.

Que elle amante pertendeo
Na sua pequena idade,
Mas que aos rogos não cedeo;
Quiz em pompa, e magestade
Ir mostrar-te o que perdeo.

VI.

Era a fonte dos Amores,
Tão celebrada na Historia,
Por tres feros matadores
De huma Nynfa, que memoria
Terá sempre entre amadores.

VII.

Alli chegou arrogante
O seu desprezado Esposo:
Ella que o vê delirante,
Soberbo, e vanglorioso,
Vai-lhe escondendo o semblante;

VIII.

E recuando a corrente
No rochedo se agazalha;
E como o seu mal não sente;
Ouve estas queixas, que espalha
O Mondego impaciente.

IX.

He crivel, gritava o rio,
Que tu louca desprezasses
Meu amor, e poderio!
E que nunca te abrandasses
Com me ver ao Sol, e ao frio?

X.

Que meios não procurei
Para te ser agradavel?
E porque errada pensei,
Que humilde te fora amavel.
Quanto pude me humilhei!

XI.

Vio-me mil vezes o estio
Andar por aqui de arrojo
Tão falto d'aguas, e brio,
E tão coberto de nojo
Que era regato, e não rio!

XII.

Esquecido de quem era;
E com pejo de meus Pais,
Desisti, amavel féra,
Té dos poucos cabedaes,
Que me dão na Primavera.

XIII.

Nada disto te abrandou
O coração de rochedo!
Deixaste-me? vê quem sou,
Sahe fóra, não tenhas medo;
Vem ver a pompa em que vou.

XIV.

Força não ha que embarace
O meu passo, assaz seguro!
E por onde quer que passe,
Lá para o tempo futuro
O terror, e espanto nasce!

XV.

Vem ver-me, não tenhas pejo;
Em quanto não aguardo, e detenho
Estas falanges, que rejo;
E taes, que inveja não tenho
Ao poder de Doiro, e Téjo.

XVI.

Por hum pedaço esperou;
Pensando, que sahiria,
Mas em fim desconfiou,
E vendo, que persistia
Em se esconder, abalou.

XVII.

Veio á Ponte o rio ousado
Co' as esquadras, que o seguião;
Tendo as déz da noite dado;
Quando huns nas camas dormião,
Outros nem tinhão ceado.

XVIII.

Passou a esquadra primeira,
Que na frente commandava
O temivel rio Ceira;
E a Ponte, que isto observava;
Mostrou-se hum tanto grosseira.

XIX.

Mondego, que o roaz
Desprezo vinha mascando;
O pé recuando atrás,
Lhe disse as vozes alçando,
Entre cousas de si más:

XX.

Ou Jove não tem na mão
Raios, que forja Vulcano,
Ou no caso as cousas estão,
Que até póde do Oceano
Fazer escarneo hum Anão.

XXI.

Que a mal criada não veja
Quem passa... aqui de enfiado
Entre as ondas gorgoleja?
E tremendo de enraivado,
Sopra, tosse, ruge, e arqueja.

XXII.

Tu co' chapéo na cabeça
Ao vêr-me passar em guerra?
Inda faltava mais essa!
Não temes te ponha em terra
Ao rouco som de huma peça?

XXIII.

E depois prosegue: he justo
Aos Grandes guardar respeito,
Quando não, com tenue custo
Recobrarei o direito
Que me nega hum timbre injusto.

XXIV.

A Ponte que he grande em si,
E tem rendas abastadas,
Segundo o que eu sempre ouvi,
Deo-lhe quatro gargalhadas,
E foi-lhe fallando assim:

XXV.

O' lá como vem pomposo,
Respeitavel, e arrogante!
O quanto o inverno chuvoso
Lhe muda a cor do semblante,
E o torna féro, e vaidoso!

XXVI.

Não ha seis mezes inteiros,
Que por aqui nos corria,
Encostado aos arieiros
E tão pobre, que pedia
Agua ás fontes, e aos ribeiros,

XXVII.

Agora fofo, e chibante
Nem quem eu seja conhece,
Quão antiga, e quão possante!
Em fim de tudo se esquece,
Porque se vê abundante.

XXVIII.

Sempre a mim me pareceo,
Que havia seguir a estrada,
Que a vileza descreveo,
Que he não se acordar de nada
Com dez reis d'agua de seu!

XXIX.

Foi dos ratos, e toupeiras
Ha dois dias vadeado,
E brinco das Lavadeiras!
Hoje quer ser cortejado,
E puxa tropas guerreiras!

XXX.

Ora vá, que eu lhe prometto
Dar-lhe a resposta em Agosto,
Quando menos circunspecto
O vir procurando encosto
Mais magro, que hum esqueleto.

XXXI.

Então lhe tomarei contas
Do que diz, por huma vez
E para vingar affrontas,
Dar-lhe-hei a beijar os pés
De meus dedos pelas pontas.

XXXII.

Aqui rugio o Mondego,
E comsigo murmurou
Tres vezes no fundo pégo!
Correo-se, porém ficou,
De furor, e raiva cégo.

XXXIII.

Trez vezes quiz disfarçar
A sua justa vingança;
Mas bramindo mais que o mar,
Tres vezes raivoso avança,
Sem se poder explicar!

XXXIV.

Bradando então: guerra, guerra;
A' rija ponte arremete;
E formando huma alta serra,
Lança-lhe as mãos ao topete,
E põe-lhe o riçado em terra!

XXXV.

Vendo-se ella injuriada,
(Sem que fosse a vez primeira)
Quiz chamar agoniada
Agua-Maias, e Cidreira,
Porém ficou suffocada,

XXXVI.

XXXVI.

O Mondego vantajoso
Desta victoria segunda,
Calcando-a ás plantas vaidoso,
De tanta alegria abunda,
Que até canta, e salta airoso.

XXXVII.

Mas como se não contenta
Dos estragos que lhe fez,
Chamando a tropa cruenta,
Dá parte, que desta vez
Na Cidade hum saque intenta.

XXXVIII.

E mandando desfilar
Pelo seu direito lado,
Toda a gente quer notar;
Porque elle he rio versado
Na sciencia militar.

XXXIX.

Agora dize-me, ó Musa,
As tropas quantas, e quaes
Trazia a marcha confusa:
Ao menos os Generaes,
Que he cousa que não se escusa.

XL.

Alli militava o Alva;
Mui possante, e circunspecto
Co' a frente rugosa, e calva;
Acompanhado de hum neto
De cor rubicunda, e alva,

XLI.

A este deo a vã-guarda
Por capaz, e por irmão:
Era verde a sua farda,
Levava o Cova, e Lorvão,
E o Tobinho em sua guarda.

XLII.

XLII.

Vinha o Ceira bellicoso,
Pela frente coroado
De seu salgueiro frondoso;
De hum sobrinho acompanhado
Valente, mas orgulhoso.

XLIII.

Destinou-lhe as duas alas,
Pois ambos elles podião
Com coragem sustentá-las:
Fardas vermelhas trazião,
E lanças como a de Pallas.

XLIV.

Seguia-o certo ribeiro,
Que tem o seu nascimento
Alli n'hum visinho oiteiro:
Traz comsigo hum regimento
De fontes sim, mas guerreiro.

XLV.

Nem eu me espanto que seja,
Porque a Amazona Camilla
Aos heròes servio de inveja;
E as femeas são cães de fila
Na fervença da peleja.

XLVI.

O Mondego o General
Em chefe da expedição,
Ao Nilo em forças igual;
A' reta-guarda na mão
Tem o Estendarte real.

XLVII.

Vê-se nelle debuxada
De Arethusa a linda forma
A Alfeo fugindo assustada,
E fonte em que se transforma,
E o Rio de que he buscada.

CANTO. III.

I.

DIspostos os batalhões,
Manda tocar a investir;
Huns medonhos borbotões
Das aguas se entrão a ouvir
Por bucos, e boqueirões.

II.

Lá no bairro das Amêas
A maior parte da gente,
Huns estavão já sem meias,
Outros lidando de dente,
Outros mettidos nas teias.

III.

E toda a mais maganage,
Folgos vís, que alli habitão,
Aos vicios dando pastage,
Huns ao som da banza gritão,
E os outros tratão da gage.

IV.

Eis-que dando de pancada
Pelas ruas o Mordego,
A' fuga toma a passada;
E em fatal desassocego
Deixa a gente malfadada.

V.

Que gritos não dás aos ares
O' moça roliça, e guapa,
Que entre sustos, e pezares
Embrulhando-te na capa
Te queres deitar aos mares.

VI.

VI.

Outra tal que o Tio vélho
Esperava ouvir dormindo,
Lá no fetido cortelho,
E estava o rosto bornindo
Ante o seu fallaz espelho.

VII.

Deixa o coto da pomada;
Larga as fitas de cabello;
Entorna a branca alvaiada;
E ouve mais fria que gêlo
Bater-lhe a cheia na escada.

VIII.

Huma que os grélos temp'rava
Para o manso companheiro,
E que o azeite espreitava,
Que o gelado Fevereiro,
Na amotolia embargava.

IX.

Largando tudo no chão,
Com dois filhos agarrada
Trepa a cima de hum caixão,
Ate dalli ser titada
Por mais piedosa mão.

X.

Huma na mão co' a candeia
As alturas espreitava.
A que hia chegando a cheia,
E nas caras que traçava
Era cem vezes mais feia.

XI.

No combate de Inglaterra
A chegada de Magriço,
Na gente que via a guerra
Não fez tanto reboliço,
Como o Mondego na terra.

XII.

Os ais que aos ares mandavão
Albanas, Nizes, Tirceas,
E os soluços, que espalhavão,
O final dia as amêas
Cá de longe annunciavão.

XIII.

Hum çapateiro que o buxo
De vinho tinha atacado,
Correo a pegar no buxo
Erguendo-se atrapalhado,
Da porta ao terceiro puxo.

XIV.

Mas vendo que pela greta
Entrava o rio ás golfadas,
Co' os çapatos de chanqueta,
Disse ao som de gargolhadas
Agua em minha casa he peta.

XV.

Por Baccho que ha já trinta annos
Que nem a gasto ao lavar!
Arrêa, fóra, maganos,
E deixem-me ir enroupar
Que me esfrião os tutanos.

XVI.

Para a cama se transporta
Aquella alma socegada!
E o rio que não lhe importa
O Deos Baccho, de pancada
Lhe deo em terra co' a porta.

XVII.

Co' a alma então cheia de mágoa,
E a pança de vinho cheia,
Fugio entre frio, e fragoa,
Não sei se á furia da cheia,
Ou sómente á vista d'agua.

XVIII.

XVIII.

Para hum soto que trepou,
De donde rosnando alegre
Porque a tempo se escapou,
Bucho, formas, e bizergre
Boiando n'agua avistou.

XIX.

Então com voz mui gosmenta
Que dos beiços desprendeo,
Gritou: deixe a ferramenta,
Isto dito, adormeceo,
Co' hum torvão em cada venta.

XX.

Neste tempo o rio Ceira
Pelo Romal, e no Cais
Levantou tanto a vizeira,
Que fez por'li as Vestais
Velar huma noite inteira.

XXI.

Mas diz huma não ter hido
Logo da noite ao começo,
Onde tinha promettido;
Pois neste desastre aveço
Não teria padecido.

XXII.

Lembranças do que perdêra,
E a vista do mal presente
Lhe fazerem peleja fera;
Em quanto outra mais prudente
As suas mágoas tempera.

XXIII.

Huma, que Venus por Bacco
Deixou contra seu desejo;
Sorvendo pobre tabaco
De secca borôa, e queijo
Vai tasquinhando o seu naco.

XXIV.

Ha tal que alternando o peito,
Pelos estragos que bella
D'Amor nos choques tem feito,
Quer ás aguas da janella
Infundir algum respeito!

XXV.

E porque ouvíra dizer,
Que a linda Venus fizera
As ondas adormecer,
Julgou tambem que podéra
Tanto ao Ceita merecer.

XXVI.

Mas o rio que a batalha
Tomára a peito leal,
Tratou-a de pouca valha,
E por desfeita o portal
Lhe entulhou com cisco, e palha.

XXVII.

Seguindo sua carnagem,
Toda a casa neste dia
Trata de livre estalagem,
E á natural porcaria
Dá nunca vista lavagem.

XXVIII.

Por bancas, e cantareiras
Salta mais destro, que hum gato;
Aqui rouba salgadeiras,
Alli faz em dois hum prato,
Além quebra frigideiras.

XXIX.

Assim vai amontoando
Estragos de rua em rua,
Seus camaradas buscando,
Que a mesma peleja crúa
Raivosos vão semeando.

XXX.

Vi a Alva de Samsam
Na frente dos seus ribeiros,
E topando-o de empurrão
Na rua dos çapateiros
Deo co' humas casas no chão.

XXXI.

Quaes as formigas sentido
Sua cova esbarrondar
O tardo boi, que imprimindo
O pé lha rompe, e salvar
Buscão as vidas fugindo.

XXXII.

Taes aquelles desgraçados,
Que na morada se achárão,
De hum frio susto passados
Fugindo, as vidas salvárão
Pelos visinhos telhados.

XXXIII.

Certo velho que já tinha
Bons noventa e sete feito,
Veio andá-lo huma visinha
Ao simo d'agua no leito
Como n'huma bateirinha.

XXXIV.

O Mondego que illustrado
Era de Marte, e Minerva
Por astuto, e acautelado
Tinha hum corpo de reserva
Perto do caes apostado.

XXXV.

Por vêr-se de huma vez pago
Mandou-lhe no mantimento
Fazer-lhe hum tyranno estrago
Que deixe no esquecimento
O de Troia, e de Carthago.

XXXVI.

A tropa desenfreada,
Dominando na Cidade,
Em seu poder confiada,
Obra co' a mesma vontade,
Que lhe fora encommendada.

XXXVII.

Entrando por armazens,
E celleiros de repente
Embarria arroz, e pães
Que aos damnos para o diante
Promettião mais vintens.

XXXVIII.

Sahe das vasilhas de páo
De azeite corrente loura,
E dá pela barba o váo
As sardinhas de salmoira,
E o tisiço baçalháo.

XXXIX.

Centimano polvo secco
Em cambadas enfiado
Presunto de terras d'ecco
D'agoa barrenta arrojado
Vai indo de beco em beco.

XL.

Loira enroscada letria
O pállido macarrão
Com que eu tenho simpathia
Esfarelando-se vão
Aos empurrões d'agua fria.

XLI.

Nem da funesta quadrilha
De soldados tão ladrões
Poderão fugir á pilha
Os providentes feijões
Grão de bico, fava, e ervilha.

XLII.

Vêm-se vir encontrões dando
Pelas esquinas as pipas,
E aos saltos como arquejando
Do vinho as ultimas tripas
Vão pelas bocas lançando.

XLIII.

Ao taverneiro mesquinho
Corre o pranto até aos pés
Mas quem tem do mundo o aninho
Mandou vencer desta vez
O Deos d'agua, ao Deos do vinho.

CAN

CANTO. IV.

I.

DEspertando no Oriente
Neste tempo a luz Phebêa,
Vai hindo rapidamente
A cathastrofe da cheia
A' noticia da mais gente.

II.

Hum se levanta do leito,
E da janella lamenta
A despeza que tem feito
N'huma essacada, que augmenta
O seu patrimonio estreito.

III.

III.

Outro vê de erguida serra
(Sua ambição mal dizendo)
Altos vallados por terra!
Outro o muro, em que batendo
Irado o Mondego berra!

IV.

De hum só teve a cheia ingrata
Attenção aos cabedaes;
E na geral desbarata,
Com prejuizo dos mais
Ficou-lhe a função barata.

V.

Em alas pela Couraça
A gente se amontoava;
Huns á ponte, outros á praça
Hum vão desejo levava
De ver a commum desgraça.

VI.

VI.

Procurão ser testemunhas
Dos ditos desesp'rados,
E' escutar as caramunhas
Dos miseros alagados,
De fóra lambendo as unhas!

VII.

Toda a gente alvoraçada
Co' remedio não atina:
Alli corre de enxurrada
A Irmandade da batina,
E assombra-se a caloirada!

VIII.

D'entre esta chusma houve tal,
Que disse, que o nosso Gama
Não vio agoa áquella igual:
Outro erudito lhe chama,
Hum diluvio parcial.

IX.

As velhas, que em dias seus
Não vírão tanto, a gritar,
Chamando a todos areos,
Não cessão de lhe prégar,
Que são castigados dos Ceos.

X.

Eu vi de erguidos oiteiros,
Onde a vida puz segura,
Boiar pipas, e madeiros,
E bateis, que a má ventura
Levou aos tristes barqueiros.

XI.

Vi que hum monte, e outro monte
Se via ao rio de mota;
E o sitio 'onde estava a ponte,
A' qual na cruel derrota,
Nem se via o bro-defronte!

XII.

XII.

Com seu barrete encarnado
Vi hum arraes, que escapára
N'huns ramos escarranchado,
E hum rapaz, que amarrára
Ao freixo de aguas cercado!

XIII.

Mas já da terra a Nobreza
Leves barcos preparava,
Com comida a gente preza:
E ao vê-los cuidei que estava
Na maritima Veneza.

XIV.

Para haver de mariscar
O providente soccorro,
Huma começa a bradar:
Acuda-me senão morro,
Que já não posso piar.

XV.

XV.

Por trapeiras, e janellas
Estão as mãos estendendo
Hypotheticas donzellas,
Pranto amargo desprendendo
Pelas faces amarellas.

XVI.

Os Argonautas villões,
Commissarios da comida,
Excogitando razões
Proveem a gente opprimida,
Segundo as suas paixões.

XVII.

Vai-se aos lares hum por hum,
Corando o cruel revez,
De involuntario jejum;
Dá-se o pão aos nossos trez,
E a muita gente nenhum.

XVIII.

A huma ração e meia
Se entrega, por ter comsigo
Sobrinha a quem não receia
Pôr entre as mãos do inimigo,
E apagar-lhes a candeia.

XIX.

A outra dão-se trez pães,
Além da ração mandada,
Porque terna aos dois vaivés
Abre a porta trancada,
Antes que ladrem os cães.

XX.

Mas nem por isso esquecidos
Sereis do meu verso rude,
O' varões compadecidos,
Que, em serviço da virtude,
Acodís aos desvalidos.

XXI.

Porque a má repartição
Não tira o merecimento,
D'aquelle impulso christão,
Com que em lance tão violento
Lhe acodes á vexação.

XXII.

Nem no escuro Lethes várão
Esses quatro aventureiros,
Que as duas vidas salvárão
D'aquelles pobres barqueiros,
Nem as bolsas, que os cegárão.

XXIII.

Mas como grande rumor
Hia já pela Cidade,
O Mondego, vencedor,
Vaidoso da crueldade,
Mandou tocar o tambor,

XXIV.

E quando o Sol descahia
Buscando Thetys amada,
Toda a tropa que o seguia,
N'huma airosa retirada,
Da terra se despedia.

XXV.

Principiárão de então
A fazer-se manifestos,
Com mágoa do coração,
Esses estragos funestos,
Que presentes inda estão!

XXVI.

As casas arruinadas,
As ruas cheias de lodo,
Revolvidas as calçadas,
Sem comida o povo todo,
Por estorvo das estradas!

XXVII.

XXVII.

A Ponte faz mágoa vê-la,
Sem os antigos reparos,
E té co' espinhaço a véla!
Assáz lhe sahírão caros
Huns ditos de bagatela!

XXVIII.

Mas porque da grande cheia
Forão causa as estacadas,
O rio que se recreia
Na vingança, derrotadas
As deixa, fartas de area.

XXIX.

Então chegando á Quebrada
Sobre a parede se ergueo,
E com vós desentoada,
Atraz os olhos volveo,
E disse, co' a mão alçada:

XXX.

Suspira, povo atrevido,
Que pelo meu leito largo
Tens as terras estendido;
Eu acordei do lethargo,
E o crime fica punido!

XXXI.

Reforça, repara agora
As ruinas, que eu te fiz;
Essas paredes melhora;
Vê las pela raiz
Tirar em menos d'hum hora!

XXXII.

Mette até o centro escuro
Enlaçada estacaria;
Abrange-a de ferro duro,
Será minha zombaria
Lá para o tempo futuro.

XXXIII.

XXXIII.

E tu, orgulhosa Fonte,
Agradece-me em pé vêres
Inda o Pai de Phaetonte!
E baste para temeres,
A afflicção do dia de honte!

XXXIV.

Disse: e movendo o Tridente
Faz signal; e via recta
Marcha das aguas na frente;
Ao som de rouca trombeta,
Que em todo o campo se sente.

XXXV.

Consumida a noite inteira,
Fazendo-se pelo gado
Derrota a mais carniceira,
Ao romper do Sol doirado,
Chegou vaidoso á Figueira.

CA-

CAPITULO II.

§. I.

ESte Poemazinha teve acceitação, e rendeo seus tostões, que vierão a pedir de boca, em razão de vestuario, e de ir comprando alguns livros, de que tinha precisão, pois fernenhum Official póde trabalhar sem ferramenta: daqui veio fazer trocas com com Livreiros, de quem me persuado, que ainda não haveria, quem delles reportasse cómmodo: e com effeito fiz o meu celleirinho, que fui mandando para casa, e com que me achei depois.

§. II.

Não obstante a applicação em que andava, não quiz voltar de Coimbra, sem ir vêr o Porto; e como em Cortegaça tinha o Abbade de então D. Ildefonso, e seu sobrinho Joaquim Custodio Carneiro, lá hia passar ferias de Pascoa, fui-me com elle até a Avei-

Aveiro, e dahi pela Ria, endireitámos ao Ovar, de donde nos conduzimos para Cortegaça, e fomos recebidos com muita festa, e contentamento, tanto pelo que pertencia ao sobrinho, como a mim mesmo, porque eramos amigos velhos do tempo do Collegio de Mafra, aonde elle foi Mestre, e eu discipulo.

§. III.

Alli passámos a Semana Santa, a que sempre assisti admirando o zelo do Pastor, e a devoção dos freguezes: fizerão-se optimamente os Officios competentes, e eu cantei minhas Lamentações, que foi hum primor, pois sou da terra dos Musicos, ainda que nunca usei do officio, o que igualmente fez o sobrenho: e finalmente deo elle o jantar da Quinta feira aos Clerigos da sua Parochia, com toda a grandeza, e asseio: e por signal que hum delles, que nunca tinha visto limões, lançou de hum com o seu garfo, e o trin-

trinchou, como quem trincha huma gallinhola, e o foi mascando aos bocados com casca, e tudo.

§. IV.

Veio Domingo da Ressurreição, e logo depois da festa, entrou huma chusma de homens, mulheres, e rapazes, á maneira das formigas, humas para dentro, outras para fóra, trazendo gallinhas de folar ao Senhor Abbade, que naquella occasião ajunta certamente mais de trezentas cabeças, dando-lhes ao mesmo tempo as boas festas, com muita alegria; e singeleza: e eu presenciando este louvavel costume, e desejando ser Abbade de Cortegaça, em dia de Pascoa.

§. V.

Indo de volta por hum pateo, vi estar hum moço muito suado, ás estocadas á goela de hum capado, sem lhe ser possivel dá-lo por morto; pois quando o largava persuadido disso, logo o animal o desengana-

nava pondo-se nas pernas, e dando suas passadas. O Abbade ría-se, o sobrinho folgava, e eu mettia-o a bulha: estimulado o moço voltou para mim, e disse: pois venha V. m. matá-lo: cheguei-me então, agarrei nelle, deitei-o em cima de hum carro, tirei da minha navalha, e mettendo-lha por huma orelha, a poucos passos berrou, pôz os olhos em alva, abrio a boca, e ficou mortal, com riso de todos, e pasmo do moço, que ficou assentando, que eu era carniceiro.

§. VI.

Na segunda feira, deo-me o Abbade hum cavallo, e hum moço que me acompanhasse, para ensinar-me o caminho, e para o trazer, e caminhei para a Cidade do Porto, primeiro fim desta minha digressão, com cujo moço me diverti muito, porque logo o empestiquei, e por todo o caminho me servio de bom, e unico acipipe.

§. VII.

Não sei explicar a impressão que me fez a Cidade do Porto, quando a vi do alto da villa Nova! eu não esperava huma cousa tão pintoresca! enchi-me de huma cousa, que não sei dizer! o modo com que ella se encosta por aquelle monte; a positura em que lhe estão alguns outeiros, e enseadas; o golpe, que entre huma, e outra povoação faz o Douro; as quilhas amarradas, e communicaveis com seus muros; a Torre dos Clerigos do meu fundo, tocando quasi as nuvens, e dominando a Cidade inteira; o prospecto do Palacio Episcopal; tudo, tudo me deo não só huma idéa de Lisboa, mas huma preferencia a ella, na minha estimação grosseira! Porque não nasci eu aqui, dizia comigo, ou porque não vivirei eu aqui, com o necessario á vida?

§. VIII.

Desci finalmente por Villa Nova, atravessei o Douro, e pizei a terra

que

que me encantava : mas para que não haja rosa sem espinhos, logo ao desembarcar, dei com os olhos em huma forca, e n'huma polé: trastes bem necessarios, e bem inuteis, se os homens amassem tanto aos outros, como adorão os seus appetites, e caprichos.

§. IX.

Caminhando para a Estalagem, perto dos Congregados, encontrei o Doutor Francisco Tavares, Lente de Medicina, o qual deo logo parte de minha chegada; e ainda eu me não tinha acabado de pôr em termos de ir á rua, já Sebastião Correia entrava pela estalagem, *& invito domino*, me conduzio a casa de seu Pai Gonsalo Pereira, que assistia a Santo Ovidio, aonde assistí, em quanto lá estive.

§. X.

Canta para aqui, toca para alli; passeia de cá, merenda de lá, sempre em *bona vita*, forão correndo os dias: Visitei o meu velho ami-

go

go D. Duarte da Encarnação do seu Convento de Santo Antonio da Serra, cuja vista, decida della quem já lá foi: e em huma debandada de brincadeiras, levei o resto das ferias: de sorte que em quanto me demorei no Porto, occupei-me em fazer muito verso, comer muito, beber bem, e dormir pouco: pelo que ajustei besta á surrelfa, e quando ninguem o esperava, disse o vale á força, subí Villa Nova, dei comigo em Cortegaça, e tornei-me a Coimbra.

§. XI.

Apenas se poz o ponto, encostei Heineccio, e arrumei-me á Arithmetica, e Geometria tão desatinadamente, que me resolvi a tirar ponto, e fiz hum acto digno de approvação, e do pregão *nemine discrepante*. Feito este, que era o da birra, lancei me ao de Bacharel, que tambem fiz com a mesma fortuna; e carregado com este honorifico gráo, tomei o caminho de Obidos, a descançar de tanta fadiga,

e

e alegrar-me com Josina do bom pé, que as minhas cousas tinhão tomado.

§. XII.

Estas ferias forão-me gratas: já eu cantava á noite, sem que me lembrasse pela manhã a impertinente Geometria; e já eu fallava da minha formatura, sem o resaibo de duvidar do agourado contratempo: nas horas vagas dava-me á leitura de autos, e lia o Manual Prático; porque sempre a minha tenção foi advogar na minha terra, como já deixei inculcado no §. VII. Epoca III. Tom. I. pag. 113., e com effeito eu tinha de mim, para mim, que Ministro pobre, corresponde a pessoa miseravel, ou ao menos a não velha em mares grossos: por outra parte via, que o meu genio não podia moldar-se ao caracter serio de hum homem, que na terra que lhe incumbem, representa o summo poder; e que deve trazer sempre na memória, o *Tros Tiriusque mihi, nullo discrimine habetur*.

tur, e bóm era eu para largar a minha viola, e deixar de desaffogar-me? d'outra parte estava a experiencia, de que hum Ministro no fim de tres annos, fica com o termo da sua juridisção, metade pela proa, e mettade pela popa; porque o litigantes em hum feito, pelo menos são dois: ambos se persuadem, que tem justiça, e rasão, e a sentença ha de ser huma! e della he consequencia a satisfação de hum, e a má vontade do outro, porque cada hum diz da festa, como lhe vai nella.

§. XIII.

Nem por isso eu deixava de lisongear o meu genio, fazendo algumas composições em verso, sendo de tudo gostoso assumpto a minha Josina, que dellas se contentava, pela natural tentação, que tem com versos: pelo que nessa occasião compuz a Canção seguinte.

CAN-

CANÇÃO.

JA', formosa Pastora,
Nos limpos horizontes
Açouta o Sol brilhante
Os fervidos Etontes,
Sem temer, que gyrando a nuvem grossa
Occultar sua face alegre possa.

Horrendas tempestades
Distantes de nós bramão;
As aves agoureiras
Alegres dias chamão
Chega Maio de flores coroado
A'Mãi de Amor,e ás Graças consagrado

Desce, Pastora amada,
Vem ver os ferteis prados,
Que ha pouco d'aguas turvas
Estavão innundados!
Já de novo as Campinas reverdecem,
E entre a relva que ondêa as flores crescem.

Jo-

Josina comecemos
D'Amor a doce lida,
Que o tempo a ledos cantos
De novo nos convida;
Conversemos da faia á sombra fria,
Em trato honesto, em casta companhia.

Em quanto as mansas rezes
Ao longe vão pastando,
E os passaros nos bosques
D'Amor estão tratando,
Sobre a relva mimosa nos sentemos,
Se elles tratão d'Amor, d'Amor tratemos.

Aqui, onde eu ha mezes
Te disse mil amores,
E róças te lavrava,
E sestas de mil cores;
Josina, aqui te espero; oh doce bem,
Não tardes hum instante, a ver-me vem.

Ah

Ah Josina formosa,
Quem he que te demora?
Negar-me acaso intentas
De ver-te a feliz hora?
Não me canses d'olhar áquelle monte;
Donde fazes caminho á fresca fonte.

Não sejas desses peitos
Amigos da mudança!
D'Amor ás santas aras
Caminha alegre, e mansa:
A solta liberdade não desejes,
As cadêas de Amor he justo as bejes.

Já por esta espessura
O resto dos Pastores,
Ao lado das Serranas
Renova seus amores!
Aqui perto ouço Fido a par d'Aliéa;
Aqui Tisbe, e Dorindo, e tu na Aldêa!

Ingrata, dar-se-ha caso,
Que o fogo se apagasse,
Ou que por outro objecto
No peito se ateasse?
E possivel será que eu veja rotos
Tantas juras tremendas, tantos votos!

Mas quem ligeiro pensa,
Com erros sempre atina,
Fugi, crueis ciumes,
Que ao longe vem Josina.
Descansa coração, que no seu rosto
Vem brilhando a constancia, o riso, o gosto.

Vai, Canção, e dirás aos mais Pastores,
Que tambem sou feliz co' os meus amores.

§. XIV.

Tinha huma noite sido o divertimento tirarem-se retratos na sombra: tirei eu o de Josina, e com effeito sahio bom, e eu o levei, e puz na minha casa; e logo lhe assentei por baixo hum papel com a seguinte

Es-

Esta que vês
Copia divina,
Cuidas ser Venus?
Pois he Josina.

Só no contorno
Do rosto seu
Mostra os poderes,
Que Amor lhe deo!

Se tu sentiras
O ardente fogo,
Em que ardo activo;
Gritáras logo:

Quem merecêra
Do seu destino,
Ou ser Josina,
Ou ser Francino!

§. XV.

Hum sugeito meu amigo, e tentado com a Poesia, vendo huma occasião a minha Josina, deo-me toda a razão de gostar della, e com effeito

lhe fez hum Soneto, encarecendo a sua belleza, o qual eu perdí; mas lembro-me, que eu lho dei, e por baixo delle escreví eu estes versos.

Erão sete do mundo as maravilhas;
As Graças sempre trez se fabulárão:
Erão nove d'Apollo as doutas filhas
Segundo escrito os Vates nos deixárão:
Manda o Ceo, que tu sobre a terra nasças
As Musas ficão dez, e quatro as Graças.

§. XVI.

Com estes brinquedos, leitura de autos, romarias, e funções de Caldas, aportou o mez de Outubro, e eu na fixa tenção de ser Doutor fui andando para Coimbra, para me matricular no ultimo anno de minhas fadigas, e para desmentir as minhas profecias, ao mesmo tempo acabronhando os meus receios.

§. XVII.

Matriculei-me em fim no meu quinto anno, e continuei tranquillo, vendo as minhas lições, fazendo as minhas sabbatinas, e tudo o mais concernente á minha obrigação: mas no

meio

meio desta felicidade tive o desgosto de ser testemunha da morte sentida do maior de meus amigos: era este D. Joaquim de Lima, Fidalgo o mais amavel, e que nos seus annos não se contava outro que podésse igualar-lhe: huma febre pobre, sobrevinda ás suas bexigas, me privou a mim, e a muitos de hum bemfeitor que então tinhamos, e teriamos ainda agora! Eu não pude deixar de ser sensivel, e na Ecloga que apresento, ainda que mal, sempre indico a minha dôr, e as suas raras qualidades: he sem dúvida que nos meus dias de Coimbra conheci muitos Fidalgos, e todos me obrigárão com o seu agrado, e com o seu dinheiro, e valimento; mas D. Joaquim de Lima, até me poupava o acto de pedir: elle parece que vigiava sobre as minhas precisões, porque elle até como que as adivinhava: o seu caracter escusa pintar-se: toda Coimbra se consternou com a sua morte, porque ella correspondeo á sua boa vida: serio,

e grave, sem soberba: esmoler sem vaidade: asseado sem affectação, applicado sem desvanecimento, valedor sem capricho, este era o caracter do amigo que eu choro, e que chorou huma Cidade inteira, pouco amiga de Estudantes: os seus condiscipulos lhe fizerão humas descentes Exequias, e este he outro argumento do seu optimo caracter, e que entre elles, e elle havia o desejo de saber, sem entrar a rivalidade: eu a offereci a seu Irmão D. Lourenço, e agora a offereço impressa a todos os meus, e seus amigos: tinha por Epigrafe.

Occidit, & misera steterat vigesimus annus;
Tot bona tam parvo clausit in orbe dies.

Prop. Lib. 3. Eleg. 18. v. 15.

ECLO.

ECLOGA DEPLORATORIA.

Francino, Fido, e Umbrano.

Franc.

AQui onde a tristeza me encaminha
Os mal seguros passos, tanta pena
No pranto desaffogue a Musa minha.
As Crôas de Cypreste, e de verbena
Minha frente rodêem: rouca lyra,
Cedamos ao que o nosso fado ordena.
A mão tremula, e fria, as cordas fira;
E canto melancolico pregoe
O desgosto mortal, que a alma respira:
Desusadas cantigas hoje entoe
Hum ditoso Cantor mudado em triste,
E a Musa triste em seu auxilio voe.
Eis o bosque divino! entre elle existe
O sepulcro medonho, que eu procuro,
E a que tu, morte, horrenda o conduziste!
Mas lá naquelle sitio mais escuro
Descubro hum Mausoléo, cuja escritura
Se abrio de novo sobre o jaspe duro.
Aqui jaz certamente, ó mágoa dura!
He

He este o lugar triste: ah não me engano!
Afflicto o coração batendo o augura.
Ah pedra, ah dura pedra! hum tigre hircano
As lagrimas que eu verto, aqui daria;
Soletrando este Nome de Limano.
Saudoso nome, em quanto a luz do dia
Estes olhos ferir, serás motivo
Da minha mais cruel melancolia.
Ah Limano gentil, se em quanto vivo
Foste a causa do meu descanso, e gloria,
Morto és causa do meu tormento activo.
Farei, cantando a tua amarga historia,
Voar além do túmulo medonho,
De tão raras virtudes a memoria.
Mas que penso? que digo? em fim que sonho?
Cuido que ouves meus ais, que me respondes,
Que vês os sacrificios que eu disponho:
Quando agora talvez que a Estygie sondes,
Aportando aos Elysios venturosos,
Aonde para sempre a nós te escondes!
Ah Limano, meus fados rigorosos
Me dárão nesta pedra, que te occulta,
Ma-

Magoado assumpto aos cantos mavio-
sos.
Doze dias cad'anno a Musa inculta
Virá chorar-te aqui, onde descansas,
Despojo da cruel, que tudo insulta!
Tu, Morte, monstro horrivel, que não
cansas
Nos estragos, consola-te de hum corte:
Derribastes immensas esperanças.
A rogos dura, ves da mesma sorte
Cahir da curva foice ao rio aceno
O descrepito velho, o moço forte.
Por isso foste bronze ao ar sereno;
Que brilhava no rosto do Limano
Com Grandes Grande, humilde co' pe-
queno.
Ah monstro injusto, barbaro, tyranno,
Como deixas as mãos vingar na terra,
Levando o Bemfeitor de todo o huma-
no?
Pastores deste monte, e da alta serra;
O nosso companheiro, o nosso amigo
Para sempre esta dura campa encerra.
Das verdes faias nunca ao fresco abri-
go
A dar-nos tornará lições prudentes
Mais

Mas que nós cuidadoso em nosso perigo.
De seus lábios já mais aqui pendentes
Ouviremos conselhos, que dittava,
Com pasmo, e confusão de idosas gentes.
Aquelle que benigno nos tratava,
Que a par de nós no bosque, e na campina
Leves danças á Lyra acompanhava,
Limano, cuja vida era bem di'na
De estender-se por seculos compridos,
Já pagou seu direito á Libitina!
Ai amigo fiel, e sem gemidos,
Hirei por esses campos, que pizámos,
Em práticas gostosas entretidos?
No bosque em que do Sol nos abrigamos
Sem lagrimas lerei tantos letreiros,
Que pelas faias lizas entalhamos?
Verei passar ao longe os teus cordeiros
Não te vendo após elles, sem que ao rosto
D'agua mandem aos olhos dous ribeiros?
Oh martyrio cruel, mortal desgosto!
Quem poderá jámais de ti lembrado
Dor-

Dormir em doce paz, comer com gosto.
Mas eu não choro só, todo este prado,
Na melhor estação dos verdes annos,
Te suspira de nós arrebatado.
O desgosto he geral, que os mais Serranos
Conhecem muito bem, que a nossa idade
Não he muito abundante de Limanos.
Sensiveis a mil provas de amisade,
Aqui vierão tristes levantar-te
Monumentos sinceros de saudade.
Aqui venho tambem afflicto dar-te
Huns signaes, de que existe no meu peito
Aquella dor, que reina em toda a parte.
Teu sepulcro, Limano, he campo estreito
Para em si recolher o amargo pranto,
Que tão justa saudade nos tem feito.
Que horror, que mágoa, confusão, e espanto
Sentírão velhos, moços, e meninos,
Ouvindo a nova! que mortal quebranto!
Quando o fim de teus dias roucos sinos
D'altas torres á gente annunciárão,
Occupada em tornar-te os Ceos benignos.

Que

Que lúgubres gemidos não soárão!
Quaes os rostos ferírão, quaes as tranças,
Na dor exasperadas arrancàrão!
Ao sitio caminhando, em que descansas,
Na pompa funeral, em tropel triste
Te seguírão chorando, até crianças!
Ah Limano, memoria não existe
De Pastor, que em teus annos deste mundo
Partisse mais chorado, que partiste.
Eu vi tudo tornar-se em dó profundo;
Vi as gentes pasmadas nestes dias,
Quaes feridas de raio furibundo.
Mas lamentos fiéis, lagrimas frias,
Semblantes enfiados, tudo he prova
Das virtudes que pródigo exercias.
Mas ai que minha dor se me renova!
Quem ha de afflicta Mãi, quem Pai magoado,
Dar-vos deste successo a infausta nova?
Com que rosto vereis aos pés lançado
As mãos pedir-vos Lauro afflicto, e triste,
Sem ir já de Limano acompanhado?
Vós, que unidos entrar em casa os viste,

Com

Com que dor não vereis, que alli vos
falta
Hum dos fructos de amor, que produ-
ziste?
Providencia maior, razão mais alta
Noutra parte deixou seu corpo frio,
Levando-lhe a alma, onde ella só se ex-
alta.
Ah Lauro, tu de Irmãos a honra, o
brio,
Tu lhe conta o successo, inda que o
pranto
Por teu pállido rosto desça em fio.
Consola-os tu, tu mesmo dize quanto
Venturoso trepou o seu Limano,
Desta vida mortal ao Reino Santo.
Tu lho pinta cedendo a tudo o hu-
mano,
Abraçado do Christo á Santa Imagem,
Detestando do mundo o falso engano.
Assevera-lhe o espirito, a coragem
A constancia Christã, a confiança
Com que a Morte encarou nesta passa-
gem
Não duvides, meu Lauro, a mais te
avança,

Se-

Segura-lhes que o filho, que gerárão,
A' vista do seu Deos em paz descança:
Mas, Limano, se todos te chorárão,
Inda os que te não vírão, que desgosto
Terão os que em seus braços te criárão!
Ah ditoso de ti, que rosto a rosto
Os louvores a Deos no Empyreo cantas,
Ditosa habitação de eterno gosto.
Tristes nós, que rompendo redes tantas
Quantas arma este mundo, que deixaste
Não entramos comtigo as portas santas.
Ah, Limano feliz, que lá voaste,
Ah miseros de nós, que inda gememos
Nos laços, que valente espedaçaste!
De Deos a Providencia em fim louvemos,
Que só assim no nosso desamparo
Algum allivio à magoa encontraremos.
Mas d'alli donde o bosque faz hum claro
Vejo vir dois Pastores, hum he Fido,
Umbrino o segue, se he que bem reparo.
Como pelo seu rosto entristecido
Apparece a cruel melançolia,
Que as entranhas de todos tem ruido!
Aqui de traz desta arvore sombria

O seu pranto ouvirei que todo o humano
No seu mal appetece companhia.

Fido.

Vem, Umbrino, comigo, aqui desata
O pranto que reservas nesse peito,
Lamentemos o mal que a sorte ingrata,
Quer a mim quer a ti, cruel tem feito.
Aqui tens o lugar medonho, e triste,
Onde o nosso Limano sombra existe.

Umbrino.

O' pedra venturosa, que em teu seio
Escondes hum Pastor, que dar ao mundo
Exemplos de virtudes raras veio!
Nunca sejas de raio furibundo
Desatado das nuvens offendida,
Té que os ossos te peça em melhor vida.

Fido.

Ai amigo Limano, e quem diria,
Que tão sedo a ventura te roubára,
O que o sangue, e sabor te promettia!
Quem de fim tão funesto se lembrára,
De teus annos viçosos na carreira,
E na estação da idade lisongeira!

Umbrino.

O mundo he terra vil, terra mofina;
Cresce nelle o que he máo, o bom se
extingue;
Toda a planta de casta peregrina
He difficil que nesta terra vingue:
Os máos produzem nella d'anno em an-
no,
Mas era bom, finou-se o bom Limano.

Fido.

Infeliz de quem perde o que a ventura
Me fez nelle perder! melhor me fora
Descer no mesmo instante á sepultura,
Pois não sentíra o mal que sinto agora!
Thesouro d'entre as minhas mãos rou-
bado,
Sem ti que ha de fazer hum desgraçado?

Umbrino.

O cordeiro perdido da manada
Afflicto bala, porém delle póde
A cara Mãi no bosque ser achada,
E faltando hum Pastor outro lhe acode.
Mas na falta do Amigo, que perdemos,
Onde, ó Fido, outro igual encontrare-
mos?

Fim

Fido.

Cuidava agora vêllo meigo, e brando,
Mais humilde que nós, a nosso lado
Em cousas proveitosas conversando,
Risonho sempre, sempre socegado!
Mas foi louco sonhar da fantasia,
Porque elle já não vive, he sombra fria!

Umbrino.

Tambem na minha idéa afigurava,
Que da lira tomando, em ar risonho
A cantar novos versos me chamava!
Mas tudo he puro engano, tudo he sonho
He fraqueza d'huma alma sem conforto,
Como póde chamar-me, se he já morto?

Fido.

Sim he morto, e morreo tambem com elle
Todo o nosso prazer: onde acharemos,
Quem tal candura no seu peito a zele?
Nem nós sabemos inda o que perdemos!
O tempo mostrará, que nos seus gyros
Dará nova materia a mais suspiros.

Umbrino.

Entorna, Fido, a taça desgraçada,
E esse leite espumante regue a terra;
Enrama de verbena amargurada
O mausoléo, que o nosso Amigo encerra.
Com lagrimas depois seu nome escreve,
E roga que lhe seja a terra leve.

Fido.

Tu de roda do túmulo semêa
Ramos crespos de Cedro: arroja, Umbrino,
Essa taça, que tens de azeite cheia,
Junto á pedra, em que o guarda o seu destino,
E o seu nome tambem co'pranto escreve,
E roga que lhe seja a terra leve.

Umbrino.

Em quanto, amado Fido, as claras fontes
Concorrem para o mar; em quanto as flores
Nos tornarem vistosos estes montes;
Em quanto vir aquelles resplandores,

com

Com que o Sol marca as horas d'anno
em anno
Me lembrarei do nome de Limano.

Fido.

Ai Umbrino, só quando a noite escura
Vencer em luz ao claro, e alegre dia;
E os cordeiros fugirem da verdura,
Dos lobos procurando a companhia;
Só então (pódes crer me, oh meu serrano)
Então me esquecerei do meu Limano.

Umbrino.

Sim pastor, já que sempre activo, e
forte
Por nosso bem olhou, quando era vivo;
Em quanto vivos formos, sua morte
Será das nossas lagrimas motivo.
Aqui ternos suspiros lhe traremos,
E puros sacrificios lhe faremos.

Fido.

Pois eu prometto, em quanto pelas veias
O quente sangue meu sentir pular-me,
Vir dar-lhe aqui cyprestes ás mãos chéias.

Umbrino.

E eu em quanto poder aqui guiar-me,
Virei sempre o sepulcro guarnecer-lhe
Das rôxas flores, que poder colher-lhe.

Fido.

Mas não vês hum pastor, que alli sósinho
Co' aquella faia pállido, e assustado,
Nos olha de ar sombrio, e entristecido.

Umbrino.

Sim bem vejo, he Francino desgraçado,
Que tambem desditoso cá viria
Ao que nos trouxe o nosso duro fado.

Fido.

De quantos vivem nesta margem fria,
Ninguem com mais razão perdida chora
Do bom Limano a amavel companhia.
Conversava com elle a toda a hora;
Na sua choça tinha franca entrada
N'alta noite, e ao nascer da rôxa Aurora.
Rosto a rosto na lyra marchetada.
Os cantos lhe dizia, que ordenava,
Es-

Espreitando nos montes a manada.
Alli comia alegre, alli brincava,
E valía rogando a muita gente,
Que tanto em seus favores abundava!
Mas elle ahi vem, e o rosto descontente
He leal testemunha do tormento,
Que sem remedio algum seu peito sente.

Umbrino.

Vem, Francino, de tanto sentimento
Companheiro infeliz, e ao caro Amigo
Levantemos saudoso monumento.
Deste bosque sagrado ao triste abrigo
Hum sepulcro já tem; mas nós queremos
Em nossos corações dar-lhe hum jazigo.
Se tu queres tambem, féis votemos,
Que em quanto respirarmos, neste dia
O sepulcro enramar-lhe aqui viremos.
Em tom fúnebre, em rouca symphonia
Faremos, com que os Ceos vão tornando
Chorosa, e lamentavel melodia,

Francino.

O teu voto me praz: aqui chamando
O seu nome adoravel, a memoria
Das virtudes lhe iremos dilatando.

De

De nós a netos passe a larga historia
Da sua vida, e morte preciosa,
Respeitavel padrão da sua gloria.
E esta vida, que trago duvidosa
De alongar-se, gastalla em fim desejo
Co' hum'alma, que de mim foi tão cuidosa.
Mal sabes tu, pastor, que males vejo
Preparar-me a ventura sem Limano
Nas minhas dependencias junto ao Téjo.
Com todos vós foi terno, meigo, e humano,
Mas comigo, se tudo vos dissesse,
Direis tinha hum Deos n'hum tal serrano.
Em fim neste Limano, que merece
Tanto pranto, perdí conselhos puros,
Venturas altas, sólido interesse;
Perdí os fundamentos mais seguros
De algum dia poder quebrar triunfante
Da sorte, que me opprime, os laços duros.
Perdí quem me dictava a todo o instante
O que eu fazer devia, e quem me tinha
Nesta orfandade misera abundante.
Ah Limano, que barbara, mesquinha
Des-

Desventura, já forte, e confiada
Por ver me faltas, para mim caminha.
Desditoso de mim, que a bem fundada
Esperança, que tinha em ti, Limano
Esta campa comtigo tem cerrada.

Fido.

A tua dor he justa; mas serrano,
Se o pranto nada faz á nossa queixa,
Aos queixumes não soltes mais o panno.

Umbrino.

Sim Francino, as lembranças tristes deixa,
Que o destino inflexivel, e implacavel
Os ouvidos a nossos prantos feixa.
Debalde o companheiro mais amavel,
O mais fiel Amigo, aqui choramos,
Depois de entrar na campa formidavel!
Pois por mais terno pranto que espalhamos
A'quelle, que huma vez a urna encerra,
Com supplicas á vida não tornamos.

Francino.

Ao menos neste pranto dado á terra
Al-

Allivío gram parte do tormento,
Que no peito me faz contínua guerra.
Nem dos annos o tardo movimento
Meu rosto enxugará; antes veremos
Novas causas a novo sentimento!
Nos revezes contínuos acharemos
As provas evidentes da ventura,
E das grandes vantagens, que perdemos!
Era muito hum pastor daquella altura
Ter ao lado dos Reis passados annos,
Olhando nos com riso, e com ternura.
Mas em fim nossos fados inhumanos
Assim o decretárão, 'stão primeiro
Os decretos dos Deoses Soberanos.

Fido.

Mas o Sol já detraz daquelle outeiro
Vai o rosto escondendo; vem, Francino,
Buscar algum descanço lisongeiro.

Franc.

Vamos sim, caro Fido; amado Umbrino
Deixemos nestes sitios de saudade
Os ossos descançar daquelle digno
Pastor, que adorno foi da nossa idade.

§.

§. XVIII.

Festa para aqui, passeio para acolá: hida a Obidos, versos a Josina, cantigas para hum, glosa para outro, assim cheguei ao fim do meu quinto anno; e como estava em lugar muito remoto, aprompteí todos os meus papeis, e com licença de fazer a formatura no anno seguinte, montei a cavallo, e fui para Obidos descançar, e divertir-me: e aqui finda este Capitulo.

CAPITULO III.

§. I.

ENtregue á felecidade de ver-me quasi Doutor da Aldêa, e na posse dos agrados, e amizade da minha Josinha, passava eu dias serenos: mas como os trabalhos se succedem huns a outros, vierão substituir aos antigos as ponderações do meu pequeno estabelecimento, supposta a renitencia, em que meu Pai esteve sempre, de dar-me qualquer cousa (que fos-

fosse: tudo isto eu adoçava, confiado na Providencia, e em lhe pôr os meios, lembrado, de que quem me havia sustentado até então sem meio, tambem o continuaria a fazer, medeando a minha banca. A este meu estado, e confiança compuz nessa occasião os versos, que vos apresento, comtemplando-me feliz na minha pobreza.

Aqui da rocha mais alta,
Em que remata este outeiro,
E onde eu passo contemplando
Toda a noite, e o dia inteiro,

Entre as immensas manadas
Destas Aldêas visinhas,
Nem duas rezes ao menos,
Descubro que sejão minhas.

Nem huma arvore sómente,
Que pertencer-me se diga,
Nem de tão longas ceáras
Me toca huma só espiga.

Mas

Mas tenho nesta montanha
Huma lapa funda, e côva,
Aonde posso abrigar-me
Quando calme, ou quando chova.

Tenho os bosques providentes
Por todas estas montanhas,
Que me dão rubros medronhos
As bolotas, e as castanhas.

Tenho huma fonte perenne
Lá naquelle val umbroso,
Onde me lavo, e onde bebo,
Em me achando sequioso.

Sem recear os dos homens,
Ou das féras a violencia
Corro os bosques, sem mais armas,
Que a minha mesma innocencia.

Aqui livre de embaraços,
Ganho o vestido preciso
Das flautas que aos outros faço,
Dando tratos ao juizo.

De-

De tudo, quanto ha no mundo,
Com natural desapego,
Levo o dia, e passo a noite
Sempre no mesmo socego.

A' ventura dos mais homens
Não tenho a menor inveja
Pois se o seu muito lhes he pouco,
O meu pouco me sobeja.

Só me afflijo, quando vejo,
Que se afflije o meu igual,
E se não posso valer-lhe,
Tambem lhe não faço mal.

Observo a Aurora risonha,
E as luzes do firmamento,
E adoro essa mão Divina,
Que a tudo deo movimento.

Neste tal, ou qual estado,
Em que ella mesma me tem,
Amo os homens, temo a Deos
O meu Rei, e mais ninguem.

§. II.

Veio o tempo lectivo, e José Pereira Caldas, meu bom amigo, quiz que eu fosse seu companheiro para Coimbra: com effeito dado o dia certo, fui eu esperallo a Santarem, de donde marchamos em boa companhia, e finalmente entrei pela ultima vez naquella Cidade, a fim de voltar com o honorifico sello de minhas cartas, que servindo a todos de honra, a mim foi a coroa de tantos trabalhos, porque formar-se hum rapaz a despezas, e rogos de seus Pais, isso he velho: formar-me eu á custa dos amigos, e sem instancias dos meus, isto he novo.

§. III.

Pensei, que em chegando era logo aviado: mas ignorava que outros muitos havião ficado para se formarem em Outubro: pelo que estive empachado por hum mez: e como durante este tempo se brincou muito, vamos á ultima de minhas aventuras, e á bomba, com que aca-
bou

bou o meu traque na Uuiversidade

§. IV.

Appareceo neste anno hum novato célebre no seu genero, e cujo nome não me lembra: este como recommendado a alguns Lentes, enthusiasmou-se de valido não só em Coimbra, mas na mesma Corte: dava com toda a facilidade cartas de empenho para os maiores figurões, com huma filaucia incrivel, chegando por esta fraqueza a fazer conhecida, e recommendavel a sua pessoa.

§. V.

Eu, que andava desoccupado, e me deo no goto a bisborria do tal amigo, perguntei a sua habitação, e nome, e com faculdade do seu Veterano lhe dispuz a mangação seguinte: armei hum par de quadrilheiros, cujos moldes escolhi, e forão entre outros Fortunato Amado, e Bartholomeo Montaro: e munido de huma ordem, sem constar de Juiz, e dos precisos cordeis, lhe bati á porta, pelas

no-

nove horas da noite, enroscado no meu traquete, e com espada ameaçadora debaixo do braço.

§. VI.

Dizia a ordem, que qualquer prendesse a Fuão, e conduzisse á Cadêa da Universidade, por haver insultado os Religiosos de Santa Clara: matava-se elle esconjurando-se, que taes Religiosos não conhecia; e eu respondia-lhe com a ordem, e com os deveres de minha obrigação: como elle se não resolvia a descer, fiz subir a patrulha carregada de espadalhos, e mandei que lhe deitassem cordão: aqui he que elle ficou passado, e pedindo que o levassem ao Ministro, e como homem de bem: eu franqueava-lhe isto tudo: mas hum dos Officiaes, que era o Padre José Pedro, formou sólidos argumentos, e convenceo, que levallo ao Ministro sim, mas que sempre debaixo de cordão; e para que se verificasse a sua tenção, deitou-lho

lo-

logo, e lhe amarrou as mãos atraz das costas.

§. VII.

Sahimos nós com este embrexado da rua do Correio, passamos ao Collegio Novo, descemos pela rua das Figueirinhas, e fomos com elle em procura do Ministro, que andava de ronda no Bairro das Olarias: a lama por alli he em demasia, e nós affastando-nos della o mettemos por quantos chafordeiros havia, e o Ministro sem apparecer: até que para desfecho, pactuei com elle dar hum tanto para os Officiaes, e que se fosse fugindo: cahio na corriola, e eu desatando-lhe as mãos me deixei ficar atraz com elle, e mal partio, gritei logo, fugio o prezo.

§. VIII.

A esta voz voou atraz delle hum sem número de calháos, de maneira que elle como hospede na terra, não sabendo conduzir-se a sua casa, metteo-se em huma taverna, aonde tomou piloto, a quem pagou para o conduzir.

§.

§. IX.

Quando nos doeo nas nossas consciencias de o havermos deixado naquelle desarranjo, e já depois de havermos convertido a multa em sequilhos, e ponche; fomos huns por hum lado, outros por outro, e não foi possivel achar novas do dito potro: caminhamos a sua casa: bati á porta, e perguntei por elle, a tempo que estava ceando; ouvio a minha voz, e apenas a ouvio, lançou-se por huma janella para hum telhado, aonde esteve á chuva todo o tempo que foi bastante para eu lhe comer a cêa.

§. X.

O tal Novatinho, passando por huma rua ouvio fallar, que o Malhão tinha naquella noite prezo hum Novato, que lhe tinha feito, e acontecido: tira-se de mais cuidados, e na sua aula perguntou a hum visinho já mais antigo, de que Juizo era Meirinho o Malhão: o outro entendendo, que era mangação sua, res-

respondeo-lhe que era da Universidade, e mais do Corregedor: foi-se logo o Novato queixar da innocencia da prizão, e o seu protector passou a saber disto em casa do Vice-Reitor, que lhe respondeo, que elle não mandára prender semelhante Estudante: passou a casa do Corregedor, o qual lhe disse o mesmo. Eis senão quando declara o Novato, que quem o havia prezo, fora o Meirinho Malhão: logo o seu Protector lhe disse que então era peta, e investida, porque o Malhão era hum Estudante, e não Meirinho: custou elle a persuadir-se disso, porém affiou a funçanata, e com effeito, com o pretexto de ter havido ordem, e extorquiçãő da Patente, ou mais talvez por lisongear á pessoa que o havia recommendado, succedeo o seguinte.

§. XI.

Passou o Vice-Reitor ordem para eu ser prezo, e recommendou isto muito ao Meirinho; e quando eu

as oito horas da manhã hia tomar ponto para a Formatura, chegou-se a mim o Meirinho, e deo-me a parte de prezo: respondi-lhe que hia tomar ponto, e que bem prezo ficava com elle: neste tempo chegou o Lente que mo hia dar, que era o douto, e amavel Senhor Barrozo; a quem contei a historia: voltou elle á casa do Prelado, e só concluio, que se quizesse tirasse o ponto, mas que havia ir para a cadêa.

§. XII.

Não tive eu duvida nisso, e com effeito, visto que havia estar aquelles dias encerrado em casa, fui com o meu ponto, estudar para os ferros da Universidade, de donde com toda a pompa sahi a fazer a minha Formatura, que com effeito foi lustrosa, e mereci naquelle dia a ultima approvação de meus Mestres.

§. XIII.

Eu pensei, que dalli hiria para casa, mas succedeo pelo contrario, pois tornei para a cadêa; porque o

Vice-Reitor havia dado conta da minha prizão, e crime ao Reformador Reitor, e só por ordem sua he que eu podia ser solto: fui com effeito, e como fui eu? em duas alas de Estudantes com os pretos na dianteira tocando *os maravia* nos seus clarins, e eu atraz com os Lentes, e Oppositores, que me assistírão, honrando-me não só até á Formatura, mas até á porta da cadêa, aonde estive os meus oito dias: mal que sahi, cuidei nas minhas Cartas, aluguei besta, e parti para a minha casa.

§. XIV.

Eis-aqui, meus Leitores amigos, e inimigos, os meus acasos, contados sem affectação de estilo: tudo são verdades, e huns sabem de humas, os outros das outras; bem alcanso que o Público podia escusar huma semelhante Obra, mas eu não podia escusar-me della; e o que não faz mal aos outros, e a mim me aproveita, he licito que eu o faça.

§. XV.

Agora para inteiro complemento de minha palavra, aqui vos offereço a terceira, e quarta Parte do Passarinho, gandaiada no borrão que appareceo, mas com suas faltas: e logo depois as Posthumas de meu irmão, tambem annunciadas; e não lhes ponho rubricas, porque ignoro as razões dellas. Regalai-vos, e cuidai de completar a boa extracção; que assim animareis a minha penna, o que algum dia vos dê fructos mais bem sasonados.

O PASSARINHO.

PARTE III.

I.

SE não me engana o desejo,
Alli d'aquelle raminho
Parece-me ouvir cantando
O meu terno passarinho.

II.

II.

He elle; e apenas me vio,
Posto nos pés adejando,
No movimento das pennas
Parece estar-me chamando.

III.

Meu Passarinho, as saudades
Disfarçá-las mal podemos,
No mal, e no bem nos lembra
Sempre a terra em que nascemos.

IV.

Eu te desculpo voltares
A' tua pátria, porém
Já que tive esta ventura,
Dár-me novas do meu Bem.

V.

Que faz, em que pensa Nize?
Inda permitte o destino,
Que occupem sua alma terna
Lembranças do seu Francino?

VI.

VI.

Inda quando do Regaça
A margem fulva passea,
De Francino escreve o nome
Co' dedo branco na arêa?

VII.

Ainda, quando suspira
Nos instantes d'amargura,
O nome do seu Francino
Com seus suspiros mistura?

VIII.

Mas tu soltas pios tristes
Virando-me o bico esquivo?
Da novidade que inculcas
Não me occultes o motivo.

IX.

Se Nize me foi perjura,
Como eu de teu gesto infiro,
Dize-o, que o mesmo fez Marcia,
Custou-me, porém respiro.

X.

Conta, sem dó de minh'alma,
Quanto se ha por lá passado:
Os infortunios não matão,
Quem foi com elles creado!

Passarinho.

Quanto me custa, Francino,
Expressar a traição crua;
Nize, porque'inda suspiras,
Nize cruél, não he tua.

XII.

Já d'outro Pastor escuta
'As finezas maviosas,
Já sem rebuço lhe beija
Os dedos, e as mãos mimosas.

Francino.

Foi possivel? posso crê-lo?
Que me dizes! ah perjura!
Onde estão votos tão fortes?
Aonde está tanta jura?

XIV.

Dize, amavel passarinho,
O meu mal do seu começo,
Por estas lagrimas tristes,
Tão triste historia te peço.

XV.

Mas como te póde ouvir
Testemunha desta affronta,
Pousa-te aqui no meu braço,
E tudo á risca me conta.

Passar.

Triste Pastor, não quizera
Magoar-te o coração;
Mas como teu pranto empenhas,
Ouve a fatal narração:

XVII.

" Depois que te vim trazer
" Noticias de Nize bella,
" E deixei os pátrios campos
" Pela ventura de vê-la.

XVIII.

" Junto da fonte, onde a ingrata
" As tardes hia passar,
" De pranto orvalhando as flores,
" De ais tristes enchendo o ar.

XIX.

" Entre os loureiros viçosos,
" Que a rodeão, me assentei;
" E os passos de Nize bella
" Por longo tempo observei.

XX.

" Ainda em sua alma pura
" Francino só residia,
" E quando em ti se fallava
" Seu pranto ao rosto descia.

XXI.

" Mas.... ó tyranno momento!
" N'huma tarde, que assentada
" Estava á sombra d'hum freixo,
" C'o a face na mão nevada.

XXII.

XXII.

„ Chegou-se hum Pastor risonho,
„ Com todo o garbo vestido;
„ E nella fitando os olhos,
„ Lhe disse dando hum gemido.

XXIII.

Nize bella, quanto he justo
Proves o fel do destino;
Já que indiscreta te déste
Toda ao amor de Francino!

XXIV.

Que esperas tu infeliz
Desse Pastor desgraçado?
Ah se tem lições d'Amor,
Não tem lavras, nem tem gado!

XXV.

Não o vês mendigo, pobre
Expulso do ar paterno,
Sem ter, que lhe creste a calma;
Nem leve a chuva do inverno?

XXVI.

XXVI.

A isto respondeo Nize:
Menalca, a ti te parece,
» Que não póde haver Amor,
» Sem ser filho do interesse?

XXVII.

» Pois eu d'outra sorte penso;
» E o Amor que he verdadeiro,
» Deixa bizarro hum rebanho,
» Pelo valor de hum Cordeiro.

XXVIII.

» Assim mesmo abandonado,
» Perseguido como o vejo,
» Não descubro sobre a terra
» Outro mais do meu desejo.

XXIX.

Ah Nize (disse Menalca
Descendo-lhe ao rosto o pranto)
Se como a Francino adoras,
A mim me adoráras tanto.

XXX.

XXX.

Então . . . e a falla tremente
Na garganta ficou muda,
Vendo que afflicta a Pastora,
Para o lado os olhos muda.

XXXI.

E depois de estar pensando,
Immovel por hum bocado,
Chegou-se mais de perto,
Lhe disse em tom confiado.

XXXII.

Trezentas ovelhas minhas
Encalvecem estes montes;
Com quarenta bois de canga
Seco os rios, seco as fontes.

XXXIII.

Tenho cabana subida,
Por maiores habitada;
Serás de tudo Senhora,
Dando-me essa mão nevada,

XXXIV.

Decide a tua ventura;
Que Francino usuro calea;
E por huma vez escolhe,
Ou a Francino, ou Menalca.

Franc.

Que lance, em que póde Nize,
Fazer grande o nome seu!
Não me demores mais, dize
A qual de nós escolheo?

Passar.

A Menalca, com horror
Das aves que isto escutárão:
E tremi, e as claras aguas,
Da fonte hum pouco parárão!

Franc.

Que importa ter Jove os raios,
Que na turba mão se accendem,
Se impunes se fazem velhos,
Os impios que os Ceos offendem.

XXXVIII.

Não digas mais, que debalde
Co' valor huma alma conta,
Escutando, ou vendo lances,
Que cedem em sua affronta.

XXXIX.

Aconselha-me, avisa;
Em tanta dor me diviso,
Que tendo razão mais alta
De teus conselhos preciso.

XL.

Sim cruel, sim aleivosa,
Succumba Amor á razão;
Ella mostra, que inda ganha
Quem perde o teu coração.

XLI.

Eu antevejo, eu te juro;
Que mais dia menos dia
Hão de os Deoses justiceiros
Castigar-lhe a aleivosia.

XLII.

Augure a cruel, augure
O seu futuro destino;
E veja, como inda Marcia
Chora o perdido Francino.

XLIII.

Mas de que serve queixar-me
No mal, em que o peito luta,
Se não se farta o desejo!
Ah que a falsa não me escuta.

XLIV.

Quero, avesinha, escrever-lhe;
Quero-a de tudo accusar;
Esta Carta, a derradeira
Has de lha tu entregar.

XLV.

Foste fiel mensageira
Das ternuras; eu te rogo,
Queiras ser a testemunha
Do meu justo desaffogo.

Passar.

Não, Francino, quando eu vi
O premio dos teus pezares,
Jurei pela Aguia de Jove
Não voltar a taes lugares.

LVII.

Já quasi que enamorado
Naquelle Paiz me tinha,
Já huma ave, por ouvir-me,
Junto áquella fonte vinha.

LVIII.

Vendo porém, que as Pastoras
Alli tão mudaveis são,
Disse comigo mil vezes,
As aves, que taes serão.

XLIX.

E vendo chegar-se o tempo
Do meu ninho fabricar,
Vim procurando o Mondego,
E jurei de não tornar.

Franc.

Fazes bem, e mostra ao mundo,
Que inda sendo huma ave rude,
Faz em ti mais impressão,
Que fez em Nize a virtude.

LI.

Mas jà que aos rogos de hum triste,
Tens sido tão favoravel,
Não queiras desamparar-me
No lance mais ponderavel.

LII.

E certo de que te moves,
Aos ternos suspiros meus,
Eu vou escrever á falsa,
Até nos vermos, a Deos.

PARTE IV.

I.

JA' do Sol os raios dourão
Esses remotos outeiros,
Já pela relva mimosa
Saltão balando os cordeiros.

II.

Em cantilena alternada,
Vão de raminho em raminho
As aves mansas; mas'inda
Não vejo o meu passarinho.

III.

Dar-se-ha caso que não queira...?
Mas enganei-me, e pulsando
As leves pintadas pennas
Vem este sitio buscando.

IV.

Aqui te aguarda, avesinha,
Esta alma de penas farta,
Que velou a noite inteira
Ordenando a triste Carta.

V.

De ti sómente a confio;
E peço por compaixão,
Que só a largues do bico
Dessa perjura na mão.

VI.

Mas porque póde talvez
Zombar de novo comigo,
E o meu justo desaffogo
Guardar astuta comsigo.

VII.

Sê tu fiel testemunha
Das expressões, com que a trato;
Vê como ensina a razão,
Tratemos hum peito ingrato.

VIII.

VIII.

Em muita pausa ta leio;
Vê se a concebes na idéa,
Para que possas cantá-la
A's gentes da minha Aldêa,

IX.

Presenciaste qual foi
Deste amor a recompensa?
Presencêa de que modo
Sei vingar a minha offensa.

X.

Mal que ao Regaça aportares,
Quanto sabes manifesta,
Expõe o meu desagravo,
E a letra da Carta he esta:

XI.

Se o novo Amor que domina
Em teu coração ferino,
To permitte, lê, traidora,
Letras do triste Francino.

XII.

XII.

Vê, se as conheces no talhe;
Pois desmentem do que tratão;
Se antes tratavão de amores,
Agora offensas relatão.

XIII.

Então no liso papel,
Me ensaiava amor tyranno,
Agora a penna me rege
O candido desengano.

XIV.

Quem eras tu, quando Amor,
Urdindo a minha desgraça,
Te apresentou a meus olhos
Nas campinas do Regaça?

XV.

Huma singela Pastora;
Que nada mais possuias;
Que meia duzia de ovelhas,
Que pelos montes regias.

XVI.

XVI.

Nada mais te conheci,
Por tua, ou minha desgraça;
Do que o fatinho do corpo,
E a cabana pobre, e escaça.

XVII.

He verdade que eu tambem
Mui pouco tenho de meu,
Mas o ser rico, ou ser pobre
São providencias do Ceo.

XVIII.

Neste estado te agradei,
Neste estado me agradaste,
E se eu não mudei de estrella;
Para que me abandonaste?

XIX.

Não me disseste mil vezes,
Em terno pranto banhada,
Que só na minha choupana
Serias affortunada?

XX.

E que de quantos Pastores
Na nossa Aldêa vivião,
Alem de Francino, os outros
Em geral te aborrecião?

XXI.

Pois porque pode Menalca
Merecer-te amor tamanho?
Porque tem subida choça,
E rege hum vasto rebanho?

XXII.

Tudo isso são bens da sorte;
Ella que os dá, ella os tira,
E a Fortuna lisongeira
De modos diversos gyra.

XXIII.

Tu não vistes, que Fabricio
Era o mais rico da Aldêa,
E que hoje, nem hum só grão
Em terra sua semeia?

XXIV.

Não viste o mesmo Menalca,
Pastorando o gado alheio,
E por mudança do tempo
Ter de bois o curral cheio?

XXV.

Daqui devias pensar,
Que se Menalca tem mais,
Eu com fortuna podia
Contar rebanhos iguaes.

XXVI.

Ah que da feia mudança
Esta não foi a rasão,
Fizeste nisso o que fazem
As da tua condição!

XXVII.

Que esse tempo em que as mulheres
A fé sabião gurdar,
Era bom, mas foi-se embora,
E já não ha de tornar.

XXVIII.

Não penses que o teu desprezo
Me fez em raiva accender,
Custou-me, não sei negá-lo,
Porque eu sube-te querer.

XXIX.

Eu não te amava zombando,
Morri por ti, podes crer-me,
Mas hoje, ve quanto posso,
Cheguei de tudo a esquecer-me!

XXX.

A cousa mais desprezivel,
Da mais baixa estimação,
E a Nize, que terno amava;
Devem-me a mesma paixão.

XXXI.

Se d'antes de conhecer-te,
Te vira d'outro nos braços,
O coração no meu peito
Se me faria em pedaços.

XXXII.

Agora; quando Menalca
Fosse hum meu grande inimigo,
Que mais queria, que ve-lo
Passar a vida comigo!

XXXIII.

Mas faz-me tamanho horror,
Hum perjuro coração,
Que delle, e qualquer que te ame,
Tenho justa compaixão.

XXXIV.

Se acaso, Nize, presumes,
Que eu fallo de sentimento,
Bem como tu me enganaste,
Te engana o teu pensamento.

XXXV.

Mais ditozo estar não póde
O ditoso naufragante,
Que toca a praia seguro
Do bravo mar inconstante.

XXXVI.

Do que eu me vejo, perjura,
Levantando as mãos ao Ceo,
Por conhecer-te, inda a tempo
De me livrar de ser teu!

XXXVII.

Tomára toparte já,
Onde choroso te vi,
Para a veres a frescura,
Com que me rio de ti.

XXXVIII.

Outro fora, que indiscreto
Me entregasse á minha dor;
Mas eu no meu sangue frio
Tomo despique melhor.

XXXIX.

Pois sem me affligir a mim,
Póde ser que te consuma,
Reflectindo, que o perder-te
Me não causa pena alguma.

XL.

Não porque eu deseje ver-te
De agudas penas cortada,
Pois inda que hoje me deixas,
Tu já foste a minha amada.

LI.

He de justiça com tudo,
Que arranques do peito os ais,
Não por gloria de Francino,
Mas para exemplo das mais!

XLII.

Ah Nize! e quando tu vires
Quantas prendas me tens dado,
Postas no peito, em trofeo
De hum peito desenganado?

XLIII.

Não te has de lembrar das juras
Que tão sisudo fizeste?
E dos votos, que inflammada,
Firmastes, quando m'as déste?

XLIV.

He forçoso, porém faze
De conta, que tudo he nada;
Que forão lances de Amor,
Mas em hora desgraçada.

XLV.

Que eu tambem de mim Senhor,
Lhe faço essa mesma conta,
Sem ter o menor remorso,
Que isto ceda em minha affronta.

XLVI.

A Deos, Nize, e fica certa,
Que do teu genio traidor,
Não só te não peço contas,
Mas dou as graças a Amor.

XLVII.

Pois basta para despique,
Ver, cruel teu coração,
Nessa Aldêa a quem mais der,
Como fazenda em leilão.

XLVIII.

XLVIII.

Terno te amei, duro fujo
Enganos que encontro em ti;
E se para mim morrestes,
Suppõe que tambem morri.

XLIX.

Avesinha, vai ligeira,
E depois me contarás
O caso que esta perjura
Do meu desengano faz.

Passar.

A Deos, Francino; eu prometto,
Mal que o papel lhe entregar,
Dizer aos teus patriotas,
Quanto delle me lembrar.

LI.

E as azas equilibrando,
Verei meu ninho querido,
Trazendo a fiel noticia
De quanto houver succedido.

OBRA

※※※※※※※※※※※※※※※

OBRAS POSTHUMAS
DE
ANTONIO GOMES
DA SILVEIRA MALHÃO.

SONETO I.

NUm sitio, que ornão, variadas flores,
Que sem arte puzera a Natureza,
Tentando á força huma arriscada empreza,
Amor punha por orde' os seus Amores:

Marilia, a quem huns olhos matadores
Escudão sua indomita fereza,
Entrou no campo, e em vez de ficar preza
Triunfou de Cupido, e seus furores!

Desgraçada da fraca humanidade,
Porque fica sugeita á desventura
De soffrer mais tyranna Divindade!

Amor tinha alguns dias de brandura,
Porém Marilia, que ama a crueldade,
Não tem instante, em que não seja dura.

SO-

SONETO II.

CO'a minha Lilia Amor brincando hum dia,
Ora os olhos formosos lhe beijava,
Ora às tranças de rosas lhe ennastrava,
Ora o seu rosto com seu rosto unia:

Humas vezes finezas lhe dizia,
Outras preza em seus braços a apertava,
Porém Lilia em resposta lhe tornava,
Estas palavras, que eu de longe ouvia. =

,, Não te canses, Amor, o meu Alcino,
,, He quem domina hum coração amante,
,, Que me deo felizmente o meu destino =

Amor pasma! por ver não he bastante,
O throno, o sceptro, e seu poder divino
Para hum peito mudar terno, e constante!

SONETO III.

TEm Armenia huns cabellos ordeados,
Com que os ventos brincando as vistas prendem;
Com teus olhos gentis as almas rendem
Os Amores entre elles disfarçados:

Os jesmin com as rosas misturados
As bellas Graças por seu rosto estendem;
Dos rubros beiços os desejos pendem,
Por seu halito doce sustentados.

No alvo collo, na cintura airosa,
Mostrou quanto podia a Natureza,
Que depois de os formar ficou vaidosa!

O Ceo que a vio, por completar a empreza,
Fez que viesse huma alma virtuosa,
Animar inda mais tanta belleza.

SONETO IV.

ENtre vivas esperanças, e temores
Junto aos olhos formosos de Tircea,
Quaes abelhas em roda da colmêa
Vi hum dia os ternissimos Amores:

Huns tremendo lhe ennastrão d'alvas flores
A trança, que no eburneo collo ondea,
Ardendo outros em chamma, que ella atea,
Bafejando lhe accendem mais as cores.

Quiz cantà-la, corri a mão na Lyra;
Mal ouve as cordas, e conhece o canto,
Deixa os Amores, para mim se vira:

Os ternos moços o sentirão tanto,
Que o sitio, onde Tircéa alegre os vira,
Inda hoje banhão de saudoso pranto.

SONETO V.

A Caso julgas, que hão de ser constantes
Estes dias gentis, que ves raiando?
Cuidas que as Graças com Amor brincando
Sempre hão de rodear nossos semblantes?

Ve, Tircéa, que os rapidos instantes
Huns sobre outros, sem cessar gyrando,
Vão prezos a seus ferros arrojando
Os apressados annos inconstantes!

Antes que chegue a macilenta idade,
Que severa desfolha as frescas flores,
Nascidas na risonha mocidade;

Quebremos as cadeas dos temores,
Desse a nossos desejos liberdade,
Nutrão-se em nós ternissimos Amores.

SONETO VI.

VEndo morto o prazer, o Amor perdido,
E do frio Sicheo a fé manchada,
De accusadores erros insultada,
Tremendo vaga a furiosa Dido!

Ora quer arrojar de amor ferido
Ora o tenro peito sobre a Teucra espada;
Ora acode à Cidade incendiada,
Pelos zelos de Jarbas desabrido.

Té que vendo de hum lado o amor mal pago,
E do outro lado a indomita vingança,
Frenetica temendo hum novo estrago;

Rasgando as vestes, desgrenhando a trança,
Por entre as chammas da infeliz Carthago,
Chamando Eneas com furor se lança.

SONETO VII.

EM quanto sobre o leito desditoso,
O froxo corpo Alcino revolvia,
E da sua Marilis repetia
O dulcissimo nome saudoso;

Amor ante os seus olhos cuidadoso
Huma scena brilhante offerecia,
E no largo theatro apparecia
De Nynfas hum exercito lustroso.

Alcino, lhe dizia o Deos de Amores:
„ Escolhe d'estas, que Marilis bella
„ Repartio jà comigo os seus favores?

Diz-lhe Alcino: o prazer feliz de obte-la,
„ Talvez possão roubar-me os teus rigores,
„ Mas não a gloria de morrer por ella!

SONETO VIII.

POr entre as pardas nuvens do futuro
Já Marilia gentil, scintilla o dia,
Que ha de trazer na sua companhia
Os verdugos crueis deste Amor puro!

Já diviso com passo mal seguro
Os olhos baixos cheia de agonia
A lugubre saudade, que me envia
O decreto fatal do tempo duro!

Qual bruta penha, aonde o mar rebenta,
Resistamos ao bando dos cuidados,
Que em nosso pranto o seu rancor sustenta:

Sulquemos estes mares empolados,
Póde ser, que do seio da tormenta,
Amor nos salve, contra a mão dos Fados!

SONETO IX.

AInda vivo abri hum bravo toiro,
Arranquei-lhe as entranhas fumegantes,
Lancei-as sobre chammas crepitantes,
Fiz Amor Sacerdote deste agoiro:

Compridas vestes, recamadas de oiro,
Cingio co' hum cinto cheio de brilhantes;
Largou primeiro os ferros penetrantes,
Depois ornou-se de virente loiro.

„ Ve Amor, lhe disse eu: se a res queimada
„ Algum presagio venturoso augura,
„ Na distancia cruel da minha amada!

Marilis respondeo: será tão pura,
„ Que ha de amante guardar a fé jurada,
„ Até que chegue à fria supultura!

SONETO X.

AI minha Amada, que jà vão murchando
As Capellas, que as frentes nos ornavão!
As gostosas prisões, que nos ligavão,
Já se vão por si mesmas desatando!

Já se vem para nós encaminhando
Os dias, que os Amores agoiravão,
Quando sobre o teu peito s'encostavão,
Suas loiras madeixas desgrenhando!

Que remedio, meu bem, o tempo chega,
O triste Amor, tremendo vacillante,
Aos ferros da saudade as mãos entrego!

Ao menos se-me tu sempre constante,
Em quanto a ausencia à minha vista nega,
A presença feliz do teu semblante.

SONETO XI.

AMor nem sempre nega os seus ouvidos
A voz aflicta de hum fiel amante,
Que junto d'elle vôa a cada instante
Nas azas de ternissimos gemidos:

Nẽ sẽpre os Ceos, de negro horror vestidos,
Negão ao mundo a luz do Sol brilhante;
Muitas vezes escapa hum doce instante
A's mãos de imigos fados desabridos!

Sim caros moradores de Cythèra,
O meu tormento, que eu julgava eterno,
Cede á constancia, que em minha alma impera.

Se Marcia foi perjura, hoje governo
Tircéa, a quem o Ceo benigno déra
Mais bello rosto, coração mais terno!

ODE I.

A Antonio Caetano de Freitas.

CAro Freitas, pedaço da minha alma;
Meu doce amigo, resto precioso,
Que eu apenas salvei d'entre as ruinas
Do contrario destino!
Com que socego hum throno perderia!
Porém perder-te, ó Ceo! tu bem conheces,
Que na minha balança peza menos
O mundo, que hum amigo!
Tu inda há pouco viste a mão do Fado
Arrancar-me pedaços das entranhas!
Mas tua reflexão, tua presença
As chagas me curárão!
Se se apaga o farol, que me guiava
Nos empolados mares da fortuna,
Acabarei, qual lenho espedaçado
Dos ventos sibilantes!
O bem da humanidade te convida,
Tu não és surdo á voz da Natureza;
Mas olha, que a amisade he mui zelosa
Da vista de seus filhos!

As

As nuvens vomitando accesos raios
Tremendo a terra nos antigos eixos,
Não abalão minha alma, quanto a abala
O susto de perder-te!
Mal sabe o avarento, quando a sorte
Lhe furta d'entre os braços os thesouros,
Que ainda ha no mundo mais terriveis scenas,
Perdas mais lamentaveis!
Quem neste bosque emmaranhado, e escuro,
Habitado por surdidos abusos,
Me ha de por no caminho embaraçado
Da candida verdade?
Tu no meio da noite tenebroza,
Eras a tocha da rasão brilhante,
Que na borda dos ingremes penhascos
Me evitava os perigos!
Eu tremo, ó Ceos, o coração se gela
Erriça-se o cabello, o sangue pára!
Estes são nuncios da terrivel morte,
Sim a morte não tarda!
Mas ah que a voz do caro Freitas sôa!
» Nos revoltosos mares da ventura,
» O constante Varão arrosta firme
» Os visinhos cachópos.

Sim

Sim eu sou homem; se he dos homens todos
Herança certa a morte trabalhosa,
Como estranho a partilha, que tem feito
Comigo a Natureza?
Doce amigo, conserva na lembrança
Amar a Patria, ser o bem dos homens;
Morrer pelos amigos, deixar pura
A posthuma memoria!

ODE SAFICA.

NÃo tenho lavras, nem possuo quintas,
Aonde colha, na sazão doirada,
Loiras espigas, rubicundos pômos
Para brindar-te.
Ricas alfais, magestosos tectos
Não teve Homero nem Virgilio os teve!
As sacras Musas habitar costumão
Toscos alvergues.
Mas, se tu queres amorosos versos;
Puros desejos, esperanças vivas,
De mim voando, nas pintadas asas
Amor tas leva.

Ah não lhe mostres carregado o rosto
Aperta-os meiga no nevado peito,
Sustenta-os terna, com surrisos doces
Amante os beija.
Em troco delles hum suspiro brando,
Ainda quente de teu vivo fogo,
Derreta o gelo, que em minha alma prendem
Frios temores!
Magros receios, que piando agoirão
Nublados dias, huma vez, batendo
As negras azas, respirar me deixem
Hum ar mais puro
Mortal não vejo, que ao sôar teu Nome
O não respeite, como lei dos Fados!
Se tu mandares, choveráõ prazeres
Sobre meu peito!
Ah não desprezes incessantes rogos,
Que aos teus ouvidos, como verdes heras
Se enrolão juntos, a pedir-te o premio
Dos meus amores.
Não julgues Marcia, que a belleza perdes,
Por não torrares com travessos olhos,
Nas crueis aras do mortal desprezo,
Puras finezas!

As

Venus formosa nada alcança irada !
Porém se o pranto sua face orvalha,
Amaina as iras, que excitara Juno
No sacro Jove.

ODE III.

ENtre os braços da languida pregui-
ça,
Coroado de verdes dormideiras,
Esgoto sequioso o nectar doce
Do placido socego.
Ternos Amores, brincadoras Graças,
Em roda de mim, soltão brandos hym-
nos,
Que entre hum bando de idéas amoro-
sas
Me prendem os sentidos!
Ligada com prizões de rubras flores;
Tircéa no meu peito a face encosta,
Receando acorda-la, me palpita
O coração com susto!
Em quanto dorme, fervidos desejos
Apinhados nos ares, se conspirão
Contra o respeito, que acordado a zela
Qual Argos vigilante!

Os

Os molles sonhos, levemente postos
Sobre a testa nevada, o véo desdobrão
Em que a scena gostosa lhe apresentão
De futuros prazeres.
Em vivas esperanças engolfada,
Dando credito aos sonhos, se espreguiça
E ao despertar, prendendo-me nos braços,
Bem diz a fantasia.

ODE IV.

EM quanto envolto
No meu tormento,
Entrego queixas
Ao surdo vento;

Tu sobre o leito
De molles flòres,
Que em torno cercão
Brandos Amores;

Pois que Erycina
Te enrama a frente,
E Amor te inflamma
N'hum estro ardente:

Pin-

Pinta huma Nynfa
D'olhos tão bellos
Que a mesma Venus
Pasme de vellos.

Pinta-lhe as faces
De lacar vivo,
Raiando entre ellas
Hum riso esquivo.

Finge que aos beiços,
De estranha graça,
Branda ternura
Rindo se abraça.

Põe-lhe no collo,
De Amor thesouro,
Sem ordem soltas
As tranças d'ouro.

Mas não, não pintes
A minha Amada,
Que Amor ma furta,
Se a vir pintada!

ODE V.

GUião-te as Musas
Ao Sacro Monte,
E dão-te a Lyra
D'Anacreonte.

No ar suspensos
Brandos Amores,
Em quanto a affinas,
Derramão flores.

Em roda as Graças
De ti vôando,
Com meigos risos
Vão-to inspirando.

De Chypre a Deosa,
Co' as mãos mimosas
Te cinge a frente
De myrto, e rosas.

Antes que toques,
N'hum breve espaço
Amor te ensaia
Na Lyra o braço:

Em quanto cantas;
Estão sahindo
D'entre teus beiços
As Graças rindo.

Tudo te mostra,
Doce Cantor,
Quanto he ditoso,
Quem louva Amor!

ODE VI.

TOdos os dotes
De mais belleza,
Que tinha occultos
A Natureza,

Dos aureos cofres
Amor furtou,
E unindo-os todos
Marcia formou.

Sahio-lhe a obra
Tão rara, e bella,
Que Amor formando-a;
Pasmou de vêlla!

Depois contente
Por lhe ter feito,
Tão lindo o rosto,
Tão alvo o peito,

Deo neste dia;
Geral perdão
Aos que gemião
No seu grilhão.

Mas s'Amor terno
Todos soltou,
De novo Marcia
Os captivou!

ODE

ODE VII.

CAra Josina;
Teu lindo rosto,
Inspira n'alma
Suave gosto.

O Deos de Samo
Não he mais bello,
Nem tem mais loiro
O seu cabello.

Raia em teus olhos
Luz soberana,
Venus comtigo,
E Amor s'engana.

Rosto de neve;
Beiços rosados,
Faces de lácar,
Dentes nevados,

Mimo das Graças;
D'Amor rival,
Não tens no mundo
Nenhuma igual!

EPISTOLA.

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Josè de Sam-Payo Mello e Castro

MUitos, caro Sam-Payo, me perseguem,
Que ao som da Lyra nos meus versos cante
Varões, que de Mavorte os passos seguem:
Porque Lysia de novo o mundo espante,
Querem, que d'entre as sombras do passado,
Hum terrivel Pereira se levante!
Mas não posso, Senhor, não me foi dado
O estro desses dois, que eternizárão
O Teucro piedoso, o Grego ousado!
Inda as sábias Camenas não formárão

Pa-

Para mim huma crôa, indá com ella
Minha frente grosseira não ornárão.
Horacio, vigilante sentinéla
D'aquelles, que o consultão noite e dia,
De graves precipicios m'acautéla!
Se eu seguisse o furor, sem outra guia
Mais, que o cégo desejo, que m'inflamma,
Que enormes producções que abortaria!
Camões, quando cantou o forte Gama,
Já tinha a calva fronte encanecida,
Já devia comprar vindoira fama.
Será Musa infeliz, a que insoffrida
Seus vôos estender, por longos ares,
Sem que esteja de pennas revestida.
Rodeado de sustos, e pezares
Mil vezes se verá, o que atrevido
Sulcar aventureiro alheios mares.
Esse Monte, de loiros guarnecido;
Aonde as Filhas de Helicon habitão,
He por duros espinhos defendido.
Eu o vejo de cá, ellas me gritão,
E tendo-me mostrado a longa estrada,
De lá me chamão, a subir me incitão.
Mas eu meço a distancia, e comparada
Com a minha fraqueza, pasmo, e tremo,

E

E seu doce convite não me agrada.
 Os riscos já conheço, os riscos temo;
E de ver tanta gente arrebatada,
Sentido do seu mal comigo gemo.
 Se huma arte cautelosa sopeada
Não tiver a fogosa Natureza,
Em erros cahirá precipitada!
 Ha versos, que já nascem com belleza;
Mas vem taes, que he preciso torneá-los,
E limá-los de falhas, e dureza.
 Outros vem, que o melhor será quebrá-los,
Ou fundi-los de novo, ou ir com geito
Sobre a dura bigorna exprimentá-los.
 Quem trabalha nas Artes sem preceito,
Depois de muitas lidas, e suores,
Quanto fructo lhe nasce he com defeito.
 Mas eu não dou preceitos; mil Authores
Desde os Gregos 'té nós, já tem prescripto
Sobre esta Arte divina as leis melhores.
 Eu confesso, Senhor, que assáz m'irrito,
Quando vejo perder na tenra idade,
Hum bem nascido, delicado espirito!

Este fogo voraz da mocidade
Deve ser moderado, mal rebenta;
Com as sérias lições da sã verdade.
Em vista deve ter todo o que inventa,
Que ás vezes a abrazada fantasia
Com disformes abortos nos contenta!
O Escritor prudente até vigia,
Para emendar nas horas socegadas,
O que fez nos momentos de alegria.
Tanto custão no campo a ser obradas
Acções grandes, ao lado de Mavorte,
Quanto custão na Lyra a ser cantadas!
Aquelle, que levar além da morte,
Por armas, ou por versos sua gloria,
Nada tem que invejar d'humana sorte.
Hum bom Poema, huma gentil vi-
ctoria,
São os Numes só dignos de occuparem
As santas Aras d'immortál memoria!
Se das suas venturas se lembrarem
Achilles, e Homero juntamente,
Tem a mesma razão de jactarem!
O Poeta, que erguer no mundo a fren-
te,
Coroado dos loiros com a rama,
Iguala ao Rei no solio resulente.

De-

Desejoso, Senhor, desta álta fama;
Já sobre os livros tenho ao Ceo rogado,
Que talhando-me em vós hum novo Gama,
Seja hum novo Camões de mim formado.

SEX

SEXTINAS.

I.

A Vós, saudosas margens do Mondego,
Costumadas a ouvir de Ignez as quixas,
A vós afflicto o meu queixume entrego,
Que as minhas chagas são das mesmas flexas!
E tu, Marilis, se he que tanto pódes,
Ouve o meu pranto, já que não me acodes!

II.

Depois que Amor, usurpador tyranno
Deste reino feliz da liberdade,
Vestido com as roupas do engano,
Sobre as aras corruptas da amisade,
Jurou fingidos votos de ternura,
Nunca mais vi o rosto da ventura!

III.

Não me queixo de ti, alma divina,
Pois que tu dos meus erros não tens culpa!
De Amor me queixo, porque a errar m'ensina,
E depois os meus erros não desculpa!
Mas agradeça o impio à natureza
O throno, que lhe deo sobre a fraqueza!

IV.

IV.

Esta bruta fraqueza que fundando
Nos molles corações seu reino austero,
Unida das paixões ao torpe bando,
Maneata a razão ao carro fero;
Terrivel mal, insupportavel damno,
A que tem condemnado o peito humano!

V.

Sim, Marilis gentil, depois que amante,
Mas amante infeliz, amei teu rosto,
Não cabe sobre os meus dias hum instante,
Que não venha coberto de desgosto!
A lugubre carreira de meus dias,
Vai tropeçando em novas agonias!

VI.

Cada vez que me lembra esse momento,
Em que vi os teus olhos matadores,
Entre gèstos de brando sentimento,
Prometendo ternissimos amores,
O peito sinto repassar de mágoa,
O triste rosto se me arraza d'Agoa.

VII.

VII.

Ah Marilia, Marilia! quem diria,
Que hum amor só nutrido com brandura,
Tendo apenas nascido morreria,
Entre os braços cruentos d'amargura!
Infelices de nós, somos forçados
A servir mais ao mundo, do que aos Fados!

VIII.

Entrava a renovar em nossos peitos
Esta doce paixão, que nos mantinha;
Jà entre grossa chuva de respeitos
Correndo para nós o medo vinha,
Semeando, entre candidos amores,
Suspeitas vivas, infieis temores.

IX.

Amor, que n'outro tempo apparecia,
Entre esquadrões de risos amorosos,
Hoje tem por amavel companhia,
Receios tristes, sustos pavorosos!
Todo o prazer, que lhe animava o rosto,
Tornou-se em sombra de mortal desgosto!

X.

X.

Aquella doce voz, com que entretidos,
Largas horas nos tinha conversando,
Transformou-se nos lugubres gemidos,
Que vão dispersos pelo ar vôando!
Té que opprimidos de mortal tormento,
As azas fechão, exhalando o alento!

XI.

Os clarissimos dias de ventura,
Coroados de flores graciosas,
Vierão terminar sua doçura
Em noites de tristezas pavorosas!
Nas quaes, por entre o seio do negrume,
Fuzila às vezes rabido ciume!

XII.

Aquella doce fonte de ternura,
Onde a sede de amor mal se fartava,
Que vertia huma lymfa doce, e pura,
Que mais sede nas almas despertava,
De todo se seccou, morrendo à sede,
Em vão este alimento o peito pede.

XIII.

Esta Scena feliz está cercando
Hum grosso véo de intoleraveis dores;
Nosso ingrato destino vigiando,
Sendo chefe cruel de impios rigores,
Promette aos Deoses, de se unir aos Fados,
E fazer nossos dias desgraçados!

XIV.

Constancia, minha Amada, huma alma terna
As iras dos destinos põe de parte,
Hum coração constante até governa
De Jove os raios, o furor de Marte!
A longa experiencia tem mostrado,
Que póde mais Amor, que o duro Fado!

FIM.